

DOM BOSCO

NO 150º ANIVERSÁRIO DO NASCIMENTO DE S. JOÃO BOSCO

Leonard Von Matt - Henri Bosco

DOM BOSCO

Tradução portuguesa de
ZITA GIVONI GARCIA

LEONARD VON MATT - HENRI BOSCO

DOM BOSCO

EDIÇÕES SALESIANAS - PORTO

1. A LABORIOSA INFÂNCIA DE UM SANTO

João Melchior Bosco nasceu no dia 16 de Agosto — o dia seguinte à Assunção — do ano de 1815. O lugarejo que lhe foi berço, Becchi, pertence à pequena comuna de Murialdo, em plena região de Asti. Não muito longe, fica uma grande povoação, Castelnuovo; segue-se Chieri, uma cidadezinha, e depois Turim.

É bela a região, fértil, cortada de vales e tranquila. Crescem ali a amoreira, a vinha, o milho, e fartas pastagens onde engordam rebanhos. Tudo nela traduz abundância, as casas são pitorescas e a população é de uma rústica solidez.

Gente paciente, positiva, fiel. Gente profundamente enraizada e em geral piedosa e dotada de espírito familiar.

Deste sangue herdou João Bosco uma força de carácter que em nada desmentiu as suas origens. Mas, através dela fez passar uma extraordinária corrente de imaginação, de intrepidez, de amor. Foi esse o seu pessoal contributo, a inspiração vinda do alto.

Foram seus pais Francisco Luís Bosco, um pobre lavrador, e Margarida Occhiena, ambos naturais da região.

De um primeiro casamento tivera Francisco Luís um filho, António. Margarida deu-lhe outros dois: José e João.

Dois anos após o nascimento deste último, o pai morreu (1817).

Desde então, os encargos de família — cinco pessoas ao todo — recaíram sobre Margarida. Contava ela 29 anos.

Era demasiado jovem para tão pesado fardo, mas possuía bom-senso, coragem, uma piedade intensa e humana compreensão. Bem cedo se apercebeu da natureza profunda de João que, sem dúvida, tinha muito da mãe. E felizmente, porque as crianças predestinadas entram em conflito com as famílias que, muitas vezes, lhes tornam bem dura a infância. Assim foi a de João.

Morto o pai que, com o esforço do seu braço, ganhava o sustento da família, como rendeiro, logo lhes faltou a melhor das suas receitas. Todos se lançaram então arduamente ao trabalho. Para trabalhadores este movimento foi absolutamente natural.

Até os onze anos viveu João em Becchi, e desde os quatro que ajudava nos vários trabalhos. Ia ao poço, à lenha, à erva; varejava, ceifava o milho e guardava a vaca; mais tarde já o viam cortar, mondar, sachar, partir a lenha.

A pé desde o alvorecer, o seu pequeno almoço era um bocado de pão seco e água. Depois, Margarida distribuía as tarefas pelos filhos. Ela era exigente. Porque é

preciso suar muito no trabalho para se viver, ainda que pobremente, de uma reduzida propriedade. E eles viviam penosamente.

Isto, porém, não os impedia de darem um quinhão aos mais pobres. Aquele humilde tecto era a própria hospitalidade.

E rezava-se ali. A mãe não sabia ler, mas sabia de cor a História Sagrada e ensinava-a aos três rapazes. E, assim, Deus estava com eles. Não somente em palavras, mas de facto. Invisível mas indubitável, a sua presença era a testemunha familiarmente atenta destas vidas tão simples.

João nunca duvidou desta presença. A tal ponto que, espontaneamente, misturava o culto dela às suas brincadeiras. Porque ele gostava ardentemente de brincar. Não somente por si, para seu prazer, mas também pelos outros. E sabia comportar-se como um actor. Embora muito pequeno imprimia às brincadeiras a sua marca original.

Nos dias de mercado, acompanhava a mãe às feiras dos arredores, onde malabaristas, palhaços, acrobatas e prestidigitadores exibiam os seus talentos perante os aldeões. João admirava-os, como toda a gente. Mas queria conhecer os segredos daquelas artes e espiava os exercícios com extrema atenção. Nada escapava àqueles olhos vivos! Depois, de novo em casa, experimentava imitá-los, pacientemente, até conseguir executar mesmo os mais difíceis.

Para seu prazer?... Sem dúvida! Mas também para oferecer aos vizinhos, crianças e adultos, um espectáculo invulgar. A conclusão, porém, é absolutamente inesperada! Porque, depois de executar hábilmente, diante de todos, as proezas dos forasteiros que admira — equilíbrio na corda, saltos perigosos, habilidades e peloticas — que vai pedir em paga o rapazinho a esse público por ele reunido num prado de Becchi? Que, no fim, todos recitem com ele um *Pai-Nosso* e uma *Avé-Maria*. E tem somente nove anos!...

Faz-se pagar — um dos traços bem vincados do seu carácter — mas em proveito de Deus. E, este comércio, ele o praticará durante toda a vida, oferecendo como mercadoria a sua caridade activa e não reclamando senão a parte do Céu como recompensa dos seus esforços. E o mais espantoso é que essas curiosas sessões acabavam por atrair os indiferentes e os escarninhos, que caíam de joelhos como todos os outros.

No inverno, João reúne o seu belo público num celeiro e lê, porque aprendeu a ler muito cedo. Os bons dos camponeses são analfabetos e ele lê-lhes descrições épicas dos *Reis de França*, velhas lendas em que assistimos às batalhas de Carlos Magno, Rolando e Turpin, histórias maravilhosas que o pequeno leitor chega até a mimar.

E, por fim, sempre a necessária oração. Invisível, Deus está presente a esta cena.

Arrelias não lhe faltam. E são as suas extraordinárias qualidades de espírito a acarretar-lhas.

Dentre estas qualidades destaca-se a memória, verdadeiramente assombrosa. Pois, certo dia, ao sair de uma missão, não repetiu ele ao Padre Calosso, palavra por palavra, tudo o que havia sido dito e até o plano desenvolvido pelo pregador?! O Padre Calosso não quer crer nos seus ouvidos e interroga-o:

— Que queres ser?

— Padre.

— E depois?

— Ocupar-me das crianças abandonadas...

Dom Calosso torna-se seu amigo e ensina-lhe um pouco de latim, firmemente decidido a encaminhá-lo até ao sacerdócio.

Daí todo o mal-estar em família! O mais velho, António, exclama em altos gritos: « És um camponês e camponês ficarás ».

Entretanto, Deus não abandona o pequenito, a quem desde os nove anos alenta com sonhos. E envia-lhe a sua Mãe, aquela Auxiliadora que, depois de lhe revelar a sua vocação e mostrar-lhe o caminho, o amparará ao longo de uma laboriosa e santa vida.

Aos onze anos (1826), em Castelnuovo, João aproxima-se da Eucaristia pela primeira vez. A mãe diz-lhe: « Conserva-te puro ». E ele mesmo confessou: « Desde então, tornei-me melhor, mais obediente ».

1 Este grupo de casas é Becchi, vista da Serra de Buttigliera. Um campanário aponta para o alto, por cima das árvores. É o da capela de Becchi, construída pelos Salesianos.

2 Aqui nasceu a Mãe Margarida, na família Occhiena. A sua casa natal pertence à aldeia de « La Cecca », da comuna de Capriglio. Dali a Becchi são apenas alguns quilómetros.

3 Os arquivos paroquiais de Capriglio conservaram este registo do baptismo da Mãe Margarida, nascida em 1788.

4 Francisco Bosco e Margarida Occhiena casaram-se nesta igreja de Capriglio.

5 Eis o *fac-simile* do registo do seu casamento.

6 Fotografia muito antiga da casa natal de Dom Bosco.

7 João Melchior Bosco foi baptizado em 17 de Agosto de 1815, no dia seguinte ao do nascimento. O seu registo de baptismo — aqui reproduzido — está guardado nos arquivos paroquiais de Castelnuovo.

8 Herdade dos Bosco, em Becchi. Modesta, mas propriedade sua. Ainda hoje não apresenta mudanças sensíveis. Em baixo, a cozinha e o estábulo da vaca; em cima, o celeiro, dois quartos, uma varanda de madeira, janelas estreitas, tectos baixos. Pobreza, mas não miséria.

9 O que hoje chamamos « o quarto matrimonial » é a única dependência com alguns ornamentos: os caixotes rústicos do tecto. Era o quarto de dormir dos esposos Bosco.

10 Nesta masseira, a Mãe Margarida amassava a farinha e fazia o pão caseiro de que se alimentou a infância rústica de João.

11 Três vacas e uma pastora à sombra de dois magníficos salgueiros. A toda a volta, prados. Nada mudou em cem anos. Estas árvores davam sombra a João e a Margarida quando vinham ao prado apascentar a sua única vaca. A terra é de pastagens fartas. Tudo ali é ameno. As colinas têm uma certa suavidade e o céu também. Os campos estendem-se livremente, sem valados nem sebes. É assim o campo entre Capriglio, Becchi e Castelnuovo, onde João exerceu o seu primeiro ofício: o de pastor.



Scaglia. Suscepit dominicus Ostolano huius loci
Joannes Secundus Tuccaro Rector.

Occhiara. Die 11 aprilis per me baptizata fuit Margarita hodie nata ex Melchiorio filio Michaelis huius loci, et Doménica quondam Francisci Bossone loci Olegio, conjugibus Occhiara.

Suscepit Margarita uxor Joannis Occhiara huius loci
Joannes Secundus Tuccaro Rector.

Prato. Die 3 aprilis per me baptizata fuit Margarita hodie nata ex Antonio quondam Maurilio huius loci, et Francisca quondam Josephi Casalengo loci Moncalieri.





4

Bosco

ed

Ochjenes
1817

super maximum
Bosco quondam Antoni viduum perobitum qd
Margarita Callieri ejusdem dum viveret & locoris
e loco Castrinovi ed Margaritam Ochjena filiam
viventis Melchioris loci Capriji, nullo velato
impedimento, nullaque interveniente opportuna
coram testibus ad id adhibitis Vignis Hyacinto

5



6

nuptus loci. *Joseph Simonds Mayor Vic For.*
 Die decimaseptima Augusti 1818.
 Bosco Joannes Melchior, filius Francisci Moysi ac Margaritae Oebrianae jugalis
 cum Bosce huius vespere natus, et hae vespere solemniter baptizatus ab D. R. D.
 Josepho Festa Vic. Patris fuisse Melchior Oebriens & Magdalena Bosce vidua
 quondam Secundi Oebriana hujus loci & loci Caprilii. *D. Bosco*
Joseph Simonds Mayor Vic For.
 Die decimoctava Augusti 1818.
 Lavetto Joseph Victorius, filius Pauli, & Margaritae Marchisio jugalium Lavetto huius

7









2. JOÃO, CRIADO DE LAVOURA, EM MONCUCCO

Quando Margarida se viu forçada a separar-se do filho, por causa do enteado, mandou-o para casa dos Moglia, em Moncucco, onde o rapaz deveria ficar dos treze aos quinze anos, como criado de lavoura.

Os Moglia eram boa gente. João vai para casa deles em pleno inverno, com uma pequena tróixa, alguns livros e roupa. Os patrões não lhe dão soldada, apenas cama e mesa. E jamais tiveram melhor criado.

Aos domingos, está livre. E aproveita-se dessa liberdade para reunir as crianças do lugar e ensinar-lhes o catecismo. É uma ideia fixa!

Nos raros momentos de lazer, o rapazinho volta aos livros e ao pouco latim que aprendera. Não renunciou aos seus projectos: será padre! Mas quem lhe pagará os estudos? Os tempos vão maus!...

Toda a península itálica está sob a influência das agitações devidas à Revolução Francesa, sobretudo desde a famosa invasão de 1796, durante a qual as vitórias de Bonaparte haviam abalado ou mesmo destruído a ordem política existente. Daí: guerras e revoluções; fluxo e refluxo de franceses, austríacos e russos; soberanos destronados que voltam a reinar; repúblicas que surgem para logo desaparecerem; novos reinos, novas dinastias. Até 1815, a Itália conheceu uma longa série de mudanças políticas e sociais que estrangeiros lhe impunham pela violência. Deste estado de coisas resultou uma instabilidade de regimes que bem depressa modificou o equilíbrio dos antigos Estados e favoreceu a penetração das ideias revolucionárias. Estas vão ganhar raízes e, apesar das restaurações internas, a Itália será agitada por grandes paixões políticas.

No decurso destas dramáticas agitações, sempre o Piemonte se encontra nas primeiras linhas. Quatro dos seus reis — Vítor Amadeu III, Carlos Manuel IV, Vítor Manuel I e Carlos Félix — perdem e reaquistam sucessivamente o trono, conforme o sucesso ou insucesso dos exércitos franceses que atacam incessantemente as coligações inimigas. Em 1798 é finalmente ocupado pela França que o divide, pura e simplesmente, em departamentos franceses.

Organização efémera, como tudo o que se faz e desfaz do norte a sul da Itália, campo de batalha das mais fortes nações da Europa. Moral e materialmente tudo foi profundamente atingido. A Península sòmente logra alguma estabilidade, embora breve, durante o Império. Mas Napoleão manda o Papa para o exílio, faz de Roma uma república e, por fim, um reino para o seu próprio filho.

Sòmente dezanove anos depois, em 1815, com a queda do Império francês, a

Itália reencontra alguns aspectos da sua antiga estrutura política, mas não a serenidade dos ânimos.

A golpes de espada, Bonaparte incutira-lhe ideias revolucionárias. Doravante, ela será como que uma fogueira a arder pelas ideias que põe ao serviço de um liberalismo cuja principal ambição consiste em conseguir, finalmente, a unidade italiana.

Mas, devido às suas origens, este liberalismo será por natureza anticatólico e, conseqüentemente, anticlerical. Certamente que este estado de coisas não iria facilitar a João Bosco a criação da sua Sociedade Salesiana.

12 Uma rica propriedade rústica, a dos Moglia, perto de Moncucco, a cinco quilômetros de Castelnuovo. Aqui, João foi criado de lavoura. Morava na casa que se vê em primeiro plano, à esquerda.

13 O estábulo dos Moglia. Falta apenas um rapazito, João Bosco.

14 O palheiro. Também tem a sua história. Quando

havia mau tempo, era aqui que João reunia os rapazes da vizinhança. E ensinava-lhes o catecismo. Onde, com maior fidelidade, teria podido evocar o Bom Pastor?

15 Os Moglia, boa gente, não davam mau alojamento ao seu criado João Bosco. O quarto tem muita luz, o leito é acolhedor. Um lugar em que, durante o sono, bem podiam surgir os sonhos...









3. A DIVINA PASTORA

João Bosco soube esperar contra toda a esperança, sustentado pelo Céu não sòmente por convicção moral mas também, e sobretudo, por maravilhosas visões sobrenaturais. O que ele chamava os seus « sonhos ».

Já se coligiram mais de cem desses sonhos e quase todos eles dizem respeito quer à Igreja, quer aos Salesianos, quer ao Oratório de Valdocco e aos seus rapazes. O primeiro desses sonhos foi decisivo e profético.

Um homem aparece a João. É o Senhor. Mas ele não O reconhece. No sonho batia-se contra um grupo de malandrins. O Senhor diz-lhe: « Deixa de bater. É preciso que venças pelo amor ». João, estupefacto e desconfiado, responde: « Aconselhais-me o impossível. Quem me ensinará esse amor? ». E o Senhor: « Minha Mãe, a Sabedoria ». A Virgem Maria aparece e fala: « Sem o saberes, tu batias-te contra lobos. Vai para o meio deles sem temor. Transformar-se-ão em cordeiros. Será esta, mais tarde, a tua vocação ».

João conta o sonho à família. E cada um dá o seu parecer. Primeiramente, o irmão António: « Vais ser chefe de bandidos ». Mas José atalha: « Não, pastor! Vais guardar carneiros ». E Margarida, a mãe admirável: « Esse sonho quer, talvez, dizer que vais ser padre... ».

Toda a vida e toda a missão de João Bosco nos surgem já neste sonho. Ele está na origem da sua santidade.

Sonhou-o João em 1825.

Isto ajuda-nos a compreender o papel que teve na sua vida o encontro — dois anos mais tarde — com o bondoso capelão de Murialdo, Dom Calosso. Nessa altura, não lhe diz João, claramente: « Quero ser padre »?...

Mas que ideia fazia ele dos padres?

Até essa data, os contactos com o clero não tinham satisfeito o seu coração. Venerava os padres à distância. Saudava-os. Mas eles passavam ao longe, sem uma palavra amiga, sem um gesto. Mais tarde ele próprio se há-de queixar: « Eu chorava de tristeza, e pensava e dizia aos meus amigos: Se um dia eu for padre, não hei-de fazer como eles fazem. Hei-de lidar com as crianças, dar-lhes boas palavras e bons conselhos ».

Felizmente que havia também Padres Calosso.

Mas, para os encontrar no seu caminho, era preciso trilhar o deles. Se João encontrou este bondoso sacerdote foi porque, em certa tarde do outono, Deus o fez seguir pelo caminho de Dom Calosso. Corria o ano jubilar de 1829.

Para receber as graças deste jubileu, a família Bosco ia a Buttigliera duas vezes por dia. De manhã, muito cedo, ouviam dois sermões; à tarde, duas práticas. Percorriam assim, diàriamente, dezasseis quilómetros e, naturalmente, a pé. Os piedosos peregrinos faziam o percurso em grupos. Dom Calosso vinha entre eles e não tardou em notar um rapazinho vivo e reflectido, que caminhava um pouco afastado. Interrogou-o:

— Percebeste alguma coisa do sermão desta tarde?

— O pregador falou na necessidade de não adiarmos a nossa conversão. E disse-o em três pontos: «Ao pecador obstinado um dia faltará o tempo, a graça e a vontade de se converter».

Espanto e emoção do velho padre.

— Gostavas de estudar?

— Oh! Sim! Mas o meu irmão António não deixa.

— E por que motivo queres estudar?

— Para ser padre. E depois ocupar-me dos rapazes.

— Vem ter comigo. Diz à tua mãe para vir também. Vamos fazer de ti alguma coisa.

E foi assim que João começou os seus estudos com o bondoso Dom Calosso. Mas isto não o impedia de tomar parte nos trabalhos do campo. Era preciso acalmar as cóleras do António!

— Basta de livros nesta casa — gritava ele. — Para se viver não são precisos livros. Eu tornei-me alto e forte sem estes alfarrábios.

Logo João retrucava:

— Também o nosso burro. E ainda é mais forte do que tu!

Daí a zaragata. E, diante do latagão, ao rapazito nada mais resta que fugir. Ele conhece por experiência a força do irmão. E não passa de uma criança... Foi o irmão da mãe, o tio Occhiena, quem resolveu a situação. Certa tarde de inverno (1828) o tio, por mero acaso, encontra o Joãozito a guardar o gado.

Interroga-o:

— Gostas de estar em casa dos Moglia?

— São bons, lá isso é verdade, mas o que eu queria muito era estudar. E aqui não posso...

Responde-lhe o tio:

— Torna a levar o rebanho aos Moglia. Eu vou a Chieri mas, à tarde, passo por Becchi. Tudo se há-de arranjar. Tu espera cá fora até que eu acabe...

E João (isto passa-se em Dezembro) espera-o transido, oculto num valado. Treme de frio e a noite aproxima-se.

Por fim o tio regressa do mercado e, com autoridade, reconduz João a Becchi. Depressa mete na ordem o irascível António.

Infelizmente por pouco tempo! Porque, mal acaba de partir, as dificuldades recomeçam. Para acabar com este estado de coisas, Margarida obtém as partilhas dos bens paternos. João poderá, finalmente, recomeçar os seus estudos. O bondoso Dom Calosso recebe-o. Tempo feliz!... « Ninguém — escrevia ele mais tarde — ninguém pode fazer uma ideia. Para mim, Dom Calosso era um anjo do Senhor. Eu queria-lhe mais do que a um pai, rezava por ele incessantemente, e servi-lo em tudo era para mim uma alegria. Sentia prazer em fatigar-me ao seu serviço, como testemunho de gratidão. Num só dia passado na sua humilde casinha, eu realizava tantos progressos como durante uma semana em Becchi ».

Mas, em Novembro de 1830, Dom Calosso morre...

Já no leito de morte, ele dá a João a chave de um cofre onde tinha guardado o dinheiro suficiente para que o rapazinho pudesse estudar até ser padre, sem cuidados de ordem material. João não hesita. Entrega aos herdeiros a chave, e com ela o dinheiro!

E ei-lo, mais uma vez, a depender totalmente da Providência Divina.

16 Mas os sonhos não excluem o estudo. Por isso à luz de um candeeiro, ou antes — e ainda mais modestamente — à luz da candeia, o menino precoce e predestinado estudou, reflectiu, qual abelha industriosa começou a fabricar o seu mel. Mesmo após um dia de trabalho rude, a noite pode convidar ao estudo.

17 João é esperto. Caiu-lhe das mãos uma garrafa de bom azeite. Um tesouro para pessoas pobres como os Bosco. Irá o rapazinho esconder esta falta? Não! Seria um pecado! Confessa-a, mas com uma pontinha de astúcia. Evidentemente, Mãe Margarida zanga-se. Então o filho entrega-lhe um pau para que o castigue. Mas o castigo fica sem efeito...

18 Desde muito pequeno que João ajudava na cozinha. Mais tarde, os conhecimentos adquiridos ser-lhe-ão úteis, quando tiver que fazer a sopa para os « filhos ».

19 Duas enxergas, quatro paredes caídas, um pequeno crucifixo. Um quarto bem mais pobre do que em casa dos Moglia. Aqui dormiam, lado a lado, os três irmãos Bosco: João, José e António.

20 Tinha visões celestes mas não acreditava em fantasmas. Um dia, encontrava-se João em casa da avó

materna quando se ouviram rumores suspeitos no celeiro. Um espírito? E que outra coisa pode ser? Todos têm medo, menos ele. Trepa até lá cima e descobre uma galinha entretida a comer grãos de trigo de dentro de uma peneira, que ia arrastando de um lado para o outro.

21 Tal como S. Francisco, amava os pássaros. Tinha um melro, e ensinou-o a cantar. Não obstante a gaiola, o gato comeu o melro! Grande desgosto! Para se consolar, João diz para consigo: « Nunca mais darei o meu coração a coisas da terra ». Reflexão bem estranha numa criança. Promessa temerária? Ele mais não fez senão dar o coração às coisas da terra, pois que os homens, criados por Deus, nascem e vivem na terra.

22 João tinha dotes de acrobata e de prestidigitador. E também o gosto do espectáculo. Quando acompanhava a mãe às feiras, observava atentamente pelotiqueiros e funâmbulos, para estudar os seus truques e, assim, poder imitá-los. De volta a casa treinava-se; e depois maravilhava os bons dos aldeões com os seus feitos de prestidigitador e equilibrista.

23 Esta fonte, chamada « Renenta », é o bebedouro aonde ele levava as vacas do seu irmão José, feitor em Sussambrino.

















4. DEZ ANOS DE PROVAÇÕES

Já vimos como terminou o breve tempo de felicidade em casa de Dom Calosso e se detiveram os primeiros passos de João nas sendas do saber. Saber necessário à sua vocação, o sacerdócio. Só a escola e longos estudos o poderiam conduzir até lá. Ora, seria preciso despende de 6 000 a 10 000 libras. E ele não tinha um tostão!...

Apesar disso, voltaremos a vê-lo nos bancos das escolas. Mas graças a uma extraordinária vontade de aprender, a numerosos trabalhos extra-escolares, a uma paciência a toda a prova!... De 1825 (ano em que começou a estudar) até à sua entrada para o Seminário de Chieri (30 de Outubro de 1835) passaram-se dez anos. Dez anos de provas, dez anos de trabalho incessante, dez anos de fé infatigável.

Assim, João Bosco estuda sucessivamente (mas com interrupções por vezes dramáticas) uma vez com Dom Calosso, depois com dois padres em Castelnuovo, e por fim em Chieri, na escola oficial.

E em toda a parte, com todos os mestres, ele dará sempre provas das suas espantosas qualidades de espírito, dos seus dons intelectuais.

O golpe cruel que foi a morte inesperada de Dom Calosso exigia decisões imediatas sobre se João devia ou não continuar os seus estudos. E Margarida queria que ele os continuasse.

Irá, portanto, a Castelnuovo, a casa de um padre que dá lições de latim. Mas irá a pé de Becchi até lá. Assim, caminhará cerca de vinte quilómetros por dia, muitas vezes descalço para não gastar os sapatos. E no inverno a estrada é de gelo. João enfraquece. Então Margarida instala-o em Castelnuovo, hospedado em casa de um alfaiate, a quem paga com géneros da quinta.

Mas a escola acolhe-o friamente. Mal vestido, os companheiros apenas vêem nele um pobre lapuz saído das profundas do seu rincão.

O próprio professor se mostra hostil. É peremptório e mesquinho.

— Que quereis vós que saísse de um buraco como Becchi? — gracejava ele num tom depreciativo.

E, no entanto, onde encontrar melhor aluno? Mas nada feito. Bem pode João traduzir sem um único erro textos latinos de nível bem superior ao da sua classe... o obstinado mestre entende que ele copiou pelos vizinhos. E, apesar das honestas negativas destes, não desarma... Uma única solução: tudo suportar com paciência. Mas João, impaciente por natureza, necessita de um derivativo.

Encontra-o em casa do seu hospedeiro, o alfaiate. Faz-se aprendiz. Cose, pica, debrua, talha. Tem habilidade para tudo. Bom trabalhador manual e intelectual, já se serve tão bem dos dedos como da cabeça. E não será perdido esse tempo! No princípio da sua obra, em Turim, de muito lhe irá servir o ter aprendido a talhar e coser.

Certamente que ele não pode ainda ver a sua obra tal como será edificada pela sua inteligência, pela sua vontade indomável e até pelas suas mãos. O que ele sabe de certeza é o caminho pelo qual essa obra deve passar.

Será pelo sacerdócio. Junto do mesquinho professor de Castelnuovo, ou junto do alfaiate de que é aprendiz, os seus olhares fixam-se numa mesma direcção. Fixam-se nos altares, na caridade, em Deus.

Mas Castelnuovo não basta para levar este pobre aldeão sem vintém até à dignidade sacerdotal.

A única cidade que permite uma tal ascensão é Chieri, onde há escolas, colégios oficiais e um seminário. Logo, era preciso que João pudesse ir para Chieri e, aí, estudar até ser padre.

24 Eis o caminho da escola. Vai de Becchi a Castelnuovo. João percorria-o quatro vezes por dia. Cerca de vinte quilómetros.

25 Murialdo. A igreja da aldeia onde o jovem Bosco muitas vezes ajudou à missa de Dom Calosso.

26 Aqui, também, nada mudou. Nesta sacristia de Murialdo, Dom Calosso, capelão do lugar, revestia-se dos paramentos, enquanto João, o seu fiel ajudante, preparava missal e galhetas.

27 Uma caixinha modesta. Mas continha 6 000 liras, soma considerável naquela época. Suficiente para

custear os estudos de João. Isso pensara o bondoso Dom Calosso. No seu leito de morte, a sós com o rapazinho, entrega-lhe a chave. « Tudo o que está lá dentro é teu. Guardei-o para os teus estudos ». Dom Calosso morre. Chegam os herdeiros... Sem uma palavra, João entrega-lhes a chave.

28 Panorama de Castelnuovo com os seus vinhedos. Ao longe, Becchi.

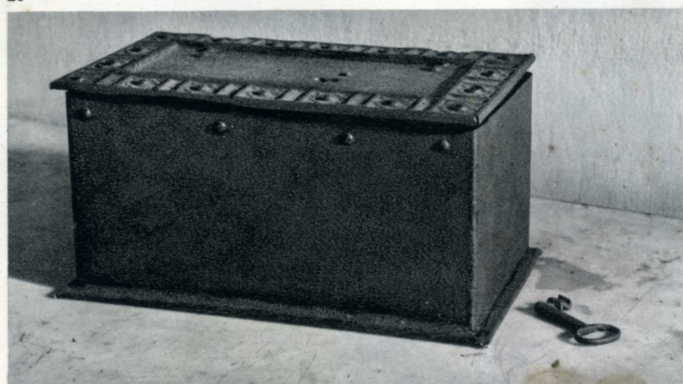
29 A torre e a parte alta de Castelnuovo, vistas do campanário, e a « Senhora do Castelo », lugar muito frequentado por João que gostava de lá rezar.







26



27







5. EXPLICADOR E CRIADO DE CAFÉ

É assim que, certa manhã, se vê entrar na pequena cidade dos estudos este adolescente espadaúdo. Leva dois sacos, um de milho e outro de farinha, e a trouxa às costas. E, todos os sábados seguintes, também Mãe Margarida virá, igualmente carregada de embrulhos, pão caseiro e castanhas. E mais 20 libras para a pensão...

Para João, este dia da chegada a Chieri é um grande dia. Torna-se pois necessário fixar a data: Novembro de 1831. Tem dezasseis anos. Isto equivale a dizer que está atrasado em relação ao curso normal dos estudos.

Mas, para ele, este atraso não tem importância. O que verdadeiramente conta é recomeçar o que já tinha tão modestamente iniciado. E fá-lo ainda com mais coragem depois de ter tido a prova do interesse dos vizinhos pela sua pessoa. O rapaz batera à porta deste e daquele. E nenhum deles se furtara. Estes excelentes camponeses sempre haviam estimado João Bosco. Deste modo, ele conseguira obter aqui algum dinheiro, ali uns ovos, mais adiante queijo, sapatos, uma jaqueta... O cura também dera o seu óbolo. Em suma, a aldeia em peso mandava-o para os estudos!

E não teria de que lamentar-se.

Para os outros — que não para João Bosco — para os abastados, a escola é apenas o lugar onde se estuda; mas a ele, que é pobre, vai obrigá-lo a uma vida dura. É certo que os estudos são gratuitos. Mas é preciso pagar o alojamento, a comida, a roupa, isto é, a parte mais dispendiosa desta existência. E para comprar livros e cadernos? Já vimos como a Mãe Margarida contribuía para estas despesas, mas a sua ajuda não era suficiente. Só um trabalho mercenário complementar lhe poderia angariar os minguados proventos necessários para tais despesas. Estas necessidades conheceu-as de perto João Bosco durante muito tempo. Criado e explicador em casa da senhora Matta, sua hospedeira, ele passa depois a servir um primo remoto, pasteleiro e dono de uma hospedaria. Aí, antes das aulas da manhã, varria e lavava o estabelecimento onde, à noite, contava os pontos dos jogadores de bilhar, que muitas vezes se demoravam até altas horas. Foi assim que conseguiu manter-se durante os seus dois anos de Humanidades. É verdade que aprendeu com o patrão a arte de confeitoiro em que deu excelente conta de si. No entanto, esse patrão só lhe dava uma sopa às refeições e o rapaz tinha fome. Uma fome que nem sequer podia satisfazer com tudo o que a Mãe Margarida lhe trazia, porque ela trazia pouco. E o frio!... O inverno

é rigoroso nestas paragens. Durante ele, muito tinha João que sofrer no sórdido vão de escada onde se encontrava alojado.

Ainda existem aquelas escadas que o viram estudar noites e noites à luz de uma vela. Mal nutrido, fatigado pelos trabalhos manuais, dormindo pouco ou nada, como prosseguiram os seus estudos? Ressentir-se-iam de tais circunstâncias?

Isso é conhecê-lo mal. Pelo contrário, a sua vontade de aprender ganhara forças com estas provas, a inteligência conservara-se viva e o ardor redobrava. Sem esta força de espírito e de carácter, como poderia ele recuperar o tempo perdido? Porque, na realidade, estava muito atrasado. Começara aos dezasseis anos e não é coisa fácil conhecer a fundo o grego e o latim.

É preciso seguir adiante, e ele segue. Faz dois anos num. Rapidez que, sem dúvida alguma, fica a dever ao seu trabalho. Mas sobretudo às suas raras qualidades mentais, a um espírito vivo que imediatamente grava o que aprendeu numa memória que tem algo de prodigioso. Já a conhecemos. Mas citam-se outros exemplos sempre espantosos.

Certo dia, na aula, o professor explica um trecho de Cornélio Nepos. Ora João esquecera-se do livro. Para que o mestre não se aperceba do facto, abre a gramática e finge seguir o texto. Mas os camaradas dão fé do subterfúgio. Agitam-se. O mestre, irritado, volta-se para João Bosco.

— Vais traduzir outra vez — diz ele — sem te escapar uma única palavra e citando todas as regras.

João começa a ler naquela gramática um texto inexistente. Explica-o e cita as regras. E nem um só erro!...

Os companheiros aplaudem. O mestre grita:

— Mas porquê estes aplausos?

E os alunos respondem:

— Ele não trouxe o *Cornélio*, foi de memória que leu.

O mestre aproxima-se estupefacto, obtém a certeza daquele quase milagre, perdoa a desordem e não esconde a sua admiração.

Porém João Bosco não descansava na facilidade que tinha em aprender, facilidade que chegava ao ponto de fazer com que ler e aprender de cor fossem para ele uma e a mesma coisa. Bastava-lhe ouvir a lição na aula para logo a fixar sem ter que a estudar em seguida. Mas ele aproveitava-se dos seus dons para aprender ainda mais. Passava dois terços da noite a devorar livros. Todos os clássicos, Dante, Petrarca, e até (coisa curiosa) Metastásio...

Nesta cadência faz os primeiros 4 anos do curso dos liceus em 2 anos e termina as suas Humanidades em 1834. Está preparado para ingressar no Seminário Maior, o que fará no ano seguinte.

Que sairá dali? Um sábio prelado? Bem o poderia ter sido. Mas João mira mais alto. Para ele, a juventude é sempre uma obsessão. O apostolado chama-o.

Imediatamente responde a este apelo.

O adolescente que, ainda criança, reunia os camponeses de Becchi, para os divertir e lhes fazer recitar orações, não podia deixar de ceder à necessidade imperiosa de criar um grupo cristão.

Em Chieri ele funda a « Sociedade da Alegria ». Depois dá ainda um outro passo em frente estabelecendo-lhe as regras: « Nem acções nem propósitos de que um cristão possa envergonhar-se. Cumprir os deveres religiosos e escolares. Ser alegre ». Mal que organiza o grupo, logo lhe dá ocupações: passeios pelo campo, almoços ao ar livre, conciliábulos, orações ditas em comum. Estes os prazeres que João oferece aos seus adolescentes... Orações como prazeres? — dirão os incrédulos... E por que motivo os que têm fé não hão-de achar prazer na oração?... Um prazer singular que se manifesta pelas alegrias da alma!... Isto em nada perturba um contacto vivo, e por vezes saboroso, com o que a vida tem de mais familiar.

Eis um testemunho.

Chega a Chieri um saltimbanco e apresenta o seu número à hora das funções religiosas vespertinas. E, para o admirarem, os rapazes desertam da igreja. A « Sociedade da Alegria » corre o risco de se desagregar. João diz para consigo: « É preciso reagir. Mas como? Há uma só maneira: fazer em público tudo o que o saltimbanco faz e melhor ainda. Desafiá-lo! ». A « Sociedade » acorre e fornece a aposta do desafio. Mas João terá que vencer em quatro provas: corrida, salto, dança da vara, escalada. O acrobata está treinado e é um especialista. Mas isso que importa a João? Ele sabe o que pode e também sabe que poderá mais ainda com a ajuda do Céu...

Partida! Na corrida João vence. E o salto? — é mais difícil. De um único salto terá que transpor um largo ribeiro e ir cair sobre um muro onde deverá manter o equilíbrio. O acrobata consegue-o. João também e acrescenta-lhe ainda um salto perigoso. Mais um sucesso na dança da vara, que é bastante divertida. Resta a escalada. A cada prova, as apostas redobram. Agora trata-se de tudo perder ou tudo ganhar. A prova consiste em subir ao cimo de um olmeiro muito alto num tempo « record ». O acrobata chega rapidamente ao cimo da árvore que dobra. Impossível ir mais além! Consternação dos amigos de João Bosco! Mas este sobe, atinge o cimo e aí mesmo faz o pino, os pés a ultrapassarem a ponta da árvore. Venceu! Aplausos.

O acrobata perde duzentas liras. Mas João, sempre generoso, devolve-lhe cento e cinquenta e convida-o para um bom almoço...

O pobre homem não mais voltará! Era isto mesmo que queria João Bosco. Domina novamente a « Sociedade da Alegria ». Adquiriu esse prestígio de atleta a que a juventude é tão sensível!

30 Estamos em Chieri, em frente do Convento dos Dominicanos, onde o jovem seminarista fez os seus estudos de 1831 a 1835.

31 À direita: pátio interior e balcão do café Pianta. João trabalhou aqui.

32 Ao alto, à esquerda, a grade do vão de escada onde dormia.

33 Panorama de Chieri, tomado da torre de S. Domingos.

34 Um caderno de João, quando ele frequentava o colégio de Chieri.

35 Este pequeno curso de água corre sob os muros de Chieri. Foi teatro do desafio que João lançou a um saltimbanco. Tratava-se de, com um só salto, transpor o curso de água. Com um salto prodigioso, João derrotou o forasteiro. Era useiro e vezeiro nestes feitos. A força e habilidade de que era dotado faziam dele um bom atleta.











6. FÉRIAS EM SUSSAMBRINO

Estamos em 1831. João tem dezasseis anos. Chegam as férias. Provisòriamente, Margarida deixou Becchi. Com a ajuda de José, o filho mais velho, fora fazer as terras de uma propriedade empoleirada numa colina muito próxima, em Sussambrino. João, o jovem estudante, vai ter com a mãe na época das férias. Ocupa o melhor que pode aquelas horas de lazer, retomando o seu antigo ofício de pastor. Todos os dias conduz os animais ao pasto, levando consigo alguns livros. Um dia, Dom Dassano, vigário de Castelnuovo, surpreende-o na companhia do seu rebanho, com um autor latino nas mãos.

— Que fazes tu aí? — pergunta-lhe o arcipreste, interessado por este pastor tão estudioso. Ao pegar no livro, verifica que João se ocupa em decifrar um texto latino. Então, abre uma página, ao acaso, e pede-lhe que traduza algumas frases. Imediatamente o rapaz as traduz com uma espantosa facilidade!

Desejoso de ajudar este seu curioso paroquiano, Dom Dassano interroga-o acerca dos estudos e projectos de futuro. Dando-se conta do que se trata, o bom arcipreste propõe a João algumas lições. Em paga, o rapaz deverá tratar-lhe do cavalo! É fácil concluir que o negócio foi logo aceite... E, no dia seguinte, João encontra-se em Castelnuovo para a primeira lição. Daí, passa à estrebaria onde pensa, com todo o carinho, o cavalo que lhe foi confiado. Quando o dono não utiliza o animal, é João que o monta e leva ao passeio quotidiano. E porque se lembra de ter sido acrobata em Becchi, muitas vezes lança o cavalo a galope, mantendo-se de pé sobre o arção, em riscos de partir a cabeça...

Mas em certos momentos o nosso corajoso estudante sente confranger-se-lhe o coração. Não sabe o que o futuro lhe reserva. Felizmente, uma vez mais lhe chega o socorro do Céu! Certa manhã de Agosto, um lavrador das vizinhanças, o feitor Turco, encontra-o com um ar feliz. O bom homem pergunta-lhe qual a razão. « Esta noite — responde João — tive um sonho que me sossegou acerca do meu futuro. Serei padre! ». « Ah! E como? ». « Vi dirigir-se para mim uma nobre senhora cercada por numeroso rebanho. E ela disse-me: Confio-to. Tens que o apascentar e fazer prosperar. Dizes que não tens pastagens? Nada receies. Eu velo por tudo e te ajudarei! ». Tal havia sido a palavra do Céu. E João voltara a adquirir serenidade.

No decurso das férias seguintes, o filho de Margarida volta a Sussambrino, ao encontro da mãe. Durante as horas livres, sobretudo aos domingos, ele reúne os rapazes do lugar, dá-lhes um pouco de catecismo, ensina-os a ler. Como

única recompensa, pede-lhes que se confessem e comunhem ao menos uma vez no mês!

João também se lembra de que, enquanto criança, muitas vezes se dedicava de boamente a vários trabalhos. E ei-lo que começa a fazer móveis — mas móveis autênticos — talvez grosseiros mas incontestavelmente sólidos, pois que ainda em nossos dias os podemos ver na antiga quinta de José, em Becchi! Mesas, bancos e até um confessionário.

As férias grandes de 1833 marcam uma data memorável na vida de João. Apesar dos seus dezoito anos, ele ainda não fora confirmado! Ora o arcipreste de Buttigliera convidara Monsenhor João Gianotti, arcebispo de Sassari, a ir dar a confirmação na sua paróquia. João Bosco vai até lá. E a 4 de Agosto de 1833, ele tem a honra de se tornar « Soldado de Cristo ». As dificuldades que o esperam dar-lhe-ão inúmeras oportunidades de se servir dos 7 dons do Espírito Santo que recebeu nesse dia! E não tardará muito que, de simples soldado, João Bosco passe a ter lugar entre os chefes do glorioso exército do bem.

36 Espírito eminentemente prático desde a sua infância, João tinha o gosto dos contratos, das trocas. Assim, durante as férias grandes, em troca de lições que recebia do pároco de Castelnuovo, tratava-lhe do cavalo. Aqui, no pátio do presbitério, vê-se a estrebaria onde ele pensava o animal.

37 Estamos em Sussambrino. Um lugarejo situado entre Becchi e Castelnuovo. Região de vinho. Depois de se terem separado de António, Margarida e José foram para feitores de uma modesta quintarola. Para lá ia João passar as férias. Nesta fotografia, distinguem-se por entre as colinas; à esquerda, Mombello,

e à direita, mais ao alto, Moncucco. Por detrás da crista do monte situa-se Cinzano, aonde muitas vezes João ia visitar o seu condiscípulo Luís Comollo. Ao fundo, os Alpes com os seus cimos nevados, abrigam, do lado norte, Turim e o Piemonte.

38 A 4 de Agosto de 1833, na igreja paroquial de Buttigliera cujo elegante campanário se ergue sobre a colina, o Arcebispo de Sassari confirmou João Bosco, com a idade de dezoito anos.

39 O registo das confirmações, em Buttigliera, onde vem mencionado o nome de João Bosco.









38

Berruto Maria filia S. Baptiste

17.

Rai Dominicus filius S. Baptiste

14.

Bopo Joannes filius Joannis

(B^o D. Bopo) = 17.

6. Bopo Bartholomaeus filius Joseph

17.

Bopo Bartholomaeus filius Dominici

19.

Berruto Dominicus filius Joannis

11.

Berruto Dominicus filius Joannis

10.

39

7. OS ÚLTIMOS PASSOS EM DIRECÇÃO AO ALTAR

João entra por fim no Seminário, mas não sem ter enfrentado contradições dramáticas. Porque, já prestes a transpor os umbrais, mais uma vez a sua pobreza surge a embargar-lhe os passos. Sefá preciso pagar uma pensão ao internato, e ele está sempre sem vintém. Seminarista, não poderá trabalhar fora. Que fazer?... Renunciar? Mas equivaleria a renunciar também ao sacerdócio pelo qual já tanto trabalhara, tanto sofrera. Renunciar à sua esperança...

Há ainda o convento! S. Francisco sempre o fascinara. Mesmo um pobre se pode tornar frade nesta Ordem de pobreza. Então, ao abrigo de necessidades, teria uma vida tranquila e exerceria o sacerdócio tal como um padre secular. João Bosco consulta o seu confessor que se esquivava a uma decisão. Quanto ao pároco, limita-se a exaltar as vantagens de uma boa paróquia, diante de Margarida.

— Para a sua velhice — afirma-lhe ele — será um bom refúgio.

Margarida, indignada, chama o filho e diz-lhe:

— O meu futuro só a mim diz respeito. Sou pobre e pobre hei-de morrer. Faz-te franciscano.

Sê-lo-á?

A Providência decidira outra coisa.

Neste ponto, surge uma outra amizade e das maiores. Foi uma autêntica graça para João Bosco ter conhecido na sua juventude duas amizades inesquecíveis. Uma demasiadamente breve, a de Comollo; a outra, a de Dom Cafasso, para felicidade sua e da sua obra, vai acompanhá-lo durante muitos anos que, por vezes, serão dramáticos.

Dom Cafasso tinha então vinte e três anos. Era já sacerdote e, por suas virtudes e saber, gozava de grande fama em Turim.

Catequizava, visitava os doentes e encarcerados, socorria os pobres. Em suma, alma de eleição!

João Bosco vai falar-lhe e confia-lhe as suas dificuldades.

Dom Cafasso diz-lhe:

— Entre para o Seminário. A Providência se encarregará do seu futuro.

E assim, no dia 30 de Outubro de 1835, João entra para o Seminário.

Como? O Céu providenciara, tocando corações. João teve os socorros da caridade. Várias pessoas se cotizaram. Castelnuovo deu o seu óbolo; o primeiro ano de pensão foi pago por um sacerdote, Dom Guala; Dom Cafasso cobriu as diferenças. Todos o queriam para Deus e para Ele o impeliavam.

No dia em que entrou para o Seminário, Margarida disse-lhe:

— Se um dia duvidares da tua vocação despe a batina. Mais vale um pobre lavrador do que um mau padre. Consagra-te à Virgem Santíssima. Eu entreguei-te a Ela...

Mais uma vez, e agora já às portas do Seminário, o futuro sacerdote depara com a austera grandeza de sua mãe a lembrar-lhe que ele era filho dela cá na terra e filho da Mãe de Deus no Céu.

João teria ainda que passar seis anos no Seminário, dois em Filosofia e quatro em Teologia. O regime era de internato. Daí, uma sociedade fechada onde o seminarista era obrigado a entrar num contacto estreito com mestres e condiscípulos.

Os professores decepcionaram-no. Não pelo saber, que era grande, mas pela sua atitude voluntariamente distante.

Nunca se misturavam com os discípulos. Os superiores apenas os recebiam duas vezes por ano. De ordinário, mal que acabavam as suas funções, eclipsavam-se. Era impossível pedir-lhes um conselho. Deste modo, reinava no Seminário uma solidão moral que se tornou penosa a João Bosco cujo temperamento era muito afectuoso. E ele queixava-se: «E, no entanto, esta maneira de agir teve a vantagem de atear em mim um mais vivo desejo do sacerdócio para poder conviver com os jovens, para os conhecer intimamente, para os ajudar na luta contra o mal ». Felizmente que, para se consolar de tanta frieza, encontrou a amizade excepcional de um dos condiscípulos, Luís Comollo. É esta a primeira, na ordem cronológica, da série de maravilhosas amizades cristãs em que, mais tarde, aparecerão os nomes de Domingos Sávio e Luís Colle. Todas elas terão a marca do sobrenatural e a frescura da adolescência. Têm um lugar à parte na vida de Dom Bosco. São como que um reflexo do fulgor dos anjos sobre a terra.

Cada uma dessas amizades deu os seus frutos próprios. A de Luís Comollo foi uma troca de exemplos e de serviços, comércio que tinha em vista uma mais fácil aproximação de Deus. Daí estes afectuosos transportes do coração entre duas almas que se entreadjudam. Luís inspirava a obediência simples, a prática dos actos mais humildes, o cuidado em não ferir, a discreção dos sentimentos profundos. João, com a sua robustez activa, fortificava a delicada natureza do amigo. A sua inteligência pronta, o seu temperamento alegre, a sua vivacidade natural iluminavam uma alma extremamente sensível, que já deixava antever para breve o fim da sua união ao corpo.

Com efeito, no dia 2 de Abril de 1839 o amigo predilecto fecha para sempre os olhos.

A dor de João Bosco foi tão viva que ele próprio compreendeu o seu excesso.

E também compreendeu que mesmo uma criatura de eleição não passa de um bem efêmero e que, portanto, neste mundo, não nos devemos dedicar a nada senão ao Bem eterno.

Mas jamais esqueceu o seu amigo.

E como poderia esquecê-lo depois do que se deu dois dias após esta morte? Os dois amigos haviam trocado uma promessa temerária. O primeiro a morrer devia voltar até junto do sobrevivente para o tranquilizar acerca da sorte que tivera no outro mundo.

Ora, na noite seguinte aos funerais, enquanto no dormitório repousava uma vintena de seminaristas, ouviu-se um ruído espantoso. As luzes acendem-se e apagam-se. A casa treme. Uma voz grita: « Salvei-me ». Os seminaristas sentem-se aterrorizados e mal ousam mexer-se antes do romper do dia. História incrível! Mas cujas testemunhas asseguram tê-la vivido.

Se, durante mais de três anos, Luís foi um amigo privilegiado, João não era menos serviçal para com os outros. Todos apreciavam a sua alegria, a sua imaginação, a sua palavra, a sua habilidade manual, a sua piedade sóbria e rica de fé. Porque, à hora da oração e do trabalho, esta fé levava à gravidade oportuna o espírito vivo e a alma ardorosa de uma natureza sempre desperta.

Foi João um raro modelo de seminarista. Ele, por natureza tão pronto às diversões, submetia-se, sem jamais se queixar, aos regulamentos, mesmo aos mais exigentes, de uma casa que o jansenismo marcara com uma dura austeridade.

E trabalhava muito o nosso seminarista. Servido, como sempre, pela sua extraordinária facilidade, aprendia tão rapidamente as lições quotidianas que ainda lhe sobrava tempo para abordar e mesmo aprofundar outros estudos. Leu muito, então. Era um apaixonado da História e dos doutores da Igreja. Forjava assim as armas de que um dia havia de servir-se contra os adversários, quer ateus quer heréticos. Nunca será por lembrar que ele foi um sacerdote culto, mas cujo saber estava ao serviço da caridade cristã para combater o bom combate. Durante umas férias, já no último ano de seminário, teve um segundo sonho pouco mais ou menos semelhante ao primeiro.

Nas ruas de uma cidade populosa, vários jovens vociferavam e blasfemavam. João intima-os a calarem-se mas, como eles não obedecem, lança-se sobre eles aos murros. O grupo, porém, é numeroso e ele tem que fugir. Neste momento um misterioso personagem o detém. Aparece uma senhora, a Mãe de Deus, a Virgem Maria, que lhe diz: « Prende estes díscolos pelo coração. Sê carinhoso para com eles, e eles virão a ti ». Dito isto, os rapazes transformam-se em dóceis cordeiros.

Na altura em que João Bosco está prestes a ser padre, este sonho (eu cha-

mar-lhe-ia antes visão) confirma os desígnios do Céu em relação à sua pessoa. Cumriu-se o tempo...

João aproxima-se do seu alvo. Subdiácono em 19 de Setembro de 1840, diácono em 27 de Março de 1841, recebe ordens de presbítero a 6 de Junho, celebra a primeira missa em Turim no dia 7. No dia 11 do mesmo mês, festa do Corpo de Deus, oficia em Castelnuovo, perante uma numerosa assistência de sacerdotes e fiéis.

É a coroa final de quinze anos de extraordinários esforços de inteligência, de vontade, de espírito. Tem, então, 26 anos.

40 Chieri. Esta ruela estreita conduz à capela de S. Jorge. Nas vizinhanças, o Convento franciscano da Paz, para onde João pensou entrar.

41 A escada monumental do Seminário de Chieri, vista do andar em que se encontra o dormitório onde apareceu a João o clérigo Luís Comollo, falecido pouco tempo antes.

42 Chieri. A capela do Seminário. A estátua da Imaculada — obra de Inácio Perrucco — e um quadro de S. Francisco de Sales, da autoria de Reffo. Não seria neste santuário que a João Bosco surgiu a ideia do culto ao seu santo preferido, o Bispo de Genebra? Em honra de S. Francisco de Sales, dará aos membros da sua Congregação o nome de « Salesianós ».

43 A sumptuosa sacristia, comum ao Seminário e à Igreja de S. Filipe. O clérigo Bosco desempenhou aqui as funções de sacristão para obter alguns proventos.

44 Chieri. A Igreja de Santo António na Praça Central. Muitas vezes João Bosco ali ia rezar ou ouvir lições de catecismo com os membros da « Sociedade da Alegria ».

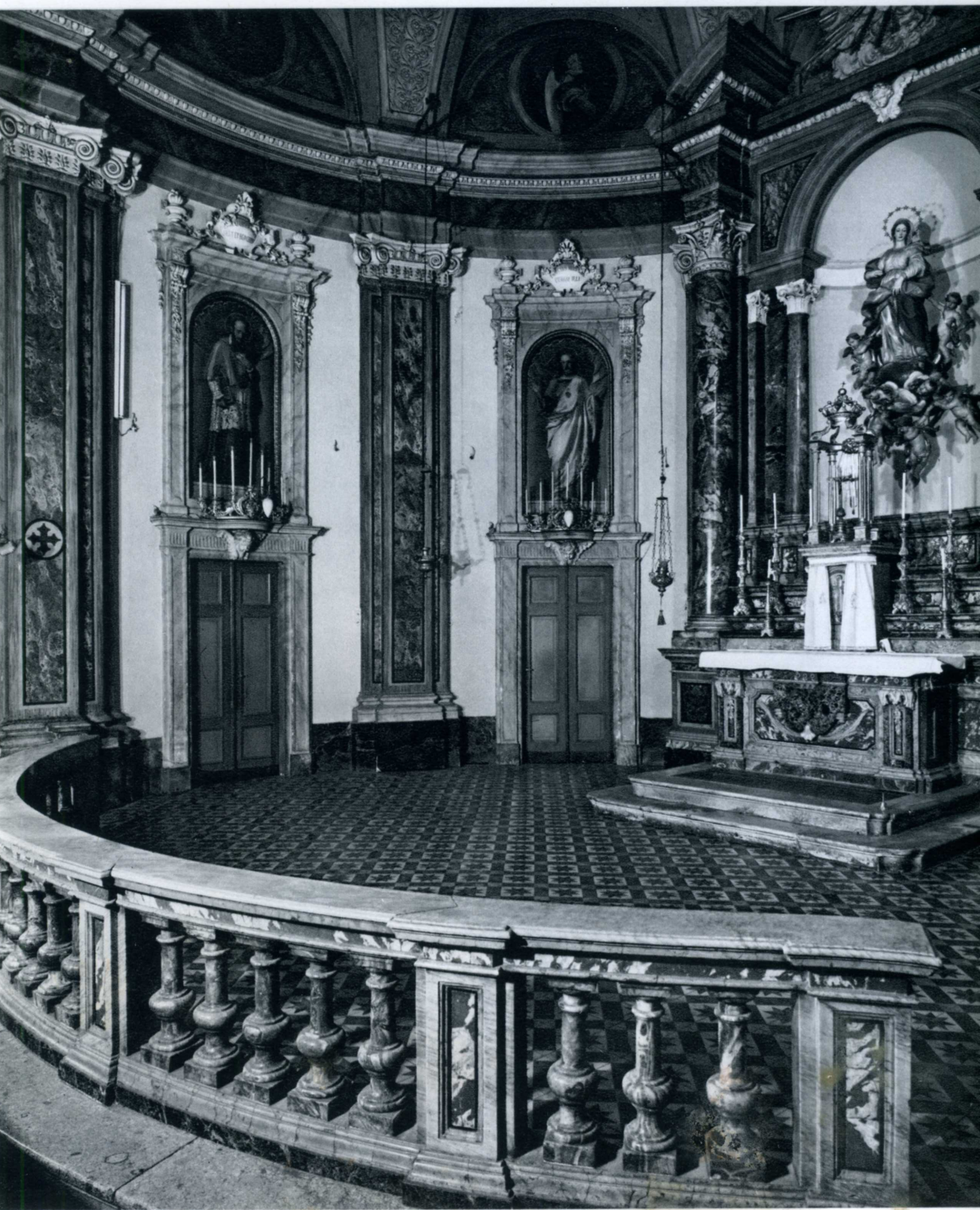
45 Monsenhor Fransoni, arcebispo de Turim. Foi ele quem conferiu ordens de presbítero a João Bosco, no dia 6 de Junho de 1841.

46 Seis actas oficiais do Arcebispado que dizem respeito a João Bosco: vestição clerical, tonsura, ordens menores, dispensa dos interstícios canónicos, ordenação, licença para confessar.

47 Igreja de S. Francisco de Assis em Turim. O altar do Anjo da Guarda, onde Dom Bosco celebrou a sua primeira missa.















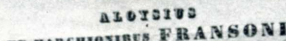
ARCHIEPISCOPUS TAURINENSIS

[illegible]

ARCHIEPISCOPUS TAURINENSIS

Dilectum Nobis in Christo *Reverendissimo* *Joannem Melchiorum* *S.*
a Patre nostro *Reverendissimo* *Joanne Melchiorum* *S.*

via, moribus, etate, doctrina, ceterisque per sacr. Concil. Trident. requisitis idoneum habitum, qui promoveretur, et ordinaretur ad *sanctum ordinem* *promovendus*



SUPREMI ORDINIS SS. ANNUNCIATIONIS CANCELLARIUS VICE REG.

ARCHIEPISCOPUS TAURINENSIS

*Dilectum nobis in Christo V. G. Cand^{iss} Joannem Melitensem Episc^{opu}
a Caprenensi Episc^{opo} Praeceptis patrimonialibus Catechismo esse instructu
ac per V. G. Canonicis admittit profectum profectum*

In illis mensis octavo, octavo, septimo, undecimo, petitorum habito trigesimo
 instigant, et in officio coram, petentem ultra in Clerum adscriptus die
 octavo mensis illius. *Domini d. d. d.*
 octavo millesimo octingentesimo trigesimo quarto, indictione Romana XIII
 Taurinorum Augusti in Nostra Archiepiscopali Ecclesia ad conferendos Ordo
 sacrum *Episcopatus* in Domino celebrante, contra eadem attenta ex Ec-
 clesie Instituto, adscriptumque rite testatur, ac declaramus hunc litter manu
 nostra subscriptis et consignatis.

Interfuere vocati, ac rogati Testes *Adm. Rev. D. D. L. Ch. De. ruf*
Joseph Bruno et Gabriel Finners Capellani Wappi fami

Cal. Taurini, anno, mense, die, indictione, et loco præmissis.



ARCHIEPISCOPUS TAURINENSIS

[illegible]

ARCHIEPISCOPUS TAURINENSIS

[illegible]

ARCHIEPISCOPUS TAURINENSIS

[illegible]

+ Physicist's Agency

The Society General Cadetes



8. O APÓSTOLO DOS DESERDADOS

Padre João Bosco. Mas que padre? Quais os caminhos por onde dará os primeiros passos? Na tarde desse mesmo dia do Corpo de Deus, depois da missa celebrada em Castelnuovo, disse-lhe a mãe: « De hoje em diante não sonhes senão com a salvação das almas ». E não será este o sonho que já o visitou por duas vezes?... Entretanto, oferecem-lhe um preceptorado e duas boas situações como sacerdote na sua própria aldeia. Propostas tentadoras... Mas, a conselho de Dom Cafasso, o amigo sabedor e seguro, Dom Bosco entra para o « Convitto Ecclesiastico » de Turim.

Esta obra, fundada por um dos seus benfeitores, Dom Guala, assegurava ao clero jovem um suplemento de estudos teológicos e fazia viver sob o mesmo tecto os debutantes há pouco saídos do Seminário. Graças ao seu amigo Padre Cafasso, Dom Bosco entrou gratuitamente para o « Convitto », onde permaneceu três anos (1841-1844).

Aos estudos teológicos e exercícios espirituais seguidos com todo o zelo, juntava-se a prática de uma fervorosa actividade cristã. Os jovens sacerdotes visitavam os pobres, assistiam aos doentes, evangelizavam as prisões. Entravam assim em contacto com a pior das misérias, a das grandes cidades.

Dom Bosco conhecia apenas a gente pobre das aldeias. Mas ignorava as vergonhas, a decadência moral, a abjecção das populações miseráveis das cidades. E, ao contemplar este espectáculo tremendo, a sua alma sentia-se perturbada. Ora, o que mais o entristecia era que justamente os mais aviltados fossem os adolescentes que erravam pelas ruas, juventude desocupada e muitas vezes disposta ao pior.

Eram aqueles, na verdade, os lobos e os animais selvagens dos seus sonhos, dos sonhos de que não podia duvidar. Rezava e Alguém escutava as suas orações. No dia 8 de Dezembro de 1841, na Igreja de S. Francisco de Assis, em Turim, vê o sacristão enxotar um rapazola de má cara. Dom Bosco intervém em sua defesa e interroga-o:

— Como te chamas?

— Bartolomeu Garelli.

E órfão de pai e mãe, tem dezasseis anos.

— Que sabes tu de religião?

— Nada! — Garelli não sabia absolutamente nada, nem mesmo o sinal-da-cruz!

Também não sabia ler nem escrever. E do catecismo nem é bom falar.

— E se eu te ensinasse catecismo logo que acabasse a missa?

Já nestas palavras se pode adivinhar o acento terno e irresistível do Santo.

Garelli assiste à missa e, logo a seguir, recebe a primeira lição de catecismo. Lição de um valor extraordinário, de um alcance incalculável. Porque, por mais humilde que seja, constitui a pedra angular assente na primeira alma conquistada, pedra sobre a qual, dolorosamente, pouco a pouco, se vai elevar em edifício imenso, uma obra que será uma das grandezas da Igreja. Porque já então Dom Bosco sentia essa necessidade de grandeza. Ele sabia que, embora salvar uma alma seja uma vitória louvável, a Deus não pode bastar uma só alma, pois Ele as criou a todas. Durante o seu diálogo com o rapaz a quem ensinava o catecismo, ia pensando em salvar outras almas, no maior número possível, multidões de almas...

Eis porque, no fim, diz a Garelli:

— No próximo domingo, não venhas só. Tens amigos. Trá-los contigo.

Vieram nove. Alguns meses depois, eram já oitenta. Nenhum deles conhecia Deus. Uma tristeza!... Mas era isso mesmo o que o apóstolo desejava: os piores! Deus ouvira-o.

48 Dom Cafasso, mestre e amigo de Dom Bosco. Retrato da autoria de Reffo que se encontra na capela do « Convitto Ecclesiastico ».

49 Campanário da Igreja de S. Francisco de Assis, em Turim. A casa de arcadas que fica à direita pertence ao « Convitto Ecclesiastico » onde Dom Bosco ingressou após a sua ordenação sacerdotal. Ai permaneceu durante três anos, de 1841 a 1844.

50 Dom Bosco, jovem sacerdote. Nesta fotografia usa uma volta à francesa.

51 Nada mais importante do que esta sacristia, a de S. Francisco de Assis em Turim. Aqui nasceu o Oratório, no dia 8 de Dezembro de 1841. Aqui Dom Bosco deu a primeira lição de catecismo a um pobre adolescente analfabeto, Bartolomeu Garelli. Foi uma revelação. Neste pobre rapaz, Dom Bosco descobrira o caminho que Deus lhe traçara.









9. UM PATRONATO MÓVEL

O Céu, porém, não concede os seus dons senão àqueles que os merecem, sobretudo se excedem a craveira normal. E Dom Bosco sabia-o... sabia que parecia pedir à Providência o impossível!... Onde abrigar aqueles rapazes que, se ele os não agrupar, estarão expostos a todos os perigos da rua?

Graças a Dom Cafasso e a Dom Guala, o « Convitto Ecclesiastico » recebeu-os nos seus pórticos e pátios. Infelizmente, o barulho infernal que faziam muitas vezes perturbava o silêncio de rigor naquela casa de oração. Mas o « Convitto » suportou-os durante três anos, sem um queixume. Porém, ao cabo deles, como Dom Bosco tivesse acabado os seus estudos, deixou o « Convitto ». No mesmo instante os rapazes foram postos na rua.

Uma grande dama acolheu então este padre bizarro e as suas temíveis ovelhas. Era a Marquesa de Barolo que, embora pertencente à alta aristocracia turinesa, se dedicava a obras de caridade. Ela aceitou Dom Bosco como ajudante do capelão do « Refúgio », obra que fundara em Turim para a reabilitação de raparigas transviadas. Autorizou Dom Bosco a reunir o seu pequeno mundo num telheiro ao lado daquela instituição. Para ele, destinou dois quartos no « Ospedaleto », hospital de crianças também fundado pela generosa marquesa, nas vizinhanças do Refúgio. Esses quartos transformou-os Dom Bosco em capela. Dedicada ao santo das suas predilecções, Francisco de Sales, no dia 8 de Dezembro de 1844, ela foi o primeiro santuário salesiano.

Por desgraça, os rapazes de Dom Bosco não podiam passar sem fazer um barulho atroz. É certo que havia os exercícios de piedade. Mas às orações seguiam-se os jogos! A marquesa conseguiu ter paciência durante oito meses... depois, embora mantendo Dom Bosco como capelão, tentou afastar as suas rumorosas ovelhas. Tempo perdido... O pastor lá se foi com o rebanho!

E começou então — para o pastor e para o rebanho — uma longa série de peregrinações, acompanhadas de incessantes dissabores! Durante dezoito meses Dom Bosco e o seu bando erraram pela cidade à procura de um abrigo. Depressa o número de rapazes ultrapassou os 300. Por disciplina apenas uma piedade alegre. Uma ideia de Dom Bosco... Demasiadamente alegre para os turineses que nos garotos viam apenas uns malfeitores! E, bandeado com eles, aquele pobre padre maltrapilho!

Cada vez mais numerosos, daí a pouco eram cerca de 400. Uma horda! Para onde ir com tal companhia?... Porque, aconteça o que acontecer, é preciso

perseverar... Dom Bosco procura, Dom Bosco encontra... e logo o expulsam. Novamente procura e novamente o põem na rua. Ninguém quer nada com ele, tal o escândalo que dá e o pavor que infunde. Mas Dom Bosco serve-se de todos os meios para conservar agrupados estes jovens indesejáveis, para os instruir, catequizar e confessar. Ei-los num cemitério abandonado, perto de uma pequena igreja. Depressa o obrigam a abandonar o campo. O inverno chega e faz frio. Dom Bosco aluga três miseráveis quartos. Mal que o vêem com o seu rebanho, põem-no fora. As queixas contra ele chegam aos ouvidos do presidente do Município, o Marquês de Cavour, que não é para brincadeiras...

— Dom Bosco, é preciso acabar com isto. Deixe lá aqueles garotos.

— Senhor Marquês, aqueles garotos são a minha obra. Nunca os abandonarei. E eu apenas devo obediência ao meu bispo.

— Pois bem! Será o seu bispo a ordenar-lhe que acabe com este assunto. Eu encarrego-me de lhe falar.

Mas o bispo faz ouvidos de mercador...

Enquanto isto, Dom Bosco prossegue no seu trabalho apostólico sem desfalecimentos. Prega ao ar livre, hoje aqui, amanhã ali, sob os olhares espantados da polícia. Graças ao seu zelo infatigável, os rapazes, longe de se dispersarem, unem-se cada vez mais e também mais se afeiçoam a ele. Percorrem a cidade, vão até aos campos, livres como o vento. É um « Patronato Volante » como lhe chamava Dom Bosco.

Bater sempre em retirada, levar uma vida de nómada quando o mais humilde refúgio teria permitido o repouso necessário à consolidação de uma caridade difícil... não seria isto de molde a entristecer o pobre padre desprovido de recursos? Mais tarde, muito mais tarde, ele escreveria: « Ao contemplar aquela multidão de crianças, eu pensava na rica messe que esperava o meu sacerdócio, e sentia o coração estalar de dor. Estava sòzinho, sem qualquer ajuda, quase sem forças, a saúde abalada, e já não sabia onde reunir os meus pobres rapazes. Para esconder a minha dor, errava por sítios solitários. Suponho que foi aquela a primeira vez em que me vieram as lágrimas aos olhos. Então, erguendo-os ao Céu, supliquei: “ Ó meu Deus, indicai-me um lugar onde eu os possa reunir no domingo. Ou dizei-me o que hei-de fazer...” ».

Esconder a sua dor...

Era bem preciso. Se ele a desse a conhecer, como poderia conservar o prestígio que lhe advinha de um apostolado no qual a alegria desempenhava um papel tão importante?

Dom Bosco conhecia o valor da alegria que os exercícios físicos trazem à mente. Deles depende a saúde que ajuda a alma. A piedade não é incompatível com

os jogos, e os rapazes jogavam. Dom Bosco gostava de jogos. Apesar de tudo, conservara o espírito vivo e moço da sua infância. Esta alegre frescura de alma que atraía estava submetida a rudes provas, mas era preciso que ninguém se apercebesse de que os cuidados e receios a poderiam perturbar. Era preciso esconder destes rapazes que tanto confiavam nele a dor que ensombrava a sua alma. A própria piedade devia manter-se alegre. Era preciso que ela mantivesse esta familiaridade, a única possível com um rebanho reunido com tanto custo e sempre inclinado à insubmissão ou, melhor dizendo, à revolta.

Mas Dom Bosco « tinha dedo » e os exercícios de piedade não faziam greve: catecismo, cânticos, ladaínhas de Nossa Senhora, bênçãos do Santíssimo Sacramento. É certo que, pelo menos no verão, a maior parte destas funções se celebrava ao ar livre. O ar livre é o verdadeiro clima pastoral de Dom Bosco. E, antes de edificar casas monumentais e santuários grandiosos, oficiou sob a abóbada do céu, ensinou ao ar livre, à luz do sol.

E o seu pequeno mundo, por natureza indisciplinado, aceitava com entusiasmo essas práticas, porque não eram obrigações impostas por uma autoridade impessoal, mas sim apelos lançados aos mais miseráveis pela amizade de um padre que tinha uma certa familiaridade com o Céu.

Mas, se os simples ouviam estes apelos, outrotanto, infelizmente, não acontecia com aqueles que, por vocação, tinham o dever de os ouvir. Assim, depois das diligências do presidente do Município e da vigilância, de certo modo indulgente, dos polícias encarregados de manter a ordem, Dom Bosco teve que sofrer uma perseguição bem mais grave e dolorosa: a da Igreja.

Sem desculpar o que nela houve de odioso e de dramático (e também, pelo menos uma vez, de tragicómico, graças a Dom Bosco), justo é lembrar que se tratava também de manter a ordem. A ordem tal como estava estabelecida, e segundo parecia, de uma vez para sempre, a ordem venerável das instituições que, certamente, é legítimo defender, pois foi a prudência a ditá-las, mas à qual o Espírito não deve cessar de trazer as suas inovações tonificantes, sem o que ela enfraquece e se torna em desordem.

As autoridades civis não eram as únicas a vigiar este padre bizarro. Regra geral, os seus próprios confrades não o viam com bons olhos.

É penoso verificar que foram os próprios padres — os párocos de Turim, principalmente — quem iniciou o toque a rebate.

Antes de mais nada, questão de paróquia.

As dos párocos eram estáveis. A de Dom Bosco (aliás não reconhecida oficialmente) era móvel. A seu belo prazer entrava no território legal de qualquer paróquia, para daí a pouco, e segundo as suas conveniências, passar a outra.

— Ele rouba-nos as nossas ovelhas — diziam os párocos.

A esta objecção o Padre Borel, amigo de Dom Bosco (que apesar de tudo ainda tinha amigos), respondia ajuizadamente:

— Ele não vos rouba nada. A que paróquia iriam aqueles rapazes? Já alguém os viu entrar numa igreja? Se não forem ouvir Dom Bosco, aonde irão?... A parte nenhuma, e ficarão perdidos. É o que vós quereis?...

Mas aos párocos não agradava esta lógica. E, embora defendesse Dom Bosco, o Padre Borel não estava tranquilo.

Por vezes diziam-lhe:

— Dom Bosco não é razoável. No seu bando de vadios não há senão uns vinte dignos de receberem o ensino religioso. Ele que mande embora todos os outros e esses vinte ficarão melhor servidos...

Todos os outros... mais de 400!...

E, no entanto, este raciocínio não era falho de lógica. Mas não era senão um raciocínio, e a caridade, o amor pelas almas, não faz raciocínios. Daí a sua força. Ainda assim, o bom do Padre Borel sentia-se abalado.

— Ora diz-me: não receias estar a ver as coisas com excessiva largueza?

— De maneira nenhuma! Eu vejo-as com muito mais largueza, muito mais grandiosas ainda! Eu vejo o que será um dia...

— O quê?

— Casas, escolas, igrejas, milhares de sacerdotes, milhares de alunos...

— Bem, se assim o queres... Mas deixemos o futuro. O presente, como o vês tu?

E Dom Bosco:

— Borel, é com os olhos no futuro que se dá vida ao presente. E o presente já existe...

E, se o Padre Borel não ousava concluir « É um louco, um megalómano! », outros membros do clero assim o julgavam. De modo particular certos membros influentes do clero de Turim...

Este clero temia o escândalo. Atitude compreensível e escusável! Era prudente, e nisto cumpria o seu dever. E, se tomavam à letra as palavras de Dom Bosco, é porque tudo o que é insólito causa sobressaltos às pessoas prudentes, receosas das consequências desastrosas que dali possam advir. Mesmo quando esse « insólito » tem a iluminá-lo um raio de luz, pode surgir o pior...

Ora, nós temos que concordar em que Dom Bosco era — ele e os seus — o que de mais insólito podia haver em tão nobre capital. Um pobre padre, de batina remendada, passa pelas ruas acompanhado por um bando de andrajosos, oferecendo aos passantes timoratos, aos pacíficos burgueses, o espectáculo de uma barulhenta desordem. Nunca, de memória de homem, se vira tal coisa

em Turim. Era uma reunião escandalosa de crianças e adolescentes que viviam na mais negra miséria e que, a julgar pelas suas caras, não eram pessoas humildes. Bem longe disso! Gente de pé descalço da qual nada de bom havia a esperar! Metiam medo!... Mas o pior era estar à frente deles aquele padre miserável e visionário. Que seria ele? Provavelmente um revoltado, e até talvez herético... O clero, tal como o presidente do Município (mas talvez mais o clero), ouvia inúmeras queixas contra Dom Bosco. Porém, embora na maioria partilhasse da opinião dos que se queixavam de factos tão indecorosos, também sentia compaixão pela pessoa daquele pobre padre. Ele tinha perdido um pouco a cabeça e corria o risco de vir a perdê-la por completo. Se não se pusesse um ponto final às suas actividades, acabaria por prejudicar a Igreja.

Não seria um acto de caridade, e sobremaneira vantajoso para o seu próprio bem, colocá-lo ao abrigo de tão perigosas quimeras?... Apesar de tudo, ele merecia alguns cuidados. E tê-los-ia. Bastava agir com doçura, tentar uma aproximação com toda a prudência, enviar ao seu encontro sacerdotes cuja idade, posição e saber não pudessem deixar de o impressionar vivamente. Ora, para tal missão, quem mais indicado do que dois veneráveis cónegos?

Escolheram, pois, os dois cónegos, dois benévolos e sensatos cónegos. Demasiadamente sensatos... e nisto residia o erro. Porque das palavras de um homem inspirado por sonhos (e bem sabemos que sonhos!), um homem de uma caridade de fogo, de uma imaginação tão inventiva, que podiam eles compreender? E se, além do mais, sem eles o saberem, este homem já tivesse sido visitado pelo Céu?...

Foram pois os nossos cónegos visitar Dom Bosco e com ele trocaram impressões. Mostraram-se curiosos, mas amáveis. E Dom Bosco também respondia amavelmente. Nada tinha a esconder...

As perguntas que faziam eram bem claras:

— Com certeza que Dom Bosco gostaria de fundar uma ordem, não é verdade?

— Sim, uma verdadeira ordem. Já tenho pensado nisso.

— Então será preciso escolher um hábito. Todas as ordens o têm. Qual será o da sua ordem?

— O mais simples de todos, a virtude.

— Um hábito de virtude? Bem... é natural... Mas a virtude não cobre. É preciso um tecido para o hábito... Os seus religiosos andarão pelas ruas da cidade?

— Sim, andarão pelas ruas como toda a gente, como os pedreiros, por exemplo, em mangas de camisa. É um bom uniforme para a pobreza. Porque os meus religiosos serão pobres. Para triunfar neste campo é preciso ser-se pobre...

Para quê mais palavras? É um louco...

Isto diziam um ao outro os cónegos, aliás de boa fé, ao regressarem da entrevista para irem dar conta de tudo às autoridades superiores que desde então, e sem receio de cometer algum erro, poderiam tomar a decisão que o caso requeria... E a decisão foi tomada. Mas, em vez de mandarem outra vez de visita a Dom Bosco os mesmos veneráveis cónegos, mandaram-lhe os párocos de duas importantes freguesias de Turim.

Depois de terem falado da chuva e do bom tempo, os párocos conduziram a conversa para o assunto em causa.

Ora, a visita de quatro personagens tão importantes (primeiramente dois cónegos e agora dois párocos, aliás, também cónegos) que vinham sucessivamente falar acerca de um assunto tão debatido, com tantos circunlóquios, não podia deixar de levantar suspeitas em Dom Bosco. E ele ficou alerta...

Os párocos não tardaram a concluir que estavam a lidar com um louco. Importava agir, e depressa. Eles tinham vindo exactamente para isso.

Diz um dos párocos:

— Dom Bosco, gostaria de dar um passeiozito connosco? Temos um fiacre à porta.

— Um fiacre!! — diz Dom Bosco para consigo. — Atenção! É demasiada franqueza! Aqui há coisa!

Mas responde:

— Um passeiozito? Está bem... Com todo o gosto. Estou às vossas ordens. Ei-los, os três, junto do fiacre. A porta está aberta. E há uma troca de cumprimentos...

Os dois cúmplices dizem delicadamente:

— Suba, Dom Bosco.

— Não! Primeiramente vós. Há que respeitar as precedências!

— Suba, suba! Por uma vez, não faça caso!...

Mas o nosso obstinado, que pressentira a cilada, responde delicadamente:

— Não, de modo nenhum. Ou sou o último a subir ou renuncio ao passeio.

E os dois párocos, para acabar com aquelas medidas, sobem para o fiacre.

Mas apenas se sentam, Dom Bosco fecha bruscamente a porta e brada ao cocheiro:

— Depressa! A galope para o manicómio onde os esperam.

E o fiacre parte. O asilo dos alienados, ali muito perto, abre as suas portas para o deixar passar. Os enfermeiros lançam-se sobre os dois párocos. Tinham-lhes anunciado a chegada de um doente e, afinal, aparecem dois que gesticulam e pedem socorro. Pobres homens! São duras como ferro as mãos que os seguram... Felizmente para eles o capelão acode aos seus gritos e desfaz o equívoco. Era tempo!...

A notícia espalhou-se rapidamente. E toda a cidade riu a bom rir.

A partir de então, os párocos de Turim, prudentemente, deixaram o pobre Dom Bosco entregue à sua loucura...

Este episódio tragicómico não deve levar-nos a menosprezar as dificuldades, ou melhor, as misérias que Dom Bosco experimentou no início da sua obra. Foi um mero episódio. Mas, se acabou de maneira divertida, isso deve-se apenas aos dons de encenador que Dom Bosco possuía desde pequenito. Já vimos, criança ainda, o uso que deles fazia. O sucesso divertiu grandemente os apreciadores de boas piadas. Mas a realidade é que esta comédia encobria uma maquinação francamente odiosa. Dessa maquinação devia resultar uma vítima, e uma vítima que já revelava os primeiros sinais da santidade.

Temos que admitir que ninguém podia ver esses sinais; porque a bem poucas pessoas é dado adivinhar a santidade de um santo enquanto vivo, e isto sobretudo em épocas conturbadas. É precisamente nessas épocas que Deus nos envia os seus santos. Mas o desassossego e as confusões como que diluem os seus traços. Porque, ao mesmo tempo (e Jesus predisse-o) surgem muitos falsos profetas. E o público engana-se. Ora, crêdulamente, se deixa levar por sinais que o seduzem mas que não passam de contrafacções dos verdadeiros sinais, ora desconfia e é prudente. Mas acontece que a desconfiança se estende a bons e maus. Nos momentos dramáticos em que todo o edifício social se desmorona, os homens experimentados têm, por instinto, uma certa repugnância em acreditar que seja útil, viável, melhor, o que quer que se apresente com carácter de inovação. As inovações minam a ordem à qual há muito tempo estavam habituados. E essa ordem tinha isto de bom: é que, apesar dos defeitos, já existia, já tinha dado as suas provas. As instituições caem por terra, mas resta a sua lembrança, que é ainda uma força. Assim, obcecados pelo passado, «os homens entram às arrecuas no futuro». E haverá um futuro?...

Porque Dom Bosco era por natureza e com vigor um homem do futuro, e porque as coisas, então, estavam assim estabelecidas, fatal se tornava que a tarefa dele deparasse com obstáculos gigantescos.

52 Turim. O pequeno hospital de Santa Filomena, conhecido por « Ospedaletto ». Em 1844, Dom Bosco alojou-se aqui. O quarto era no último andar. No primeiro, está instalado o « Refúgio », para raparigas em perigo moral. A viela vai dar à rua Cottolengo. Foi o primeiro pátio de recreio dos rapazes do Oratório.

53 A Marquesa de Barolo (1785 a 1864) descendente de Colbert. Grande dama e cristã generosa, mas autoritária. Foi benfeitora de Dom Bosco nos princípios da sua obra, quando ele era capelão do Refúgio. Bem cedo o Santo teve que deixar o cargo, porque ela não via com bons olhos os seus garotos. Este retrato da Marquesa encontra-se no hospital de Santa Filomena, em Turim.

54 Dom Bosco, jovem sacerdote.

55 O pequeno hospital de Santa Filomena, visto do pátio interior. À direita, por detrás das janelas muradas, está a escadaria que leva ao segundo andar. As janelas abertas do último andar dão luz a um dormitório. A que está fechada, à esquerda, pertence ao quarto que foi o de Dom Bosco.

56 Manicómio de Turim (Litografia do Museu do Risorgimento). Foi aqui que dois sensatíssimos párocos tentaram internar Dom Bosco por causa da sua loucura. Porque, na verdade, o julgavam louco... Foram visitá-lo num fiacre. Com as mais suaves maneiras convidaram-no a subir. Iriam dar um passeio. Ora o cocheiro recebera ordens para partir à desfilada em direcção ao manicómio, mal se fechasse a porta. Mas Dom Bosco parece que tinha faro... Sob um pretexto de cortesia, obrigou os dois párocos a subirem para o fiacre antes dele. Logo que eles entraram, fechou a porta e bradou ao cocheiro: « Depressa, a galope para o manicómio onde os esperam! ». E os dois infelizes foram cair nas mãos dos enfermeiros do manicómio que os tomaram por doídos. Não lhes foi fácil livrarem-se de tão triste situação, e a cidade inteira riu da aventura. O fiacre estacionou na ruela que se vê na fotografia nº 52.

57 Município de Turim. Em primeiro plano, o monumento erigido ao « Conde Verde » pelo rei Carlos Alberto. Várias vezes foi Dom Bosco convocado a este palácio para dar explicações acerca do barulho e do escândalo que os seus rapazes provocavam nas ruas da cidade. Mas conseguiu sempre livrar-se de dificuldades.

58 Capela de S. Pedro « in Vincoli », em Turim. À frente, um terreno vazio. É um cemitério abandonado. Dom Bosco pensou em encontrar aqui um refúgio para os seus rapazes. Mas eles eram mais de 400 e terrivelmente barulhentos nos seus folguedos. Por isso, a irascível criada do capelão, de vassoura em punho, os expulsou. Era o dia 25 de Maio de 1845.

59 Contrato de arrendamento assinado por Dom Bosco e Francisco Pinardi em 1846. O Santo alugava o pátio e algumas dependências por 575 libras anuais. A folha da esquerda tem os recibos do aluguer desde 1848 a 1851.

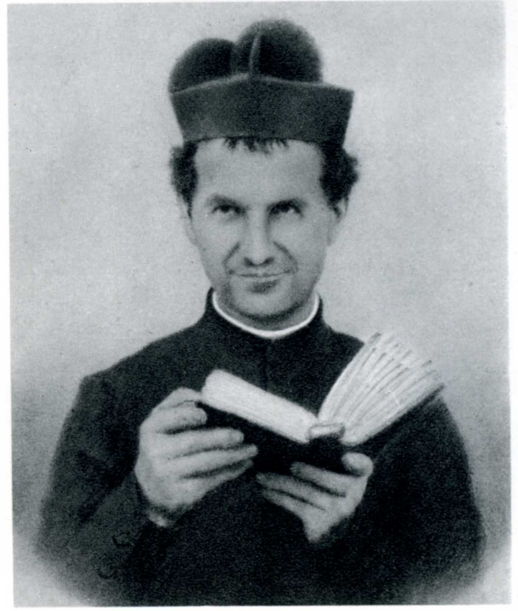
60 Nossa Senhora da Consolação ou da « Consolata ». A primeira imagem da Virgem que Dom Bosco instalou no seu Oratório. É de cartão pintado e custou-lhe 25 libras...

61 Retrato de Mãe Margarida aos 67 anos (1855). Foi pintado por Rollini, baseando-se num esboço de Bartolomeu Bellisio. Oferecido a Dom Bosco no dia do seu onomástico — 24 de Junho de 1855 — este ao vê-lo exclamou: « É mesmo ela! Só lhe falta falar... ». A tela encontra-se no Museu de Dom Bosco, em Turim.

62 Mal que o filho se encontrou restabelecido de uma grave doença, Margarida deixou Becchi e veio para junto dele, em Turim (3 de Novembro de 1846). Trazia consigo as suas únicas riquezas: um cordão de oiro e um anel. Humildes e queridas jóias que ela vendeu para dar pão aos rapazes do Oratório.



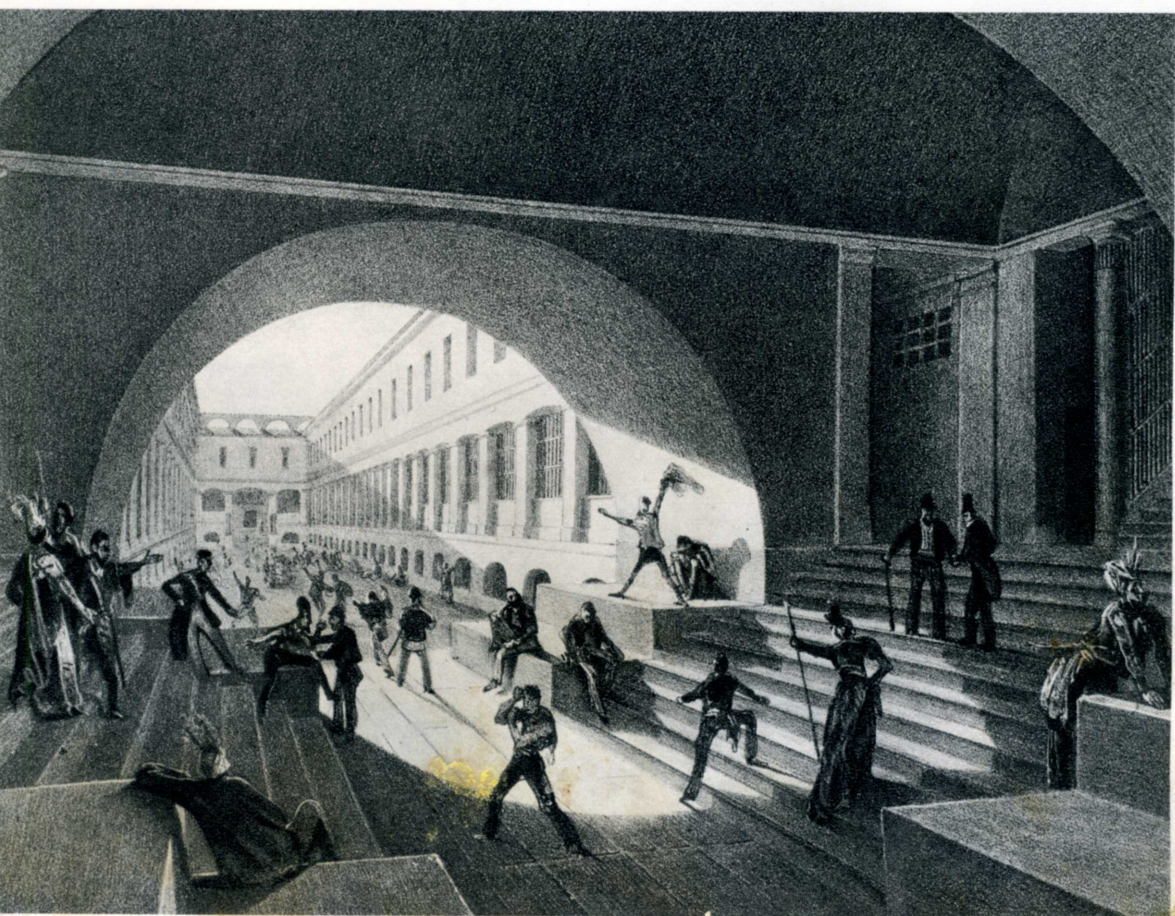




54



55







58

Sono lire cinque cento e cinquanta
che ricevo a titolo del debito del S. Matteo
maturo del S. Matteo S. Matteo a tutto
1849 fino li 13 Maggio 1849

Francesco pinardi

Sono lire cinque cento e cinquanta
che ricevo del S. Matteo S. Matteo
maturo del S. Matteo S. Matteo a tutto
1849 fino li 13 Maggio 1849

Francesco pinardi

Del debito del S. Matteo S. Matteo
maturo del S. Matteo S. Matteo a tutto
1849 fino li 13 Maggio 1849

Francesco pinardi

Del debito del S. Matteo S. Matteo
maturo del S. Matteo S. Matteo a tutto
1849 fino li 13 Maggio 1849

Francesco pinardi

Del debito del S. Matteo S. Matteo
maturo del S. Matteo S. Matteo a tutto
1849 fino li 13 Maggio 1849

Francesco pinardi

3 Maggio 1851



Valentino L. 1

PER via della presente Scrittura, ossia Capitolaione

d'affidamento, il signor francesco pinardi
Ritardato in francesco pinardi figlio di francesco pinardi
venuto, ed in quella città francesco pinardi

per la e suoi eredi, conosci, ed a titolo d'affidamento
alle seguenti condizioni, ed a quelle risultanti dagli articoli
1753, 1756 e seguenti del Codice Civile del 20 di giugno 1809.

Il signor francesco pinardi nato francesco pinardi figlio di francesco pinardi
Antonis nato francesco pinardi in questa città

qui presenti Edipulanti, ed accettante per se, e suoi
eredi necessari, li seguenti membri situati nella Casa
propria del signor francesco pinardi nella Parrocchia
di francesco pinardi sezione francesco pinardi
quadrante francesco pinardi contrada francesco pinardi
isola francesco pinardi Porta N.

tre membri di cui un grande
camerone oblungo, cortile
davanti, ed francesco pinardi di mezzo

Il detto affidamento principerà il francesco pinardi di Aprile
mille ottocento quarantatré, continuerà fino al detto
di Aprile mille ottocento quarantatré, e durerà
anni tre conseguenti, e durerà
mentre l'anno somma di lire francesco pinardi
che i detti signori francesco pinardi

promettono, e s'obbligano di pagare in buona moneta al
signor francesco pinardi di mezzo, ed a chi ne sarà
legittimamente autorizzato, di sei in sei mesi, la metà annua
piuttosto, cioè alla metà d'ogni semestre, secondo lo stile
di questa Città.

59





61



62

10. A POLÍTICA DO « PAI-NOSSO »

Quando Dom Bosco veio ao mundo em 1815, a Europa mal emergia da mais violenta convulsão sofrida desde a Reforma.

Toda a actividade apostólica do Santo e a própria história da fundação da Congregação Salesiana são contemporâneas daquilo a que, em Itália, se chamou o « Risorgimento ». Em 1848, Dom Bosco contava 33 anos e, em 1870 — ano em que se completou a unidade italiana com a tomada de Roma — tinha 55. E viveu ainda dezoito anos no Reino de Itália, sob o governo de Vítor Manuel II e Humberto I. Nestas contínuas mudanças, há um facto capital a assinalar: o fim do poder temporal dos Papas. Intacto até 1849, aquele poder desmembra-se e por fim desaparece, durante o longo pontificado de Pio IX (1846-1878), apesar do liberalismo activo deste Papa, bem demonstrado nos começos do seu governo. Em 1849, Roma sublevou-se e Pio IX viu-se obrigado a fugir para Gaeta. Em 1859, perde todos os seus domínios, excepto Roma, aonde os franceses vão em seu auxílio. Mas em 1870, uma vez retirados os franceses, as tropas italianas apoderam-se da cidade que é proclamada capital do novo reino. Pio IX encerra-se voluntariamente no Vaticano. É a rutura com o poder civil, que virá a manter-se durante longos anos. Dom Bosco morreu sem ter visto a reconciliação do Estado Italiano com a Igreja.

A anexação por parte da Itália das possessões do Papa era a conclusão lógica do « Risorgimento ». Este desde as suas origens que se alimentara e desenvolvera no « liberalismo », conjunto de doutrinas de inspiração francesa, quer quanto à filosofia, quer quanto à política. Estas doutrinas, que procedem do volterianismo e dos enciclopedistas, são anti-religiosas e, por consequência, anticatólicas. É certo que o « Risorgimento » contava com uma maioria católica entre os « federalistas ». O Papa era o chefe desta tendência, que tivera como inspirador e teórico um padre filósofo, Gioberti.

Mas a Itália oficial queria ser laica. Esta é a situação no ano de 1848.

Dom Bosco já se encontra instalado na casa Pinardi (13 de Abril de 1846). Começara a lançar raízes, mas raízes muito débeis. Tem grandes necessidades e aspirações ainda maiores. E para as necessidades imediatas, precisa de socorros imediatos. Mas quem lhe proporcionará os recursos indispensáveis à execução dos seus projectos, que lhe são mais caros do que a própria vida?

Com quem pode contar? Com o Estado?

Qual o seu credo político?

Ele recusou-se sempre a «fazer política». Posição muito delicada, sobretudo naqueles tempos difíceis em que dominava a paixão. A paixão é exigente. Querem-no obrigar a escolher. E Dom Bosco faz a sua escolha: não fazer escolha alguma.

Isto era prudência. Porque a obra de Dom Bosco tinha grande necessidade de sustentáculos poderosos. O seu prodigioso desenvolvimento atraía as atenções dos políticos então no poder e causava-lhes uma certa inquietação. As relações de Dom Bosco com o Vaticano eram bem conhecidas e ele não fazia segredo da sua dedicação à Santa Sé. Mas, por outro lado, também não podia ignorar o poder civil, hostil à Igreja.

Daí o ele ter adoptado — por convicção mas também por habilidade — uma atitude de independência. Esta atitude levava-o a exprimir-se nos seguintes termos: «Eu não pertença a ninguém. A minha política é a do “Pai-Nosso”. O padre pertence a todos. Ele deve servir mesmo estes livre-pensadores que fizeram a nova Itália, esta Itália manifestamente anticlerical dos nossos dias. Mas não devemos voltar-lhe as costas porque, mantendo-nos em contacto com os seus homens, poderemos despertar neles a inquietação e os remorsos...». Mas então, para manter esse contacto, requeria-se muita força de vontade. Era necessário passar por muitas provas.

Não tinha o governo suprimido 600 comunidades religiosas e vendido os seus bens a favor do Tesouro Público?

Depois de uma tal expoliação, de uma tal proclamação de intolerância, não é de admirar que o clero tivesse cortado relações com o Estado.

Mas Dom Bosco, esse, não as cortou. E foi um dos primeiros a «navegar» no mundo dos usurpadores. Isto scandalizou muita gente. Mas por que tomou ele tal atitude? Tomou-a para salvar almas em perigo, as almas dos perseguidores da Igreja. Tomou-a também, e sobretudo, por causa da sua obra. E tomou-a para servir de intermediário entre a Santa Sé e o Estado. Quem, melhor do que ele, poderia desempenhar este papel?

«Eu sou padre e bom cidadão», dizia Dom Bosco. E ninguém podia pôr em dúvida tal afirmação.

Sacerdote humilde, foi deste modo levado a participar nas negociações entre o poder civil e o Papa. Teve relações oficiais ou officiosas com a maior parte dos ministros então notórios: Cavour, Ricasoli, Crispi, Rattazzi, Depretis. Isto, de um modo particular, aquando da nomeação para 108 sedes episcopais vacantes, de prelados aceites tanto pelo Estado como pelo Papa. O primeiro Dom Bosco elaborou a lista.

Mas esta actividade valeu-lhe a malquerença das lojas maçónicas e das seitas.

Embora tratando-o pessoalmente com uma certa amizade, embora oferecendo-se para o ajudar na sua obra, ministros houve, como Cavour, que permitiram à polícia revistar o Oratório, por, a seus olhos, este passar por um centro reaccionário. Perseguições inúteis! Ao mesmo Cavour respondeu Dom Bosco certo dia: « É verdade que eu estou com o Papa e com ele estarei até à morte. Mas isso não me impede de ser um bom cidadão. Citem-me uma linha, uma palavra, um gesto meus que as vossas autoridades possam condenar. Muito pelo contrário! Recolhendo centenas de crianças, guiando-as pelos caminhos do dever, eu colaborei com a ordem pública. Eis a minha política ».

Afirmação tão verdadeira, esta de Dom Bosco, que o mundo anticatólico não se deu paz e tudo fez para pôr termo àquela actividade que, indo em socorro da juventude, era proveitosa para a Igreja. Porque Dom Bosco, sacerdote e apóstolo, fazia o que ninguém então fazia e com um sucesso tão evidente que a sua obra não parava de crescer. Ele constituía um perigo contra o qual bem depressa se mobilizaram forças temíveis.

Durante quatro anos (1852-1856) Dom Bosco serviu de alvo aos golpes dos assassinos. Coisa que parece inacreditável...

Mas o que é realmente inacreditável é a maneira como ele escapou a tais golpes. As peripécias desse drama foram, na verdade, patéticas.

Primeiramente, escapou às balas, dentro da sua própria capela, no decorrer de uma lição de catecismo... Depois ao veneno, às pauladas, às esperas nocturnas. O pretexto para o fazer sair do Oratório durante a noite era sempre a Extrema-Unção pedida por um falso moribundo ou uma confissão *in extremis*. Dom Bosco não podia escusar-se a estas obras de caridade. Embora já elucidado pela experiência, nunca se furtou a tais apelos. Ágil e forte, muitas vezes ficou a dever a salvação à sua vivacidade de espírito e ao seu vigor físico.

E também a ficou a dever a um animal, um cão.

Este cão salvou-lhe a vida em várias circunstâncias perigosas. Era um molosso. Surgiu certa noite, vindo de um terreno baldio, no momento em que dois malandrins se preparavam para matar Dom Bosco.

A partir de então, sempre o Santo o encontrou a seu lado quando saía à noite. Donde vinha? Ninguém jamais o soube. E desapareceu misteriosamente, tal como surgira, quando as agressões cessaram. Na tradição salesiana é conhecido pelo nome de « Pardo », por causa da cor do pelo. A sua existência não é uma lenda. Existiu realmente. Afirmaram-no testemunhas dignas de todo o crédito, que várias vezes o viram.

63 O rei Carlos Alberto de Sabóia (Litografia de C. Goldoni na Biblioteca Real de Turim). Carlos Alberto alimentava uma viva simpatia por Dom Bosco. No dia 30 de Março de 1846, foi este chamado à presença de Miguel Cavour e julgou a sua obra condenada e perdida. O rei salvou-o. « É de minha vontade que estas reuniões sejam auxiliadas e protegidas », diz um decreto escrito pela sua mão.

64 Praça do Município de Turim, na tarde de 4 de Março de 1848. Uma multidão entusiasta aclama a nova Constituição (Desenho de *Monde Illustré*).

65 Carlos Alberto abdica a favor de seu filho Vítor Manuel, a 23 de Março de 1849, em Novara, no próprio campo da batalha (Litografia de F. Lerrin).

66 Vítor Manuel, filho de Carlos Alberto.

67 Camilo Cavour (Litografia de L. Calamata, Biblioteca Real de Madrid). Autêntica alma do Risorgimento, o conde Camilo Cavour foi um fiel amigo de Dom Bosco. A seu respeito, escrevia o Santo: « Muitas vezes me repetiu que, se eu quisesse solicitar-lhe qualquer coisa, encontraria sempre lugar à sua mesa. E acrescentava: — No meu gabinete do ministério não se pode falar calmamente. À mesa é muito diferente! ». E Dom Bosco que queria ser sempre padre — mesmo para os grandes deste mundo — agradecia ao ilustre homem de Estado com estas palavras: « Eu rezarei por vós, Senhor Ministro, a fim de que Deus vos ajude ao longo da vida e na hora da morte ». O futuro havia de provar que a oração de Dom Bosco fora ouvida...

68 Vicente Gioberti, promotor de uma Federação de todos os Estados italianos sob a suserania do Papa, ideia que despertou um grande entusiasmo. Mas a primeira guerra da independência acabou numa derrota e foi um golpe mortal para a Federação... Gioberti mudou de parecer. Dom Bosco, que em 1848 lhe chamara « o grande Gioberti », chegou mesmo a recear pela sua fé.

69 Roberto d'Azeglio. Apesar das divergências de opinião, foi amigo de Dom Bosco. Certo dia, em que d'Azeglio criticava o facto de os rapazes de Dom Bosco recitarem o terço, este disse-lhe em tom firme: « Mais depressa renunciaria eu à vossa amizade do que à recitação do terço ».

70 Urbano Rattazzi. Anticlerical sanhudo, chamavam-lhe o « come-padres ». No entanto, com os seus

conselhos, ajudou Dom Bosco no estabelecimento da Congregação Salesiana, isto em tempos pouco propícios a tal género de fundações. Em 1855 era ministro do Interior e foi ele quem autorizou Dom Bosco a levar (ele sózinho) a um passeio os jovens detidos da « Generala », a casa de correcção de Turim.

71 Francisco Crispi. Grande estadista. A sua política das esquerdas não o impediu de ajudar Dom Bosco. O Santo auxiliara-o quando, exilado em Turim, procurava refazer a vida. Em 1888, Crispi, já então chefe do Governo, aconselhou a inumação de Dom Bosco em Valsalice.

72 As trazeiras da casa Pinardi. Pela janela da direita penetrou a bala destinada a matar Dom Bosco, que, porém, falhou o alvo. Corria o ano de 1848.

73 Armas diversas da época dos atentados contra Dom Bosco: pistolas, punhais, cacetes, veneno. Quase todos os atentados foram perpetrados por seitas anticatólicas. Agressões nas ruas, pela calada da noite; esperas em bairros medonhos, à cabeceira de fingidos moribundos aonde o chamavam à traição; tentativas de envenenamento; tiros à queima-roupa.

74 Felizmente ele encontrou um amigo, um cão, a que deu o nome de « Pardo » devido à cor do pelo. O animal surgiu certo dia, vindo não se sabe donde. Mas aparecia nos locais de perigo sempre no momento oportuno. Várias vezes salvou a vida a Dom Bosco, mas nunca consentiu em comer ou em subir as escadas que levavam ao quarto dele. Um belo dia desapareceu, após vários anos de corajosos serviços. Para onde foi? Jamais alguém o conseguiu saber! A existência deste cão é um mistério... Na fotografia vêem-se as velhas escadas da casa Pinardi que levavam ao quarto de Dom Bosco.

75 Os jornais anticlericais, como se vê, atacavam Dom Bosco em artigos e caricaturas de inspiração vulgar e grosseira. Aqui, o seu Oratório é apresentado como uma fábrica de padres e beatos. A legenda diz: « Com a rede da caridade e da religião apanha os pássaros ». Com isto queriam dizer que as esmolas e os legados lhe forneciam o dinheiro necessário para os seus pobres. Crime deveras imperdoável!

76 Outra caricatura. Legenda: « Melhor era que o taumaturgo Bosco (em mau latim, *Dominus Lignus*) se fosse embora com armas e bagagens, a cavalo por sobre as nuvens ». Alusão discreta ao voo das bruxas... a cavalo numa vassoura.











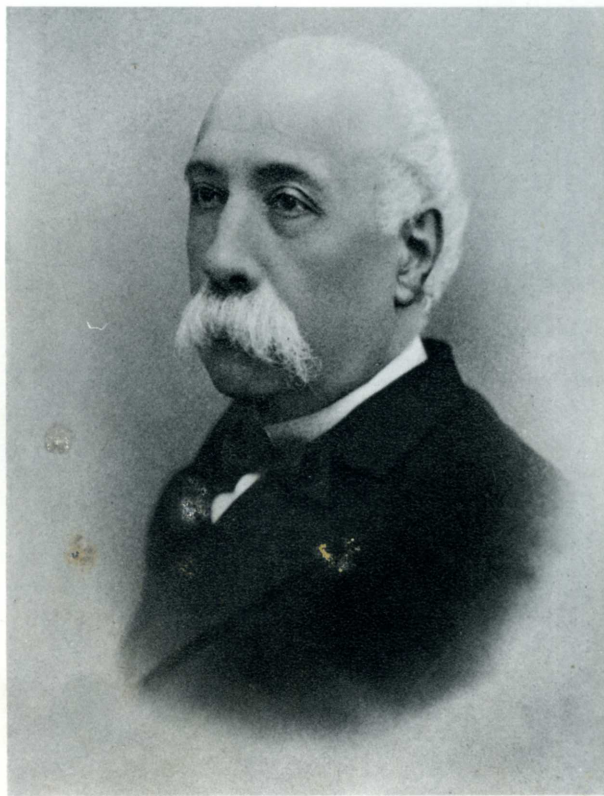
68



69



70



71



72



73





75



11. FINALMENTE, UM TECTO

E agora, relembremos as extenuantes peregrinações de Dom Bosco à procura de um local onde reunir os seus rapazes.

Foi em Dezembro de 1841 que ele encontrou o jovem Garelli, por quem começou o seu apostolado. Em alguns meses juntou nada menos de 400 rapazes, mas sem conseguir encontrar para eles um lugar de reunião estável.

Esta situação durou cerca de quatro anos e meio (de 8 de Dezembro de 1841 a 13 de Abril de 1846). Por fim, tornou-se tão angustiosa que Dom Bosco esteve prestes a duvidar, ele de quem a liturgia da missa proclama que « esperou contra qualquer esperança » (*contra spem in spem credidit*).

Acabara por alugar um prado, último e precário refúgio. Mas, certa tarde, aparece-lhe o proprietário do prado, e diz: « Os seus garotos calcam-me as ervas. Esmagam-nas até à raiz. Tem quinze dias para deixar o terreno livre ».

Desta vez Dom Bosco sente-se acabrunhado pela dor. Corrido daqui e dali, para onde ir?... Humanamente, não pode mais. Ninguém quer nada com ele nem com a sua gente. Sòmente Deus o poderá ouvir.

— Dizei-me Vós, meu Deus, que devo fazer?...

O homem fez tudo quanto podia. E os homens não o compreenderam. Ele próprio sente que se esgotaram todos os recursos...

Todos, salvo o recurso à oração, a esta oração que é uma confissão de impotência humana e, portanto, de fé em Deus... « Dizei-me Vós, meu Deus, o que devo fazer... ».

E Deus diz-lho.

Envia-lhe um homem. Não um arcanjo, mas um homem que, muito prosaicamente, vem propor a Dom Bosco um negócio. E logo começa por falar de dinheiro:

— Parece que o senhor padre anda à procura de um sítio onde reunir os seus rapazes. Eu conheço um. É o telheiro de um amigo meu que se chama Pinardi. Ele pode alugar-lho por 300 liras por ano, com o respectivo contrato...

Finalmente, um telheiro!... E que telheiro! Um casebre miserável, mas que tem um tecto; paredes em ruínas, mas que sempre são paredes; e um terreno... Em suma, as primeiras raízes. Aquilo que Dom Bosco procurava, raízes para se enraizar. O grande sonho de Dom Bosco...

Um contrato de arrendamento é uma garantia, mas garantia provisória, ao passo que a compra daria garantias definitivas. A pressão das circunstâncias e uma

grande vontade de morar em casa própria levaram Dom Bosco a adquirir o famoso telheiro ao senhor Pinardi.

A venda fez-se no dia 19 de Fevereiro de 1851, por 30 000 libras das quais o comprador não tinha nem um centavo. À sua pobre mãe, assustada, Dom Bosco dizia: « Deus há-de mandar-nos esta importância ».

De facto, em oito dias, Deus arranhou-lhe o dinheiro...

Entre o aluguer da casa Pinardi e a sua compra decorreram 4 anos e 10 meses. Tempo bem aproveitado! Desde que sentira o chão mais firme debaixo dos pés, Dom Bosco lançara-se ao trabalho nas suas primeiras obras com um ardor infatigável. A sua actividade abrange todos os domínios. Assim, organiza, sucessivamente, aulas de catecismo e cursos nocturnos para os quais procura, encontra e forma mestres. Sempre de olhos fitos no futuro, já ele prevê as necessidades de outros colaboradores, mas sacerdotes como ele. Aos colaboradores que então recrutava ia-os instruindo e para isso fez-se professor de latim. Funda dois oratórios anexos — « Porta Nuova » e « Vanchiglia » (1849) — e uma « Associação de Socorros Mútuos » para os três oratórios. Por fim, consegue mesmo o auxílio de alguns subsídios do Estado laico... Esta actividade não o impede de publicar uma *História Eclesiástica* e vários periódicos para os rapazes, entre eles *O Amigo da Juventude*. E isto no período dos atentados contra a sua vida.

Mas, muito mais perigosa do que os atentados foi a grave doença que o atacou. Uma pneumonia que o pôs às portas da morte. Então ficou bem demonstrado o quanto lhe queriam os seus rapazes. Pela sua cura, fizeram eles, dias e noites seguidos, um verdadeiro assalto de orações fervorosas. Curou-se Dom Bosco e foi passar o longo período da convalescença a Becchi, em casa da Mãe Margarida. Quando regressou a Turim, ela acompanhou-o.

E por que razão queria ele a companhia da mãe?

Por causa do ambiente em Valdocco. Para as suas reuniões, tinha Dom Bosco alugado, não muito longe do telheiro, quatro divisões de uma casa também propriedade de Pinardi. Mas, ao lado desta, outras duas havia cuja má fama era notória. Como podia ele, sacerdote, morar paredes meias com tal vizinhança? Era-lhe necessária uma indiscutível garantia de moralidade. Para essa garantia, escolheu sua mãe. E ela aceitou.

Para seguir o filho, abandonou Margarida a velha casa da família, rodeada de campos, onde a sua velhice encontraria a necessária quietação. Ia agora, de um momento para o outro, ver-se perante quinhentos ou seiscentos rapazes filhos da rua, que talvez não fossem maus mas eram, certamente, indisciplinados e insuportáveis.

Pelo filho, pela obra que ele criara, pela caridade, Margarida trabalhou sem

descanso, dia após dia, até morrer de fadiga, de privações, de doação de si mesma, em 25 de Novembro de 1856.

Mas contribuição capital foi a sua naquele período decisivo que vai de 1846, ano da instalação da obra na casa Pinardi, até à morte da santa mulher dez anos mais tarde. Durante esses dez anos, ela foi para o filho um auxiliar insubstituível. É a época das actividades mais vivas, dos combates mais duros, das ideias acerca do futuro que a todos pareciam audazes, e também a época das fundações duradouras. Então, procede Dom Bosco ao lançamento da primeira pedra da sua própria igreja, a de S. Francisco de Sales; constrói em Valdocco o primeiro internato; aumenta e cerca de muros o Oratório onde instala oficinas; desenvolve o ensino; encontra para os seus colaboradores o nome de « Salesianos », em honra do santo que admira. E, perante as necessidades sempre crescentes da sua obra, solicita, comove e conquista poderosas famílias de Turim cujo auxílio, a partir de então, não mais lhe faltou.

Mas, toda esta actividade desenvolve-a Dom Bosco num mundo em plena eferescência política. A situação é tão instável que, por vezes, até os seus o abandonam. Mas ele reconquista-os.

Para cúmulo dos azares, sofre dois rudes golpes na sua actividade de construtor. Por duas vezes vêm abaixo as suas edificações. E também por duas vezes ele as reconstrói. Nada consegue desencorajá-lo! Graças aos seus sonhos proféticos, sabe para onde vai. Para ele, o futuro é como que um presente ainda não realizado.

77 A fonte da casa Pinardi. Tudo o que dela ficou até aos nossos dias.

78 Igreja de S. Francisco de Sales, em Valdocco. A fotografia foi tirada do quarto de Dom Bosco. O Santo lançou a primeira pedra desta igreja em 1851. Onze meses depois, abria-a ao culto. Mas quantos esforços, quantos pedidos, quantas colectas, quantas rifas! Nela se concentrou a actividade religiosa do Oratório de Valdocco durante 17 anos (1851 a 1868). Ali rezaram o angélico Domingos Sávio, o garoto-santo Miguel Magone, o pastorinho dos Alpes Francisco Besucco. Nesta igreja estiveram expostos os

restos mortais de Dom Bosco, tendo desfilado perante eles mais de 40 000 pessoas. Modesto santuário cheio de recordações, de ternura, de temas de meditação para quem ama S. João Bosco.

79 A primeira imagem de Maria Auxiliadora que foi venerada em Valdocco. Muitas vezes Dom Bosco dizia: «Na minha vida, foi Ela quem fez tudo». Em paga, ele foi o grande promotor do seu culto em todo o mundo. E, após ele, os seus filhos e filhas.

80 Dom Bosco entre os rapazes. É o pai de família rodeado pelos filhos.









12. OS SALESIANOS

Mas outras construções há, muito mais difíceis de erguer do que as que têm quatro paredes e um tecto! Construções para as quais é preciso o saber, a inteligência; construções a que é necessária uma alma para que tenham vida. Dom Bosco não podia continuar, indefinidamente, a fazer tudo sozinho. Precisava de colaboradores, mas colaboradores cujas almas fossem semelhantes à sua ou, pelo menos, nela se inspirassem. Para conseguir tais colaboradores, uma única solução se lhe apresenta: escolhê-los de entre os seus rapazes, recrutá-los na sua própria casa! Os quadros dirigentes da obra deviam sair da própria obra. O aluno tornar-se-ia mestre. Bastava a Dom Bosco fazer uma escolha entre os adolescentes que acolhera em Valdocco. Alguns deles eram capazes de corresponder aos seus desígnios. Deste modo, um único espírito reinaria no seu Oratório. O espírito de uma verdadeira « Cidade », cidade de rapazes e homens, cidade bem construída, cidade cercada de muros, cidade que teria como ponto de reunião espiritual uma igreja.

Eis porque Dom Bosco quer que os seus discípulos sejam religiosos, e mais ainda, religiosos por ele formados e de qualquer modo por ele também consagrados. Já em 1842, ainda a residir no « Convitto », Dom Bosco pensara nisto. Mas, um após outro, os seus primeiros discípulos abandonaram-no. Por duas vezes recomeçou a experiência. E por duas vezes se repetiu o insucesso... Após cinco derrotas consecutivas, o corajoso fundador conseguiu finalmente vestir a batina a quatro dos seus rapazes. Foi a 2 de Fevereiro de 1851. Três anos mais tarde, propôs aos seus primeiros filhos espirituais que se ligassem a ele mediante aquilo a que, prudentemente, chamou « uma promessa ». E nesse dia (26 de Janeiro de 1854) deu-lhes o nome de « Salesianos ». Porquê este nome? Sem dúvida porque, durante o retiro espiritual que precedera a sua ordenação sacerdotal, em Maio de 1841, ele escrevera: « A caridade e a doçura de S. Francisco de Sales devem iluminar cada uma das minhas iniciativas e dos meus actos ». Havia também um segundo motivo: o culto pelo doce Bispo de Genebra condicionava o Dom Bosco com a sua primeira benfeitora, a Marquesa de Barolo. Esta senhora acariciara a ideia de fundar uma sociedade de sacerdotes e colocá-la sob o patrocínio de S. Francisco de Sales. Enfim e sobretudo, ao dar a seus filhos um tal modelo, pretendia Dom Bosco que as suas obras e pedagogia ficassem impregnadas da doçura de espírito, da paciência e da caridade sorridente do santo Bispo. Mas, dos quatro prelados que governaram a diocese de Turim

durante os quarenta anos de actividade de Dom Bosco (1846-1888), o segundo, Monsenhor Riccardi di Netro, e ainda mais o terceiro, Monsenhor Gastaldi, combateram encarniçadamente os seus projectos. Ora estes prelados ocuparam por muito tempo a cadeira episcopal... E o infortunado fundador teve que suportar durante vinte longos anos, e mesmo à beira da porta, uma hostilidade que nada podia aplacar.

Felizmente que, na chefia da Igreja, dois Papas o compreenderam. Dois apoios seguros! Um, paternalmente familiar, e mesmo carinhoso, o bom Pio IX, alma irmã da sua; o outro, Leão XIII, a própria inteligência personificada. Foi graças a eles que Dom Bosco triunfou. Mas, se conseguiu conquistar-lhes o espírito e o coração ficou a devê-lo aos extraordinários dons que possuía e que se resumem numa só palavra: santidade. Santidade que as almas mais elevadas — e entre elas as dos dois Papas — sentiam presente naquele homem: todos os seus pensamentos, todas as suas acções, todas as suas palavras, todos os seus momentos de heróica paciência eram sinais da divina eleição.

Caso estranho: o Santo recebeu palavras de encorajamento, de todo inesperadas, de um homem então poderosíssimo em Turim, o ministro anticlerical Urbano Rattazzi.

— Meu caro Dom Bosco — disse-lhe, certa vez, o ministro — devia ligar a si alguns dos seus rapazes. Ajudá-lo-iam como, aliás, alguns deles já o fazem, a manter a disciplina e a instruir o seu mundo de garotos. Forme uma sociedade em que cada um dos membros conserve os próprios direitos civis, se submeta às leis do Estado e pague pessoalmente os seus impostos; uma sociedade que seja apenas uma associação de cidadãos livres que vivem juntos com fins beneficentes. Garanto-lhe o êxito. Terá o apoio do Estado e do Rei!

— Entendido — respondeu Dom Bosco, satisfeito com a sugestão. — Hei-de pensar nisso.

E pensou, realmente...

Diz-se que, se Dom Bosco concebeu o projecto de fundar uma sociedade religiosa foi porque as circunstâncias a isso o impeliram. Também é verdade. Mas a ideia já trabalhava no seu cérebro desde o dia em que fora favorecido com o primeiro sonho. Porém, outro sonho houve no qual essa ideia lhe foi claramente exposta por Nossa Senhora Auxiliadora, sonho que ele teve certa noite do ano de 1845. Aparece-lhe a Virgem Santíssima, a quem ele chama simplesmente « a Senhora ». Ela conduz Dom Bosco ao lugar em que haviam sido supliciados os mártires de Turim: Solutor, Adventor e Octávio. Ali, a Senhora diz-lhe: « Quero que Deus seja honrado de um modo especial neste lugar sagrado ».

« E, ao dizer estas palavras (conta Dom Bosco), ela apoiava um dos pés no lugar em que havia caído o primeiro mártir a fim de o indicar com precisão. Vi então aproximar-se um número infinito de rapazes — acrescenta o Santo. — Eles apinhavam-se no local que crescia a olhos vistos. Uma vasta igreja se erguia no sítio indicado pela Senhora. Diante da igreja, uma bela praça dominada por uma magnífica estátua (diga-se, de passagem, que essa estátua havia de ser, anos volvidos, a do Santo!). A ajudar-me no meu apostolado, um certo número de coadjutores, de clérigos e de sacerdotes; mas, ao fim de algum tempo, todos se iam embora! Em vão tentei ganhar alguns deles para a minha obra. Então, corri novamente para junto da Senhora. “Queres saber como retê-los? — disse-me ela. — Toma esta fita e coloca-a sobre a fronte de cada um deles”. Peguei na fita, que era branca, e vi nela escrita a palavra “Obediência”. Depois, fiz como a Senhora me tinha ordenado. Enrolei aquela fita à volta da cabeça de muitos dos meus colaboradores. O efeito foi radical! Nenhum deles pensou mais em abandonar-me... Assim se formou a Congregação Salesiana ». Isto contou-o Dom Bosco.

Depois, começando a falar de si mesmo como de uma terceira pessoa, acrescentou: « A partir desse momento, nunca mais Dom Bosco se sentiu inquieto pelo futuro da Congregação. Falava da sua igreja, da sua casa, dos seus auxiliares, como se de coisas já feitas se tratasse, o que o fez passar por louco aos olhos de alguns eclesiásticos que pretenderam interná-lo no manicómio... ».

Foi este o sonho... uma surpreendente realidade nos nossos dias!

81 Canhenho de Dom Rua, onde se descreve a fundação da Congregação Salesiana. Já desde 1842 que Dom Bosco se vinha dando conta de que lhe eram necessários numerosos colaboradores. Para tal precisava de despertar vocações, criar os seus próprios padres para os reunir numa Congregação, dar-lhes regras, fazer com que Roma as aprovasse... Em 1859, Dom Bosco redige as primeiras regras, cujo projecto apresentara ao Papa Pio IX em 1858. Teve acolhimento favorável. Apesar, porém, do apoio moral do Papa, dificilmente consegue alguns resultados positivos. Tanto mais que, em Roma, os turineses contrariam os seus projectos. Mas Dom Bosco é, por natureza, obstinado. O Céu dá-lhe forças. Nossa Senhora Auxiliadora não o desampara. Nada consegue desencorajá-lo e, por fim, alcança a vitória.

82 A casa onde Dom Bosco morou. O quarto e o escritório ficavam no segundo andar.

83 Dom Bosco aos 65 anos (1880). O seu rosto revela força e bondade. Agora está seguro do sucesso da sua ambiciosa caridade... (Foto Schemboche).

84 Peças de vestuário e objectos familiares de Dom Bosco. Estão suspensos dos cabides do seu quarto (Museu de Dom Bosco, Turim).

85 Seis pequenas imagens assinadas « Sacerdote João Bosco ». Na primeira lê-se: « Os jovens são a delícia de Jesus e de Maria ».

86 Cesto de papéis. Dentro vê-se um sobrescrito do Estado Pontifício. Foi num cesto semelhante a este que a polícia, ao passar revista à casa de Dom Bosco por ordem do ministro Farini, encontrou um sobrescrito com selos dos Estados Pontifícios. A descoberta avolumou as suspeitas. Então Dom Bosco mantinha

correspondência com a Santa Sé? O documento não foi suficiente para o comprometer. Mas tornou-o objecto de vigilância...

87 A varanda de Dom Bosco, diante do seu quarto. Dali podia ele ver os rapazes a brincar no pátio, cheios de alegria, tal como desejava.

88 Altar privativo de Dom Bosco, em forma de armário. Em Janeiro de 1879, o Santo teve um êxtase no momento da elevação. Por alguns instantes permaneceu no ar, acima dos degraus deste mesmo altar (Fotografia do Museu de Dom Bosco).

89 Cálice pessoal do Santo (Museu de Dom Bosco). A missa e a comunhão frequente foram a base da sua pedagogia.

90 A coluna da « Consolata ». Homenagem de reconhecimento à Virgem que livrou Turim de uma epidemia de cólera em 1835. Também em 1854 a epidemia caiu sobre a cidade. De dez casos, seis eram mortais. O Oratório estava rodeado de agonizantes. Os cadáveres dos pestíferos ficavam tão desfigurados que mesmo os seus familiares se esquivavam a sepultá-los. Dom Bosco recrutou 40 dos seus rapazes, entre eles o jovem Domingos Sávio, e lançou-os no meio daquele terror generalizado. No lazareto, viram-nos à cabeceira dos doentes, tratando-os carinhosamente; e também os viram transportar e enterrar os mortos. Aos pobres levavam lençóis, peças de vestuário, cobertores. O Oratório ficou vazio... A epidemia durou três meses, e três meses durou esta caridade. Coisa notável: nenhum dos jovens do Oratório foi atingido pelo terrível mal. Mas cada um deles trazia ao pescoço uma medalha de Nossa Senhora Auxiliadora benzida por Dom Bosco...

La sera Del 26 Gennaio 1854
ci radunammo nella stanza
Del Sig. B. Bosco; E' so Don Bosco,
Bocchietti, Artiglia, Cagliari e
Bua; e ci venne proposto di
fare coll'ajuto Del Signore e
Di S. Francesco Di Sales una
prova di esercizio pratico
Della carità verso il prof-
simo, per venire poi ad
una promessa, e quindi
se parrà possibile e conveniente
di farne un voto al Signore.
Da tal sera fu posto il nome
Di Salesiani a coloro che si pro-
posero e proporranno tal esercizio.







O giovanetta sono la
delizia di Gesù e di
Maria -

Sac Gio Boko

Sac Gio Boko

Sac Gio Boko

Sac Gio Boko

Sac Gio Boko

Sac Gio Boko











13. A PEDAGOGIA DO AMOR

A Obra Salesiana é uma vasta iniciativa de educação popular. Este o fim que Dom Bosco lhe atribuiu. E ele tinha, de facto, uma poderosa vocação de educador. Mas, para a satisfazer, terá acaso inventado algum sistema novo? Não. Dom Bosco tem uma pedagogia realista.

— O meu sistema — respondia ele a quem lhe perguntava qual o segredo dos êxitos obtidos — não sei qual é! Vou para diante, utilizando as circunstâncias e as inspirações do bom Deus.

Nem teorias, nem tratados, mas uma experiência progressiva. É uma pedagogia vivida a sua, não parte de uma ideia preconcebida. Faz-se, desenvolve-se, é uma prática.

Dom Bosco costumava dizer familiarmente:

— Atirem um cão à água. Ele começa logo a nadar. O segredo é esse.

Aquilo a que se chama um sistema não existe. Apenas umas simples normas colhidas de momento, segundo as necessidades. São formuladas porque já deram as suas provas. O espírito permanece livre. Nada de preconceitos! Elas estão antecipadas de um século.

Eis algumas dessas normas tomadas ao vivo, textualmente:

« Inspirai confiança aos rapazes. Fazei com que eles vos amem. Assemelhai-vos a eles. Misturai-vos com os vossos alunos. Certamente que os deveis vigiar, mas com a atenção de um pai, nunca com a de um censor. Não espereis pelo mal. Preveni-o. Mais vale prevenir do que castigar. Participai, francamente, nas suas brincadeiras. Fazei como eu faço: divirto-me com as crianças a jogar a barra e a correr. E, sobretudo, não vos conserveis afastados.

Apaziguai imediatamente as disputas. Infelizmente, também as sanções são necessárias, por vezes; mas retardai a sua aplicação tanto quanto possível e tornai-as razoáveis. É preciso que a criança as aceite. Para isso, falai ao seu coração. E, sobretudo, não a humilheis. Dessa humilhação poderiam resultar ressentimentos perigosos.

Nada de cóleras, ainda que justas. Nada de palavras frias ou expressões duras. Dizei muito simplesmente ao culpado: “Não estou contente contigo”. Em noventa por cento dos casos isto bastará. Não tenhais uma verdadeira idolatria pelas aparências da ordem. Dai uma parte larguíssima à liberdade. A disciplina é apenas um meio e não um fim. Não a apliqueis, pois, por si mesma. Ela oprime, aniquila o entusiasmo, refreia a espontaneidade. Equilibrai a liberdade com a

necessária disciplina. É uma questão de tacto. Procurai reconstituir em volta da criança o espírito de família. Afastai o aborrecimento e ligai o prazer ao dever. Não temais uma pequena e breve explosão de entusiasmo; associai-vos a ela. Se o barulho for necessário à alegria, provocai a sua efervescência. Porque a alegria é indispensável; indispensável em toda a parte, tanto nas salas de aula como nas funções religiosas. Para despertar e favorecer essa alegria, nas igrejas deve haver cânticos, orações em comum, luzes, flores. Quem ama a Deus não treme diante d'Ele.

Rezar é uma alegria. É preciso que as crianças sintam essa alegria. Sêde expansivos na vossa alegria para que elas o sejam na delas. É este o caminho do amor. Sem afeição não há confiança. Sem confiança não há educação. Este o princípio capital da autoridade. Se queres que te obedeam, faz com que te amem... ». Tais os preceitos em que se inspirou Dom Bosco. Foram recolhidos, aqui e ali, em escritos e conversas do Santo.

Válidos para todo o mundo, representam ainda hoje uma honra para a família salesiana.

A educação tem dois fins: um, imediato e terrestre, que é tornar os rapazes socialmente dignos de serem homens; outro, a longo prazo, preparar-lhes a entrada no Céu. E é este último o principal. Daí a preocupação religiosa revelada em todos os ensinamentos anteriores. Para levar os rapazes da terra até às portas do Céu, Dom Bosco necessita da colaboração de Deus. Ele não é senão um intermediário, mas intermediário legítimo, porque sacerdote.

Por isso quer que os seus auxiliares tenham o mesmo estado, se encontrem revestidos de igual dignidade. Sem dúvida que nem todos eles serão outros Dom Bosco, mas possuirão, pelo menos, uma das suas qualidades: o sacerdócio. Segundo a opinião do Santo, o padre é o educador perfeito. Quantas vantagens não oferece ele sobre os outros educadores? Tem, por exemplo, à sua disposição um meio de que nenhum leigo pode dispor: a confissão, meio incomparável para o conhecimento das almas e sua direcção.

Certamente que, com normas estabelecidas por Dom Bosco, também um leigo, sobretudo se é um religioso como o coadjutor salesiano (igualmente querido pelo Santo), pode obter excelentes resultados educativos, porque os conselhos de Dom Bosco são de si mesmos eficazes. Contudo, nas mãos de um padre — e de um padre segundo o coração de Dom Bosco — adquirirão maior amplitude e elevação.

O objectivo supremo de Dom Bosco, padre-educador, era a salvação das almas. Daí a importância que dava à piedade. O próprio Deus colaborava com ele. Porque era em Seu nome que o Santo pôdia confessar e distribuir a Comunhão.

Maior confessor que Dom Bosco não o conheceu o seu século. Igualou o Cura d'Ars. Foi a confissão incarnada. Mas não confessava como juiz, confessava como pai. Oferecia paternalmente o seu ombro ao penitente arrependido, para sentir o peso da cabeça que aí se pousava cheia de confiança. E a confissão tornava-se fácil, a promessa mais segura, a penitência menos amarga. Dom Bosco confessava na esperança, muito perto de Deus, e adoçava esta proximidade divina com a intervenção de uma imagem que trazia gravada no coração: a da Mãe de Deus, da Auxiliadora, como gostava de Lhe chamar. É uma ponte de ternura humana, o sobre-humano ao alcance da alma humana, mantendo com ela uma misteriosa familiaridade. Por isso ele dirigia os olhos do penitente para aquela Mãe que viveu na terra como qualquer outra mulher, teve um filho e por ele sofreu. Aquela Mãe que compreende as fraquezas da terra e, no entanto, pertence inteiramente ao reino dos céus!

Dom Bosco confessava, celebrava a Santa Missa, oferecia a Hóstia que resgata, difundia o culto da Virgem. Deste modo, um profundo sentimento religioso coroava aquela educação nascida da experiência do dia a dia, empiricamente. Até aqui, nada de espantar, porque Dom Bosco era sacerdote. Mas as linhas que ele traça a esta educação, o colorido que lhe empresta, e o alimento de que a nutre são de uma originalidade singular. Talvez a da sua própria alma... Porque estamos em presença de um santo, e um santo como tal reconhecido quando ainda vivo! Ora os santos possuem os mais inexplicáveis dons, entre eles o da atracção, da sedução interior. Um santo como Dom Bosco dá tudo, mesmo tudo, a ponto de se dar a si mesmo a Deus. Por isso, a presença dele fazia sentir a presença de Deus. Mas esta presença em nada ofuscava o que o Santo tinha de humanamente familiar, de acessivelmente terno. Por essa razão, onde quer que o encontrassem as crianças corriam para ele, por vezes até sem o conhecerem...

Quantas não atraiu ele, e quantas não se tornaram seus discípulos? Só Deus o poderia dizer!

91 Contrato de trabalho. Dom Bosco fê-lo estabelecer entre o marceneiro José Bertolini e um dos seus aprendizes, José Odasso, que pertencia ao Oratório. Já então o santo educador tivera ideia de um contrato entre patrão e empregado. Ideia de largo futuro. Também neste capítulo ele vira longe. A fotografia da direita mostra a primeira página do contrato. À esquerda, a conclusão com as assinaturas, entre elas a de Dom Bosco.

92 Primeira imagem do telheiro Pinardi, que Dom Bosco transformou em « Oratório ». Os jogos constituíam uma parte importante do seu « sistema preventivo ». A divisa era: « Não espereis pelo mal, preveni-o. Tomai parte nos jogos dos vossos rapazes. Nunca vos conserveis à distância... ».

93 Brincar é bom; o trabalho é um bem necessário. O trabalho forma o homem, mas somente quando feito com amor! Na fotografia, as actuais oficinas do Oratório de Turim. Jovens aprendizes de marceneiro a trabalhar.

94 Aprendiz de alfaiate.

95 Aprendiz de tipógrafo-compositor. Dom Bosco, que viria a ser proclamado patrono dos editores, foi infatigável obreiro da pena. « Imprensa contra imprensa! » era uma das suas divisas.

96 Aprendiz de mecânico.

97 Para Dom Bosco, a piedade é o fundamento de toda a educação. Fotografia: conserva-se ainda um curioso registo escrito pela própria mão de Dom Bosco em 1862. Ao lado do nome de cada um dos alunos pode ler-se uma máxima adaptada às suas necessidades. Máxima que a própria Virgem Maria ditou! Isto sob a forma de « bilhete » que o interessado devia retirar. Como nem todos o retiraram, ficaram ainda alguns no caderno cujas últimas páginas, com toda a simplicidade, foram utilizadas como registo de contas.

98 A confissão. Foi este, evidentemente, o mais eficaz dos meios que S. João Bosco utilizou para educar os seus rapazes. Era a parte pessoal da educação. Logo que surgia um problema, o Santo dizia ao rapaz: « Confessa-te! ». A fotografia apresenta Dom Bosco a confessar. O penitente é o jovem Paulo Albera, que mais tarde será o segundo sucessor do Santo. Este documento prova que Dom Bosco confessava em público.

99 As « Boas-Noites ». Todas as noites, antes de se deitarem, Dom Bosco reunia os rapazes. Recitadas as orações da noite, dirigia-lhes sempre algumas palavras. Fotografia: O pórtico das « Boas-Noites ».

Di cui presentemente è allievo cessando allora ogni suo rapporto col Direttore dell'Oratorio, si intenderà conseguentemente anche cessata ogni influenza o relazione tra esso e il Direttore di detto Oratorio. Il Maestro Miniere summentovato. Ma quando il comitato manovrando riguardasse soltanto l'Oratorio e non riflettesse particolarmente il Maestro suddetto, l'intenderà ciò non ostante durativa e obbligatoria nel resto la presente convenzione, fino al compimento dello stabilito termine dei due anni, relativamente ad ogni altra condizione concernente esso Maestro, l'apprendista, e il detto Oratorio.

Il sig. Direttore dell'Oratorio summentovato promette di prestare la sua assistenza per la buona condotta dell'apprendista, infuocandolo continuamente questi, ad apprendere all'Oratorio, e però accoglierlo sempre con premura qualunque lingua che occorresse al sig. Maestro di fare sul dipartimento del detto giovane.

Perchè tutto promettano i contraenti, considerano per la parte che personalmente lo concerne, di attendere di osservare esattamente sotto pena del risarcimento dei danni. Ed infine si sono appie della presente sottoscritti.

Torino, Valla, Casa del
Oratorio di S. Francesco di Sales, *Giuseppe Bertolino*
ad il febbraio 1849. *Giuseppe Miniere*
Francesco D'Alles



Convenzione tra il sig. Giuseppe Bertolino Maestro Miniere dimorante in Torino ed il giovane Giuseppe D'Alles nato di Mondovì con intervento del Rev. Sacerdote Giovanni D'Alles e coll'assistenza e fedeltà del padre del detto giovane Vincenzo D'Alles nato di Gressio, domiciliato in questa capitale.

Per la presente scrittura a doppio originale da porre insieme a doppio rubricata l'una delle parti, fatta nella Casa dell'Oratorio esistente in Torino sotto il titolo di San Francesco di Sales venne patto quanto infra:

1.° Il sig. Bertolino Giuseppe Maestro Miniere esercitante tal professione in Torino riceve nella qualità di apprendista nell'arte di falegname il giovane Giuseppe D'Alles nato di Mondovì del vivente Vincenzo nato di Gressio di questa capitale domiciliato, e si obbliga d'insegnargli l'arte suddetta per lo spazio di anni due che si dichiarano aver avuto principio col primo del corrente anno. D'aver termine con tutto il mestiere cinquantatre, di dare al medesimo nel corso del suo apprendimento le necessarie istruzioni e le migliori regole onde ben imparare ed esercitare l'arte suddetta di Miniere, di farli relativamente alla sua condotta morale e civile quegli opportuni salutar















14. UMA VITÓRIA DIFÍCIL

Tendo partido para Roma no dia 18 de Fevereiro de 1858, Dom Bosco foi recebido pelo Papa no dia 9 do mês seguinte. Pio IX, que ele via pela primeira vez, foi de uma rara bondade. O Papa fez falar o Apóstolo de Turim e ouviu-o narrar os anos heróicos do Oratório. Maravilhado com uma tal actividade, disse ao seu visitante:

— Mas, quando um dia morrer, que será de todas as suas obras?

— Eu vim a Roma, propositadamente, para falar acerca deste assunto — respondeu imediatamente Dom Bosco. — Queria que Vossa Santidade me ajudasse a fundar uma congregação compatível com os tempos difíceis que atravessamos.

E, em breves palavras, Dom Bosco expôs os seus projectos de futuro.

— Redija as regras da sua futura sociedade neste sentido — diz-lhe Pio IX. — Por um lado, é preciso que o Governo não lhe levante dificuldades. Por outro lado, não são promessas mas sim votos que devem ligar os seus membros ao Superior. É preciso também que as regras desta Sociedade — porque eu preferiria chamar-lhe antes sociedade que congregação — sejam fáceis de observar. Nada, no vestuário, deve distinguir os seus religiosos do clero secular, e também nada os deve distinguir nos exercícios de piedade. O problema não é de fácil solução, bem sei. No entanto, estude-o e depois traga-me o resultado das suas reflexões.

Vê-se bem que Pio IX se deixara conquistar pelo nosso Santo. Durante dezasseis anos, os seus conselhos iriam guiar o jovem fundador por um caminho longo e cheio de ciladas. E se a Sociedade Salesiana hoje existe, deve-o, em boa parte, a este grande pontífice.

De regresso a Turim, o fundador revela aos colaboradores o seu grandioso projecto, cuja realização se lhe afigura próxima. O problema que se põe é o de fazer sair da sombra para a luz do dia uma sociedade religiosa que já existe, se bem que em estado latente. Depois da vestidura e dos primeiros votos dos seus religiosos, Dom Bosco, felicíssimo, profetiza: « Dentro de 25 anos, provavelmente sereis mais de mil! ».

Mas o tempo passa e Roma guarda silêncio... Dom Bosco inquieta-se. Novas diligências. Escreve, solicita... Por fim, em 1873, Roma emite um « Decreto de Louvor » favorável ao projecto das Regras. Não era a aprovação. Era simplesmente um passo necessário e indispensável passo. Mas fora dado... Infelizmente,

Roma fizera algumas emendas no texto das Regras — onze ao todo! Dom Bosco aceita sete e rejeita quatro... E em 1867 de novo o vamos encontrar na Cidade Eterna. E outra vez ainda Roma diz « não »! Pio IX dá-lhe, porém, um conselho amigo: « Chegue a acordo com o seu arcebispo ». Mas a situação de Dom Bosco em Turim está muito longe de ser boa! O velho arcebispo exilado em Lião, Monsenhor Fransoni, seu amigo e protector, deixara este mundo. O sucessor, Monsenhor Riccardi di Netro, nem queria ouvir falar de uma nova congregação na sua diocese! As manifestações de hostilidade sucediam-se. Dom Bosco foi notificado de que lhe era vedado empregar na sua obra o clero da diocese. Por outro lado, sòmente os alunos do Seminário Maior poderiam ser ordenados sacerdotes. Pobre Dom Bosco!

E, durante este tempo, que se passava em Roma? Apesar de haver dezasseis recomendações episcopais favoráveis, a Santa Sé, influenciada por um adversário de Dom Bosco, Monsenhor Svegliati, tornara a dizer « não ».

Mas Dom Bosco é teimoso. Faz as malas e, pela terceira vez, toma o comboio para a Cidade Eterna. « Uma viagem inútil » dizem os amigos. O momento era mal escolhido. Roma inteira estava contra ele. « Rezarei a Nossa Senhora — responde Dom Bosco. — Ainda recentemente lhe construí uma igreja ». Os homens arrazoam, cheios de lógica. O Santo desarrazoa à sua maneira... e parte! Mas Roma mostra-lhe má cara. Tal como lhe haviam dito, quase todo o clero oficial o acolhe com frieza. Dom Bosco é considerado um maçador... e sente-se terrivelmente só entre aqueles homens. Nesse caso, compete ao Céu intervir! Dom Bosco reza e o Céu não fica surdo aos seus rogos. Oferece-lhe quatro excelentes ocasiões de tocar os corações de quatro grandes prelados que lhe são hostis. Hostis e doentes... Pelo menos três de entre eles. Pelo que diz respeito ao quarto, tem um sobrinho a morrer! E por que não quatro milagres? Dom Bosco apresenta-se, cura os doentes e salva o sobrinho! Curas radicais e imediatas. Depois disto, como negar a presença de um poder sobrenatural neste pobre padre? A partir deste momento, como negar-lhe o apoio que solicita? Entre os miraculados, conta-se Monsenhor Svegliati, o pior dos adversários! Depõe as armas, e os outros também... E, no dia 1 de Março de 1869, Dom Bosco foi informado de que um novo decreto aprovava a Sociedade Salesiana. Durante um período de 10 anos, e sob condições aceitáveis, era-lhe permitido fazer ordenar os seus clérigos. Ainda desta vez não vinha a aprovação definitiva, mas vinham dez anos de segurança.

É então que, pela segunda vez, o nosso Santo vê erguer-se contra ele o Arcebispo de Turim... Monsenhor di Netro morrera, mas Monsenhor Gastaldi, seu sucessor, mostrava-se ainda mais hostil! Que censura ele a estes importunos

Salesianos? Ah! Muitas coisas: a desordem, os estudos insuficientes, a incompetência dos professores, a falta de um noviciado efectivo, uma piedade mais do que modesta e nenhuma inclinação para o ascetismo... Em suma, nada de bom encontra neles! Após tal parecer, como conseguir uma aprovação definitiva? Conclusões para Dom Bosco: novas dores, novos obstáculos, novos esforços, e mais duas viagens a Roma! É absolutamente necessário ir até à presença dos poderosos, falar-lhes, convencê-los. Antes de deixar Turim, Dom Bosco pede aos seus Salesianos e aos seus rapazes que façam dois tríduos de orações e de sacrifícios a pedir a Deus o bom êxito da causa.

Em Roma, trava-se áspera luta no seio da comissão encarregada de decidir da sorte da jovem Sociedade. Três cardeais são a favor e outros três são contra... Trata-se do último combate, o da aprovação definitiva das Regras. Vota-se. Falta um voto! Pio IX intervém: « Então dou o meu voto a favor ».

Superado este último obstáculo, a Sociedade Salesiana ia, finalmente, poder caminhar sòzinha, sob a orientação directa de Roma! Depois do dia histórico que foi o de 31 de Março de 1874, o nosso Santo viu-se obrigado a esperar pelo ano de 1884, já sob o pontificado de Leão XIII, para obter o privilégio que ligava directamente a Roma a jovem Sociedade Salesiana.

Dom Bosco já não teria mais do que quatro anos de vida!...

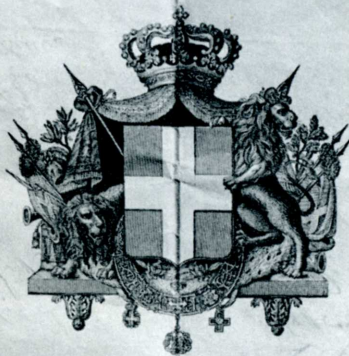
100 Passaporte de Dom Bosco para ir a Milão, datado de 1850. Nesse tempo, Milão estava sob o domínio da Áustria, portanto era terra estrangeira para um piemontês. Neste passaporte Dom Bosco declara ter como profissão a de professor primário... (Museu de Dom Bosco).

101 Roma, vista da Torre das Milícias. Sobressaindo do aglomerado de cúpulas e tectos, a Basílica de S. Pedro. Então, ainda Roma era a capital dos Estados Pontifícios.

102 Pio IX. Medalha. Vêmo-lo ainda novo, no

quarto ano do seu pontificado (1850). Soberano temporal, reinava sobre várias províncias italianas. Dom Bosco foi um dos seus confidentes e amigos.

103 Processo verbal da fundação da « Sociedade Salesiana ». Está escrito num modesto caderno. E, no entanto, é o testemunho de uma difícil vitória de Dom Bosco, obtida em Roma após anos e anos de uma luta bem dura. Aquela Congregação, que finalmente lhe permitiam fundar, viria a ser uma obra gigantesca! (Arquivo Salesiano).



In nome di S. M. il Re di Sardegna,
di Cipro e di Gerusalemme,
DUCA DI SAVOIA DI GENOVA
Principe di Piemonte, &c. &c. &c.

Durata del passaporto un anno

N. 836 del Passap.

N. 9 del Registro

Contrassegni

Età di anni 35

Natura civile 38

Capelli Cast. scuri

Statura med.

Sopracaviglia Cast.

Cocchi D.

Naso med.

Bocca D.

Barba fievole

Traccia ovale

Confezione bruna

Segni particolari

Condizione maestro D.

Scuola elementare

Domus Torino

Domus Torino

Domus Torino

Domus Torino

Domus Torino

Domus Torino

Domus Torino

Domus Torino

Domus Torino

Domus Torino

Domus Torino

Domus Torino

Domus Torino

Domus Torino

Domus Torino

Domus Torino

Domus Torino

La Regina Legata sua de' Re per gli Affari Esteri accorda il Passaporto

a
all' Sig. Giovanni Bosco, nativo di Cappel-
= nuovo di cast.
che va a Milano e Lombardia

Richiede pertanto tutti coloro che dipendono dall'autorità di S. M.
e prepa i Ministri, Governatori, Comandanti, ed altri Impiegati
delle Potenze amiche di lasciar passare e ripassare il suddetto
senza dargli molestia, e metter impedimento
venire, d'apister, anzi in tutto ciò che potrà occorrer pronta del
canto suo a far lo stesso in circostanza simile e maggiore se occorrer

Un fede si spedisce il presente munito del sigillo della stessa Segreteria
Estrinseca di D. g. m. b. 1860 mille ottocento e quarante
spedito dietro C. F. delle, etc.
Costo della Leva militare

questo una lira nuova
di Piemonte



Per il Ministro Segretario di Stato
M. Segretario Capodi Divisione

leggi

Il Cav. Caraffini

Seg. di Stato





Nel Nome di Nostro Signor Gesù Cristo
Amen.

1859. L'anno del Signore mille ottocento cinquantanove alli
dieciotto di Dicembre in questo Oratorio di S. Francesco
di Sales nella camera del Sacerdote Mosco Giovanni alle
ore 9 pomeridiane si radunavano, esso, il Sacerdote Ma-
ssonatti Vittorio, i chierici Savio Angelo Diacono, Nua,
Michele Luddiacono, Cagliero Giovanni, Jeanusia
Gio Battista, Provua Francesco, Ghivarello Carlo,
Lazzero Giuseppe, Bonetti Giovanni, Anzosi Giovanni,
Marcellino Luigi, Cerruti Francesco, Turdando
Celestino, Pettiva Secondo, Novetto Antonio,
Bongiovanni Cesare Giuseppe, il giovane Chiapale
Luigi, tutti allo scopo ed in uno spirito di promuovere
e conservare lo spirito di vera carità che richiedesi
nell'opera degli Oratorii per la gioventù abbandonata
e pericolante, la quale in questi calamitosi tempi
viene in mille maniere condotta a danno della società
e precipitata nell'impudenza ed irreligione.

Piacque pertanto ai medesimi Congregati di unirsi
in Società o Congregazione che avendo di mira il
vicendevole aiuto per la santificazione propria si propone-
re di promuovere la gloria di Dio e la salute delle anime
specialmente delle più bisognose d'istruzione e di educazione.

15. ENCONTRO COM DOMINGOS SÁVIO

Durante as férias, no verão, Dom Bosco ia a Becchi. A humilde casinha dos pais era-lhe sempre querida. Lá encontrava também o seu irmão José. Este tinha mandado construir uma moradia bastante confortável, junto da velha casa onde nascera. Trabalhava a terra e conseguia o suficiente para viver honradamente. Queriam-se muito os dois irmãos. E, em sua própria casa, arranjara José uma capelinha para João ali poder celebrar. Capelinha que ainda existe e comove quem a contempla. É a religião nos campos e toda a sua poesia.

Foi nessa capela que, em 1854, Domingos Sávio entrou na vida de Dom Bosco. Tinha Domingos doze anos e Dom Bosco trinta e nove.

Nesse ano, o Padre Cugliero, professor em Mondónio, escrevera a Dom Bosco recomendando-lhe um dos seus alunos, rapaz inteligente e piedoso, que desejava ordenar-se.

Aproveitando o período das férias, o Padre Cugliero enviou o seu jovem protegido a Becchi, acompanhado pelo pai.

Imediatamente o sacerdote e o rapazinho se compreenderam. Dom Bosco adivinhou que tinha diante de si uma criatura excelsa, o discípulo sonhado pelo seu coração. E recebeu-o. Durante os vinte e oito meses seguintes, iria velar pelo desenvolvimento espiritual desta criança, cuja vida interior se mostrava extraordinariamente desenvolvida em relação à sua pouca idade.

A família de Domingos era de Castelnuovo. O pai tinha o ofício de ferreiro. Gente de condição muito modesta, mas honrada e piedosa. Assim era também Domingos que eles haviam formado à sua imagem mas que, no ponto de vista da religião, bem depressa os ultrapassou. Aos quatro anos, não somente dizia de cor todas as orações diárias como também convidava as outras pessoas a recitá-las, quando elas se esqueciam de o fazer. E muitas vezes o viram de joelhos, à porta da igreja, em oração.

Na escola, era um excelente aluno. Dotado de uma memória prodigiosa, de uma inteligência viva, de um coração terno, de uma fé ardente, qualquer coisa havia nele que fazia lembrar o Joãozinho Bosco de outros tempos, excepto na vivacidade, nos arrebatamentos e também na robustez, pois Domingos era de saúde muito delicada. Mas nele transpareciam todos os sinais da doçura, da inocência, da pureza. Era o discípulo enviado pelo Céu.

Entrou para o Oratório no dia 29 de Outubro de 1854.

Certa ocasião, Dom Bosco disse-lhe ter encontrado nele boa fazenda. Imedia-

tamente Domingos replicou: « Pois bem! Vossa Reverência será o alfaiate! Faça de mim um belo fato para Nosso Senhor! ». E Dom Bosco fez dele um santo. Durante o breve tempo que passou em Turim, este rapaz excepcional deu mostras das mais raras virtudes cristãs. Todos gostavam dele.

Foi, sem dúvida alguma, o discípulo preferido de Dom Bosco, o seu verdadeiro filho espiritual. Tal como o mestre, Domingos tinha uma particular devoção por Nossa Senhora, ardia no desejo de salvar almas e, mais ainda, fascinava-o o ideal de se tornar santo. Não receou falar deste ideal a Dom Bosco e pedir-lhe a sua ajuda. E Dom Bosco, que tinha um sentido profundo das almas, não viu neste cândido anelo apenas uma ambição pueril, pelo contrário, viu uma irresistível vocação para o mais alto ideal da fé. Por isso, de todo o coração encorajou Domingos, mas com a costumada prudência. Receava no rapazinho uma sede de sofrimentos e de severas mortificações impossíveis para tão débil constituição. Por isso lhe aconselhou uma piedade compatível com as alegrias da infância. A fé pode ser ardente e alegre. Eis um dos pilares dos seus ensinamentos. Também aconselhou a Domingos o apostolado junto dos seus condiscípulos. O apostolado abre as portas do Céu. Ora, mesmo no Oratório, muitos rapazes tinham necessidade de um apóstolo-rapaz como era Domingos. Com tal zelo este caminhou pelos caminhos da sabedoria que, logo após dois meses da sua entrada no Oratório, Dom Bosco, impressionado por tanta piedade e tão activa, começou a registar palavras e gestos do rapazinho que tão inteiramente se lhe confiara. Era ele, na verdade, o anjo enviado pelo Altíssimo.

Domingos teve que deixar o Oratório no dia 1 de Março de 1857. Estava muito doente e sabia bem que não mais voltaria.

Morreu em casa dos pais, em Mondónio, no dia 9 do mesmo mês. Tinha quinze anos.

Esta morte causou uma profunda mágoa a Dom Bosco.

Domingos foi canonizado por Pio XII em 12 de Junho de 1954.

104 « Bom dia, senhor Padre ». Era provavelmente com estas palavras que os conterrâneos de Dom Bosco o saudavam quando ele ia com os seus rapazes para Becchi.

105 A casa que José construira, perto da casa do pai. O homem barbudo que se vê na fotografia é Francisco Bosco, um dos filhos de José. A fotografia data de 1892.

106 Durante as férias, Dom Bosco entretinha-se a

relembrar as suas habilidades de carpinteiro. Foi ele quem fez este confessionário para a sua capela de Becchi, em casa de José.

107 *Vida de Domingos Sávio*. A primeira edição saiu dois anos após a sua morte e é da autoria do próprio Dom Bosco.

108 Vila de Mondónio onde Domingos Sávio morreu em 9 de Março de 1857.









SAVIO DOMENICO

Al Suoi Amici
Questa Vergin d'ogni grazia piena
Permettete di darvi, fratelli amati,
Volei prima morir che far peccati.

VITA

DEL GIOVANETTO

SAVIO DOMENICO

ALLIEVO DELL'ORATORIO
 DI SAN FRANCESCO DI SALES

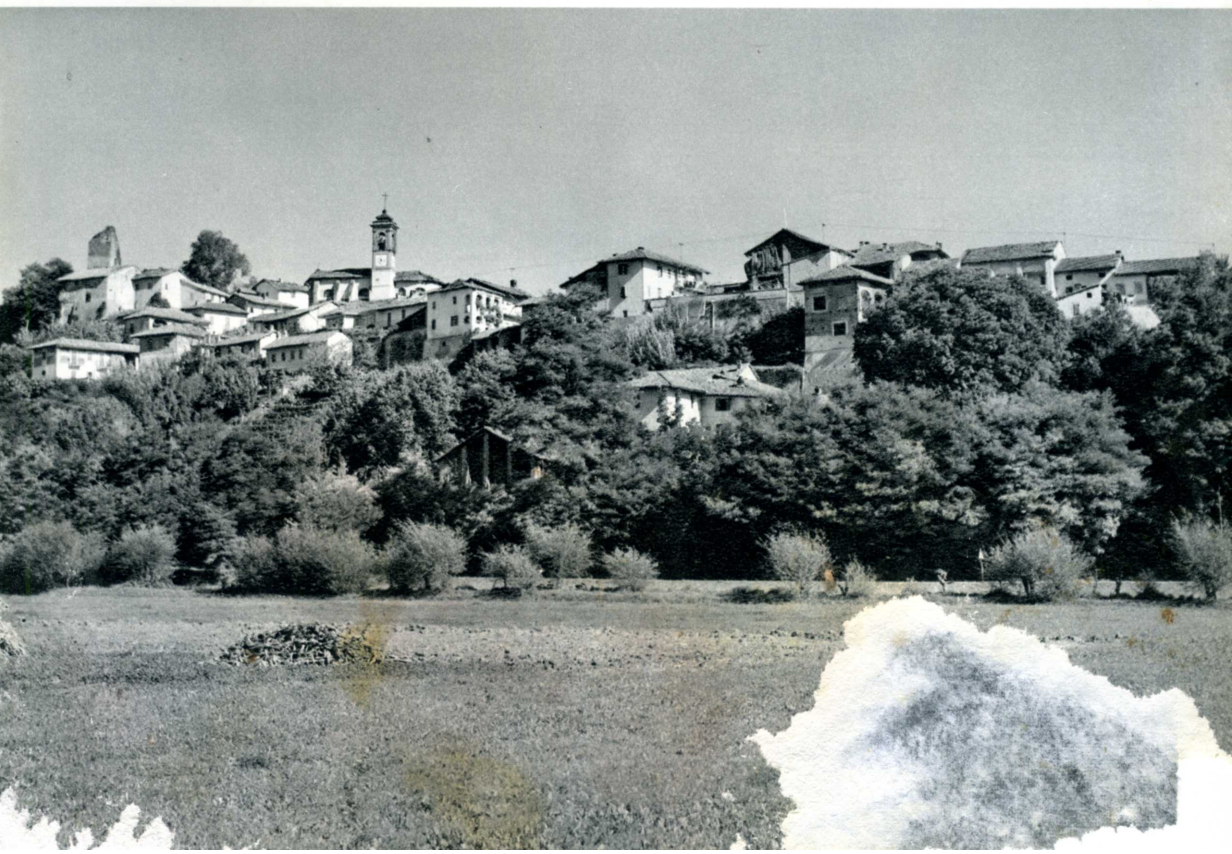
PER CURA DEL SACERDOTE

BOSCO GIOVANNI



TORINO

TIP. ITALIANA DI F. MARTINENGO E COMP.
 1860



16. UM INCANSÁVEL TRABALHADOR DA PENA

Antes de mais nada, convém frisar que toda a obra de Dom Bosco se relaciona com a sua vocação de padre-educador, com o seu apostolado, com a Sociedade Salesiana por ele fundada. A mais insignificante das páginas escritas pela sua pena tem por fim edificar o leitor ou instruí-lo nas verdades da fé.

É assim que veremos este homem, assoberbado por preocupações e trabalhos, passar parte das suas noites a escrever uma *História Sagrada*, uma *História da Igreja*, a *Biografia dos Papas*, e também as biografias do seu amigo Luís Comollo, de Domingos Sávio, de Miguel Magone, de Francisco Besucco e do jovem Luís Colle, de Toulon. Foi ele também o animador de uma publicação popular, as *Leituras Católicas*, cuja tiragem mensal atingia os 14 000 exemplares, número extraordinário para aquela época. Cerca de 50 obras de Dom Bosco foram aí publicadas. Variedade era a sua divisa neste género de publicações.

Jornalista dotado de um estilo directo, polemista correcto e desembaraçado, historiador nascido para a vulgarização, Dom Bosco fazia-se ler por todos os públicos. Isso não impedia que o seu estilo tivesse qualidades, e qualidades apropriadas aos desígnios: as da linguagem viva e concreta, inspirada por um pensamento lúcido e um sentimento forte. Nele, pensamento e sentimento aliavam-se por vezes — e muito bem — com um sabor de pitoresco e humorismo. Em suma, a quem lia as obras de Dom Bosco parecia-lhe ouvi-lo falar, e falar em linguagem popular. O que escrevia impressionava. E era isso mesmo que ele pretendia. Dom Bosco nada tinha de especulativo e muito menos ao escrever. Era um combatente da fé.

Em 1853, juntamente com as *Leituras Católicas*, o Santo iniciou a publicação de um almanaque e baptizou-o com o nome de *Il Galantuomo*, nome mais fácil de compreender do que de traduzir... Este almanaque destinava-se a fazer frente a um outro denominado *O Amigo do Lar*, lançado nesse mesmo ano pelos Valdenses, que o distribuíam profusa e gratuitamente, pelas ruas, à saída das oficinas e até mesmo de casa em casa, metendo-o por debaixo da porta... *Il Galantuomo* de Dom Bosco teve uma tiragem audaciosa de muitos milhares, e, para se adiantar ao concorrente, apareceu desde o mês de Outubro. O sucesso foi completo! Humanista no sentido cristão da palavra, o nosso Santo também se deu a publicar uma colectânea de autores clássicos adaptada à juventude. Assim, surgiram sucessivamente a *Colectânea de Autores Latinos*, a *Biblioteca da Juventude Italiana* e os *Contos e Fábregos*.

Director de oratórios festivos e quotidianos, Dom Bosco não esqueceu o teatro. De sua autoria, conhecem-se, pelo menos, três comédias, de grande sucesso junto do juvenil auditório a que se destinavam.

As tipografias alheias complicavam, por vezes, as suas tarefas. Por isso, a partir de 1861, Dom Bosco pensou em se fazer editor. Pouco a pouco, foi comprando material moderno e formando turmas de mestres-impressores tão hábeis que bem depressa se começou a falar de uma « Escola Salesiana de Artes Gráficas »! A sociedade religiosa por ele fundada espalhava-se pelo mundo inteiro e as diversas casas receberam de Turim tipógrafos, impressores e encadernadores, todos eles muito apreciados. Hoje, importantes casas editoras salesianas funcionam na Europa, na América Latina, na Índia e no Japão.

« Imprensa contra imprensa » repetia Dom Bosco muitas vezes. Pondo de parte uma centena de livros e opúsculos de sua autoria, Dom Bosco foi, sem sombra de dúvida, um dos mais ardentes promotores da boa imprensa no século XIX.

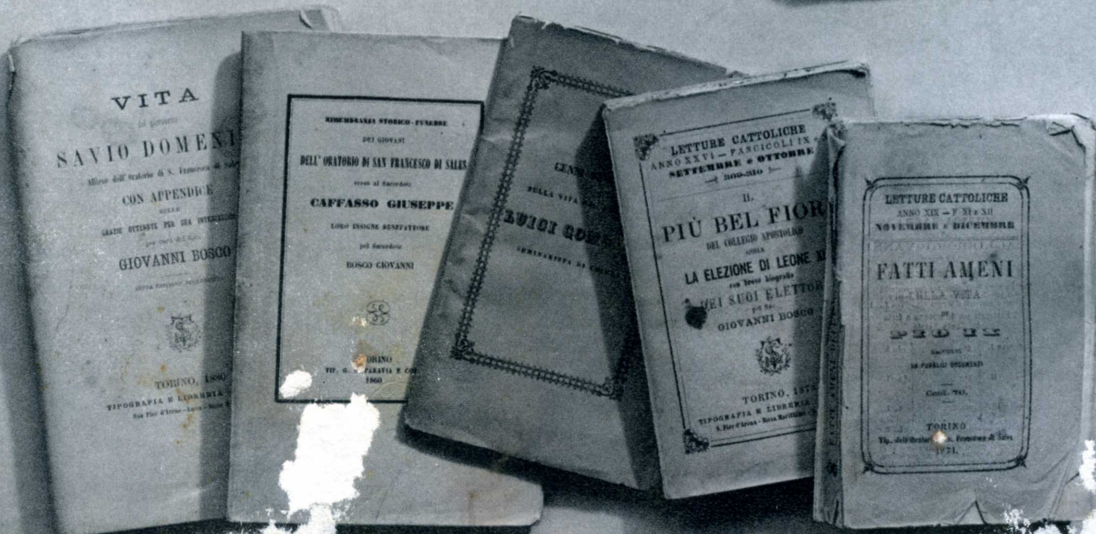
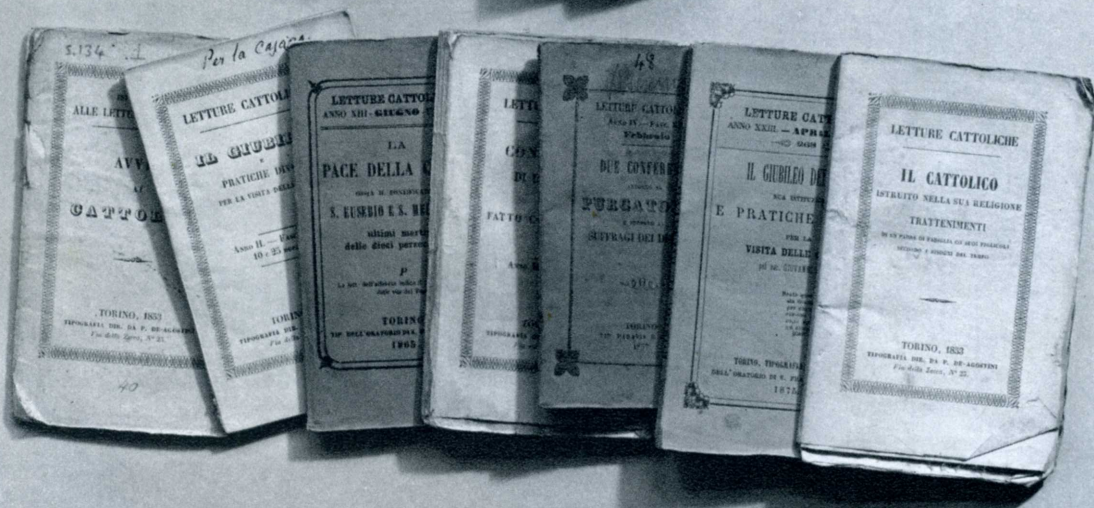
109 Dom Bosco publicou cerca de 150 livros ou opúsculos. Eis algumas das suas obras. De início ele fazia-as imprimir pelos editores Speirani, Paravia e Agostini. Mas, a partir de 1862, passaram a ser impressas na « Tipografia do Oratório de S. Francisco de Sales ».

110 Escrivaninha, pisa-papéis, caneta e candeeiro de petróleo que serviram a Dom Bosco e ainda se encontram no seu quarto. A esta escrivaninha, passou Dom Bosco noites e noites, quer a redigir as suas obras quer a responder ao seu correio, assaz volumoso...

111 Dom Bosco à mesa de trabalho, no seu quarto. Esta dependência servia-lhe de quarto de cama e de escritório. Por cima da janela está dependurada uma tabuleta em que se lê a divisa de toda a sua vida: « *Da mihi animas, caetera tolle* », isto é, « Dai-me almas e fidei com tudo o mais ».

112 Algumas das suas obras mais importantes. Entre elas uma *História da Itália*. Em 24 de Maio de 1946, Dom Bosco foi proclamado « Patrono dos Editores Católicos ».

113 Carta de um consultor do « Santo Ofício » (1867). Nela se condena um dos livros de Dom Bosco, *O XX Centenário do Apóstolo S. Pedro*. Pouco faltou para que a obra fosse incluída no « Index »! Nesta carta, proveniente de Roma (linhas 7ª e 8ª) fala-se de « um grave erro em matéria teológica ». No citado livro Dom Bosco afirmava (página 192) que a presença de S. Pedro em Roma « é discussão histórica estranha à fé ». Na segunda edição, já ele corrigiu o passo incriminado e, deste modo, evitou a condenação. Mas o incidente causou-lhe graves arreliações e uma profunda mágoa.







6
pochi argomenti a provare ciò; in tal modo egli sentiva sulla natura
sul carattere del fatto medesimo. «Stimo per altro bene di dar qui di passag-
gio un avviso a tutti coloro che si fanno a scrivere o parlare di questo ar-
gomento, di non considerarlo come punto dogmatico e religioso, e ciò sia detto
« tanto per cattolici quanto per protestanti ». Ora il sostenere che la venuta di
s. Pietro in Roma non è punto dogmatico e religioso nel senso che escluda ogni
attenenza a punto o ad argomento dogmatico e religioso, è un grave abbaglio
in materia Teologica il quale non può a meno di non offendere le pie orecchie
dei fedeli. Il fatto del quale trattasi è bensì storico, e dimostrasi trionfal-
mente di critica, ma insieme ha un intimo rapporto con
dogmatico essendo il supposto o l'fondamento

192

mento sempre collo scopo di metterla
in dubbio e screditare la nostra santa
cattolica religione. Noi crediamo che
questo solo fatto varrà a far conoscere
a tutto il mondo la grande mala fede
che regna presso di costoro; giacchè
il mettere in dubbio la venuta di san
Pietro a Roma è lo stesso che dubi-
tare se vi sia luce quando il sole ri-
splende in pieno mezzodi; perciò la
sola ignoranza o mala fede può esserne
cagione.

Stimo per altro bene di dar qui di
passaggio un avviso a tutti coloro che
si fanno a scrivere o parlare di questo
argomento, di non considerarlo come
punto dogmatico e religioso; e ciò sia
detto tanto per cattolici quanto per pro-
testanti; perciocchè Iddio stabilì san
Pietro capo della Chiesa e questo è
dogma e verità di fede. Che poi s. Pie-
tro abbia esercitata questa sua autorità
in Gerusalemme, in Antiochia, in Roma
od altrove, questa è discussione sto-
rica estranea alla fede.
È pur bene di avvisare i protestanti
che fino al secolo decimoquarto, nello

193

spazio di circa millequattrocento anni,
non trovasi un autore nè cattolico, nè
eretico il quale abbia mosso il minimo
dubbio sopra la venuta di s. Pietro a
Roma; e noi li invitiamo a citarne
un solo. Il primo che abbia messo in
campo questo dubbio fu Marsilio di
Padova che vendette la sua penna al-
l'imperatore Lodovico il Bavaro, i quali,
uno colle armi, l'altro colle perverse
dottrine, si scatenarono contro al pri-
mato del Sommo Pontefice. Tal dubbio
peraltro fu da tutti considerato come
ridicolo, e svanì colla morte del suo
autore.

Due secoli dopo, nel secolo decimo-
sesto, sorsero gli spiriti turbolenti di
Calvino e di Lutero, e dalla scuola di
costoro uscirono parecchi, i quali, su-
perando la maledice degli stessi loro
maestri, studiarono di suscitare il me-
desimo dubbio per meglio ingannare
i semplici e gli ignoranti. Chi è alcun-
po poco pratico di storia sa quale fede
si meriti colui che appoggiato unica-
mente al suo capriccio si mette a con-
traddire un fatto riferito dall'unanime

13. L. C. — An. XV, P. I e II.

fuise e con linguaggio sempre più
« stabilito s. Pietro capo della chiesa e questo è verità di fede »
« che poi s. Pietro abbia esercitata questa sua »

17. ANOS FELIZES PARA O ORATÓRIO

Desde 1859 que o sucesso de Dom Bosco se encontra assegurado. A batalha ainda não findara — muito longe disso — mas o essencial fora conseguido. E, diante do nosso Santo, abre-se agora uma época a um tempo difícil e feliz. Difícil pelos combates que ele é obrigado a travar; feliz pelos resultados obtidos e pelas conquistas seguras que, pouco a pouco, penosamente, Dom Bosco consegue efectuar. Época pròpriamente salesiana que começa cerca de 1852 — quando toma corpo a ideia da fundação de uma sociedade religiosa — e termina em 1884, ano em que Dom Bosco ganha definitivamente a partida.

Todavia, este impulso de quase trinta e dois anos irá desenvolver-se progressivamente para além da morte do seu santo animador — 1888 — e ainda subsiste nos nossos dias. Este impulso liga indissolúvelmente Dom Bosco e a sua obra. A vida da obra é a vida do homem, e a vida do homem é a vida da obra... Qual a situação da obra e do homem aquando do regresso deste da viagem que fizera a Roma para falar com Pio IX, em 1858? Dom Bosco tem, atrás de si, uma série de realizações positivas. Em primeiro lugar, a sua Igreja de S. Francisco de Sales. Construía também um internato que alberga 150 rapazes. À sua volta reunira cerca de 500 externos. Pusera a funcionar 4 oficinas e 4 cursos de latim (os estudantes dos tempos heróicos do Oratório haviam-se tornado mestres). Uma dezena de sacerdotes, recrutados de entre os seus alunos, tinham professado segundo o seu espírito; também, a par da sua obra, consolidara o antigo Oratório. Mais ainda — e é este talvez o aspecto mais importante — transmitira a todos os que o cercavam os seus desígnios, os seus modos, o seu espírito, as suas esperanças, os seus sonhos para o futuro, as suas incríveis certezas! O Papa recebera-o e encorajara-o.

Os primeiros passos estavam dados, e bem dados!

E, na colmeia rumorosa que é o Oratório, reina uma permanente alegria. Ainda ali se conserva bem viva a lembrança dos endiabrados garotos que o próprio Dom Bosco guiava através dos recreios. Alinhados os rapazes em duas filas, ele punha-se-lhe à frente e iniciava a marcha ao som de um canto popular do Piemonte. E esta interminável serpente, formada por cerca de seiscentos rapazes, desenrolava-se por sob as arcadas, em volta das árvores dos recreios, e até pelos corredores... Em outras ocasiões, o Santo pedia a toda esta rapaziada que imitasse cada um dos seus gestos. E, então, viam-no fazer as mímicas mais variadas e divertidas: saltar pé-coxinho, virar as costas, levantar os braços, correr

a grande velocidade e parar de repente com as mãos no chão como que para descansar. Um a um, todos os seus gestos eram repetidos por um alegre bando, enquanto o resto dos rapazes fazia alas, incitando animadamente com a voz e com os gestos.

A música ocupava no Oratório um lugar primacial. Todas as ocasiões eram boas para os músicos e os jovens cantores se exibirem. Dom Bosco queria educar a sua família *in hymnis et canticis*!

Já vimos como lhe era querido o teatro para a juventude, a tal ponto que não hesitava em passar noites em claro para escrever peças adaptadas ao seu auditório. No dia 24 de Junho de cada ano — festa de S. João Baptista — preparavam-se em honra de Dom Bosco magníficos saraus com representações, recitativos e cânticos.

Nos arquivos do Oratório conservam-se maços de cartas endereçadas pelos rapazes de Valdocco, nesse dia, ao seu director. Quantos desses rapazes não descobriram a sua vocação religiosa ou sacerdotal junto do Santo! Eles tornavam-se os sacerdotes para ficarem com Dom Bosco. Partiam como missionários para melhor o ajudarem a realizar o seu programa: « Salvar almas ».

Mas há também que considerar este homem em si mesmo, a obra imensa que realizou adentro daquelas paredes e o que de tudo isso irradia. Porque há, de facto, uma irradiação. Todo o Piemonte repete o nome de Dom Bosco. Fala-se dos seus feitos e gestos. Recebe-se a sua palavra, essa palavra viva que vai de um coração a outro coração. Repetem-se frases suas, e algumas dessas frases impressionam fortemente. Dom Bosco tornou-se popular! Aliás, ele parecia feito para assunto de anedotas, e a anedota cria a personagem; faz dela « uma figura ». Ora a figura de Dom Bosco tem relevo, e um relevo já aureolado.

Evidentemente, pedem-lhe milagres... Por exemplo, em 1864, na vila de Montemagno, pediram-lhe que fizesse chover! E isto no próprio dia da Assunção! Após um mês de seca, sob um céu implacavelmente azul o Santo reza, e surge uma tempestade imprevista que inunda os campos... Ora, sabeis o que, sem o mínimo receio, ele dissera nas suas orações à Mãe de Deus? « Vejamos! Não é a minha honra que está em jogo, é a vossa. Que vão dizer os descrentes que troçam de mim porque há três dias lhes prometo chuva em vosso nome? ».

Eis Dom Bosco... um familiar do Céu.

Para agradecer a Nossa Senhora os seus inúmeros favores, o nosso Santo construiu-lhe em Valdocco um vasto santuário, hoje basílica. Já em 1844 um sonho lhe mostrara as linhas gerais do templo. No interior, um friso branco, em que figuravam, gravadas a ouro, estas palavras: « Este é a minha casa; daqui irradiará a minha glória ».

Mas Nossa Senhora tinha que ajudar Dom Bosco na realização do que Ela mesma lhe sugerira. E ajudava.

Ao empreiteiro que lhe vinha pedir um adiantamento, Dom Bosco estendeu o porta-moedas. « É tudo o que tenho! ». E caíram 40 cêntimos. « Mas vai ver que Nossa Senhora pensa no caso e o senhor irá ter o seu dinheiro ». Assim se fez, mas, por vezes, com grandes dificuldades. Temos de concordar que Dom Bosco devia possuir dons de persuasão extraordinários, para que um empreiteiro, à falta de dinheiro, aceitasse apenas boas palavras! E isto, mais ou menos, de uma maneira ou doutra, durante cinco anos... Cinco anos em que a vida foi para ele, por assim dizer, um tormento contínuo, uma autêntica corrida ao dinheiro. A sua fecunda imaginação inventava sempre novos processos para obrigar as bolsas a abrirem-se. Fazia rifas, enviava circulars, pedia auxílio ao Conselho da Comuna, pegava no chapéu e ia bater à porta dos seus grandes benfeitores de Roma e de Florença. E, quando todos os meios humanos se mostravam ineficazes, despertava nele o taumaturgo a pedir ao Céu os milagres que lhe permitiriam pagar as dívidas da construção e o alimento dos seus rapazes. E um belo dia, em 1866, o santuário foi dado por pronto. Dia grande! Uma verdadeira multidão assiste às cerimónias. E que vê ela? Dom Bosco sobe à cúpula a que falta apenas uma pedra para ficar completa. Acompanha-o um rapazito. E é este quem coloca a pedra. As mãos de uma criança completam o edifício! O santuário foi consagrado em 9 de Junho de 1868. E, durante vinte anos, Dom Bosco teve a alegria de ver aquela cúpula a dominar a « cidade » de Valdocco, a servir de coroa àquela « cidade » que as suas mãos haviam erguido. Agora, Dom Bosco repousa no templo que ergueu em honra de Nossa Senhora Auxiliadora... Bem merecido repouso!

Em 1863, o rumoroso cortiço de Valdocco começa a enxamear. Abre-se um colégio em Mirabello. Virão, a seguir, os de Lanzo e Varazze. E, a partir de então, a obra de Dom Bosco não mais deixará de crescer pelo mundo... Em vinte e cinco anos, ela transpõe espaços infindáveis, quase parecendo não se dar conta dos obstáculos.

Atraídos pela fama sempre crescente do taumaturgo de Turim, dois futuros Papas vão a Valdocco, para lhe falar: S. Pio X, que em 1875 viu de perto a pobreza da obra e, após um almoço oferecido por Dom Bosco, teve que ir matar a fome a uma estalagem próxima; e Pio XI, a quem, no ano de 1883, por ocasião de uma visita a novas oficinas, o Santo confidenciou que, em matéria de imprensa, desejava estar sempre na vanguarda do progresso. O jovem Padre Ratti jamais esqueceu essa visita, nem o seu hospedeiro daqueles breves dias.

Uma vez no tron S. Pedro, deu um grande impulso à causa da sua canoni-

zação. E, antes de morrer, teve a alegria de o ver nos altares. « Fiz tudo quanto pude para glorificar o vosso Pai — disse ele à família salesiana reunida à sua volta no pátio de S. Dâmaso. — Agora compete a vós fazer o resto ». Tremenda responsabilidade!

114 Um dos recreios do Oratório nos nossos dias. Tal como em vida de Dom Bosco, os rapazes divertem-se e jogam com os seus mestres. A tradição das diversões movimentadas e rumorosas mantém-se bem viva em todos os institutos salesianos.

115 Felicitações dirigidas por um aluno do Oratório ao seu « querido e amado pai Dom Bosco ».

116 Dom Bosco entre os músicos de Valdocco. Dizia ele que « uma casa sem música é como um corpo sem alma ».

117 Dom Bosco escreveu vários dramas e diálogos educativos que foram representados no Oratório e em numerosas casas salesianas. Eis o programa de uma destas representações.

118 « Maria Auxiliadora, ajudai-me! ». Esta frase aparece no final de uma carta escrita por Dom Bosco e testemunha as preocupações que, por vezes, o aca-brunhavam. A mesma invocação se repete em muitas das suas cartas...

119 Ano de 1864. Dom Bosco encarrega o empreiteiro Buzzetti da construção da Igreja de Nossa Senhora Auxiliadora em Valdocco. Quais os recursos? Bem... os recursos do seu porta-moedas, que continha, exactamente, 40 cêntimos. Milagre foi o facto de, apesar de tudo, o empreiteiro ter aceitado começar os trabalhos.

E mais uma vez Dom Bosco usou dos seus grandes « meios »: rifas, peditórios, dons que esperava do Céu e que o Céu lhe enviava! A igreja, iniciada em 1863, foi consagrada no dia 8 de Junho de 1868. Nela repousam os restos mortais de Dom Bosco.

120 Basílica de Nossa Senhora Auxiliadora, tal como se apresenta actualmente. Na praça, o monumento erigido no ano de 1920, em honra de S. João Bosco, pelos antigos alunos de todo o mundo.

121 Quantos obstáculos não teve Dom Bosco que vencer antes que o seu projecto de regras para a Sociedade Salesiana fosse aprovado por Roma! Para lá se dirigiu ele, em 1874, a fim de defender a sua causa. A carta aqui reproduzida foi escrita aos Salesianos de Turim, no dia 25 de Março de 1874, entre a primeira e a segunda reunião da Comissão Pontifical. Previa-se o êxito. « Alegrai-vos! A primeira congregação, á do dia 24, correu bem... Aguardai, pacientemente, tudo o que o Senhor quiser fazer de nós ».

122-123 Logo após a aprovação, as « Regras » foram impressas na sua forma definitiva. Na fotografia, um dos primeiros exemplares, com correcções feitas à mão por Dom Bosco (1874).

124 Retrato de Monsenhor Gastaldi, arcebispo de Turim (1815-1883). Semeou numerosos obstáculos no caminho de Dom Bosco (Arcebisado).





SAGGIO

CHE DANNO

I FIGLIUOLI DELL'ORATORIO DI S. FRANCESCO DI SALES

SUL SISTEMA METRICO DECIMALE

IN FORMA DI DIALOGO

IL 16 DICEMBRE 1849, ORE 2 POMERIDIANE

giovedì

Assiste l'Ill.mo Sig. Professore D. G. ANT. RAYNERI

Interrogatorio su tutte le operazioni dell'Aritmetica.

DIALOGO I.

Scoperta - Definizione del sistema - Sue unità fondamentali.

Personaggi: Cesare e Ferdinando.

II.

Spiegazione delle unità fondamentali e loro derivazione dal metro.

— Lorenzo ed Alberto.

Si recita la canzoncina *La violetta*.

III.

Moltipli e sotto moltipli.

— Antonio e Beppe.

IV.

Metro - Ettometro - Kilometro paragonati col piede, trabucco e miglio.

— Un falegname ed un maestro di sistema metrico.

Si canta: *Vedi l'altissimo*.



DIALOGO V.

Il Raso paragonato col Metro.

Personaggi: Costante e Luigi mercanti.

VI.

Litro - Decalitro - Ettolitro paragonati colla penta, brenta, coppo, emina e sacco.

— Battista brentatore, Pietro mugnaio, un militare.

Si recita un tratto di storia sopra Pio VI e Pio IX.

VII.

Gramma - Decagramma - Ettogramma - Kilogramma - Miriagramma confrontati coll'oncia, colla libra e col rubbo.

— Giacomo cuoco, Alessandro carbonaro, Fabrizio panattiere.

VIII.

Monete decimali.

— Orazio e Moncalvi pittore.

Dialogo religioso.

Un soldato di Napoleone - canto con musica.

COGNOME E NOME DEGLI ALLIEVI CHE SI ESPONGONO AL SAGGIO

Arnaud Giacinto
Bosco Francesco
Buzzetti Giuseppe
Canale Giuseppe
Cagno Benedetto
Cerutti Giacomo
Comba Antonio
Costantino Gio. Batt.
Cravero Domenico
Falchero Francesco
Gaddo Alessandro



Gastini Carlo
Germano Candido
Germano Carlo
Germano Giovanni
Germano Pietro
Longo Giuseppe
Molino Agostino
Reviglio Felice
Savio Ascanio
Tomatis Giacomo

Ruschiottine Maria antistemi

118



119



Parole di D. D. Berto
 a' suoi amati, fedelissimi!
 Forate lingue, atque
 claudatur ad ora -
 Se prima congregazione del
 24 nobile loco. La seconda
 è l'ultima formata di B. D.
 questa volta. Se ne spera
 di certo felice - contin-
 tu a pregare, state all'opera
 e attendete con pazienza. Quan-
 to al signor dispo- di-
 non, & Dio ci benedica
 tutti -

& presto vi parleremo altro.

Se ne spedì copia a tutti
 l'uso il 25. May 1874
 da Roma La Berto



REGULAE
SEU
CONSTITUTIONES
SOCIETATIS
S. FRANCISCI SALESII

Juxta Approbationis decretum die 3 aprilis, 1874

AVGVSTAE TAVRINORVM
EX OFFICINA ASCETERII SALESIANI
AN. MDCCCLXXIV.

— 6 —

Licet autem nulla vota proferrentur, actu tamen
cae ferme regulae observabantur, quae hic ex-
ponuntur.

HUIUS SOCIETATIS FINIS.

N. 3.

- 1^o Hoc spectat huius Congregationis finis, ut socii
simul ad perfectionem christianam nitentes,
quaeque charitatis opera tum spiritualia, tum
corporalia erga adolescentes, praesertim si pau-
peres sint, exerceant, et in ipsam iuniorum cle-
ricorum educationem incumbant. Haec autem
societas constat ex ecclesiasticis, clericis atque
laicis.
- 2^o Iesus Christus coepit facere et docere, ita etiam
socii incipient externarum atque internarum vir-
tutum exercitio, et scientiarum studio seipso
perficere; deinde aliorum beneficio strenuam
operam dabunt.
- 3^o Primum charitatis exercitium in hoc versabitur
ut pauperes ac derelicti adolescentuli excipiantur,
et sanctam catholicam religionem doceantur,
praesertim vero diebus festis, quemadmodum
Augustae Taurinorum fit in quatuor Asceteriis
S. Francisci Salesii, S. Aloysii Gonzagae, S. An-
geli Custodis et S. Iosephi.
- 4^o Saepe autem contingit, ut adolescentuli inve-
niantur adeo derelicti, ut, nisi in aliquod hospi-

— 7 —

tium recipiantur, quaecumque cura frustra iis
omnino impendatur. Quod ut fiat, maiori qua
licebit sollicitudine, domus aperientur, in quibus
Divina opitulante Providentia, receptaculum,
victus et vestimentum iis subministrabuntur.
Eodem vero tempore, quo fidei veritatibus in-
stituentur, operam quoque alicui arti navabunt,
quemadmodum nunc fit in aedibus, quae Asceterio
S. Francisci Salesii adiunguntur in hac urbe.

- 5^o Quum vero gravissimis periculis subiciantur
adolescentes, qui ecclesiastico ministerio initiari
cupiunt, maximae curae huic societati erit eos
in pietate et vocatione colere, qui se studio et
pietate specialiter commendabiles ostendant. In
adolescentulis autem studiorum causa excipiendis
ii praefertur, qui pauperiores sint, qui ideo
curriculum studiorum alibi nequeunt explere,
dummodo firmam spem vocationis ad ecclesia-
sticam militiam praebant. In Asceterio Tauri-
nensi octingenti circiter, Mirabelli centum et
quingenta sunt, Lanteri autem quatuor circiter
adnumerantur, qui hoc nomine classicis, quae
dicunt, studiis incumbunt.

- 6^o Quum autem necessitas catholicae religionis tu-
tandae gravior etiam urgeat inter christianos
populos, praesertim in pagis, propterea socii
strenue adlaborabunt, ut homines, qui potioris
vitae amore per statos aliquot dies secedunt, ad
pietatem confirmant erigantque; ut bonos libros
in vulgus spargant, omnibusque rationibus utantur



18. A SEGUNDA E TERCEIRA FAMÍLIAS SALESIANAS

Como já tivemos ocasião de ver, a vida de Dom Bosco é uma contínua batalha. Primeiramente, foi a batalha defensiva; depois, a batalha ofensiva, cujas armas são a palavra, a imprensa, os livros, os opúsculos, os almanaques, e também as obras, as fundações.

Dentre estas fundações a mais notável é uma nova congregação feminina, a das « Filhas de Maria Auxiliadora ».

De carácter naturalmente activo, e até mesmo absorvente, Dom Bosco tem uma sede insaciável de conquistas *ad maiorem Dei gloriam*. Vêmo-lo, durante muito tempo, na defensiva. Era o combate contra as recusas. Mas nunca a defensiva compensou. O facto de impedir aos demolidores que prejudicassem não teria sido o bastante, se Dom Bosco não tivesse construído, e construído moral e materialmente.

A consolidação representa para ele uma plataforma de assalto. Todavia, para que as cidadelas não acabem por capitular, é preciso que os defensores delas saiam e travem batalha em campo aberto. Dom Bosco sabia-o e, por isso, saiu corajosamente da sua fortaleza.

Este o porquê da expansão da Sociedade Salesiana, expansão que se manifestou em três direcções: a fundação de uma sociedade religiosa masculina, a fundação de uma congregação feminina — as Filhas de Maria Auxiliadora — e a fundação de uma autêntica ordem terceira — os Cooperadores Salesianos.

Porque já aqui se tratou da primeira das suas fundações, vamos agora falar apenas da segunda e da terceira.

Dom Bosco não ocultava o pouco entusiasmo que sentia perante a ideia de fundar uma congregação feminina. Instintivamente, desconfiava das mulheres. E isto pode causar uma certa surpresa... Não era ele, por natureza, uma criatura ternamente filial? Não é verdade que sempre manifestou a necessidade da presença de uma mãe? E quem mais nobremente do que a mãe pode incarnar a elevada natureza da mulher? De um modo particular, a sua Mãe Margarida, aquela mulher tão pura, tão sã, tão forte, que, pela força de vontade, pela inteligência e pelas virtudes austeras que a ornaram valia bem um homem.

E, Dom Bosco, tão forte diante das maiores adversidades, tinha, interiormente, uma profunda necessidade de amor maternal; na prática, necessidade de uma protecção que ele pedia àquela força tutelar que é a mãe. Sentimento secreto, de tal modo arreigado na sua natureza verdadeiramente filial, que, sem ele,

talvez que Dom Bosco não tivesse descoberto a sua particular vocação de pai. Dom Bosco amou muito, mas amou filhos. Foi amado, mas amado como pai. Ora, a esses filhos teve ele, certo dia, que trazer em socorro a sua própria mãe. Quando Margarida morreu, preso da dor que o dilacerava, que outra coisa fez ele senão, mais uma vez, chamar por uma mãe em seu socorro, e em socorro dos seus? E que mãe! A própria Mãe de Deus!...

O seu culto pela Virgem Santíssima é a expressão de um culto pela mulher na sua mais perfeita natureza. Para Dom Bosco, ninguém, a não ser Deus, está acima de Maria. Dom Bosco é um santo mariano.

Parece, pois, que ele mesmo deveria ter pensado em fundar uma congregação feminina, com fins idênticos aos dos Salesianos. Ora nós sabemos que era totalmente oposta a opinião de Dom Bosco.

Felizmente que os seus melhores amigos não compartilhavam de tal opinião! Ou, se dela compartilhavam, pelo menos aconselhavam-no a que se não limitasse a proteger os homens. « Não é justo que somente os rapazes possam gozar do privilégio de uma educação benfazeja » diziam-lhe.

Dom Bosco acabou por ceder; e resolveu aconselhar-se com Pio IX. Ora Pio IX mostrou-se entusiasmado: « Foi inspirado por Deus esse desígnio! — exclamou. — Essas religiosas serão, para as meninas, o que os seus sacerdotes são para os rapazes! ».

Então, num ano, de 1871 a 1872, Dom Bosco organizou a sua congregação feminina. Numa pequena vila do Piemonte, Mornese, vivia uma camponesa de nome Maria Domingas Mazzarello. Organizara ela uma sala de trabalho onde sete jovens faziam roupas para os pobres. Estas jovens viviam em comunidade, paredes meias com a igreja, sob a vigilância de um virtuoso sacerdote, Dom Pestarino. Não era um convento, apenas uma espécie de comunidade, sem votos nem regras propriamente ditas. Dom Bosco visitara-a em 1864.

Ora é a esta comunidade que ele se vai dirigir. Sob o seu impulso, em Janeiro de 1872, a comunidade elege um capítulo e escolhe uma superiora: Maria Domingas Mazzarello. Oito meses mais tarde, são os primeiros votos e a tomada de hábito. Foram quinze as jovens que tomaram hábito e onze as que pronunciaram votos por três anos. E Dom Bosco baptiza esta nova congregação em termos proféticos:

— Usareis o nome que há muito o meu coração vos reserva: *Filhas de Maria Auxiliadora*. Por vosso intermédio Nossa Senhora quer ir em auxílio das meninas pobres. Sois pobres e pouco numerosas. Mas haveis de ter tantas alunas que não sabereis mais onde as meter...

E os factos confirmaram a profecia.

A nova congregação bem depressa se desenvolveu e lançou em múltiplas obras: escolas, salas de trabalho, noviciados, infantários, asilos, colónias de férias, lares operários, hospitais e, mais tarde, as missões.

É de espantar tal sucesso! Lembremo-nos de que, de início, eram apenas sete camponesas, ignoradas pelo mundo, como que escondidas numa vilazita do Piemonte, dirigidas por outra pobre camponesa quase analfabeta e sem outras ambições que não fossem as de ajudar os pobres da sua terra... Mas Dom Bosco chega e, como sempre, tudo prospera maravilhosamente.

Em 1965, 93 anos após a fundação das Filhas de Maria Auxiliadora, já elas são mais de 18 000, repartidas por cerca de 1450 casas espalhadas por todo o mundo. Maria Mazzarello teve o seu quinhão neste êxito. Foi uma verdadeira filha de Dom Bosco. A sua canonização teve lugar em 1951.

A Igreja não é sòmente uma assembleia de sacerdotes. Ela é a assembleia de todos os fiéis de que os leigos formam a grande massa. Mas os leigos, atraídos pelas múltiplas tentações do mundo, muitas vezes escapam aos seus dirigentes. Por outro lado, os sacerdotes são poucos para bastar a todas as necessidades espirituais. Então não seria possível ajudá-los? Não poderia um leigo actuar junto dos seus irmãos quase como um padre, sem a ele se substituir mas agindo directamente sob a sua orientação?

É muito antiga na Igreja esta ideia das ordens terceiras.

Faltava a Dom Bosco uma ordem terceira. E ele criou-a.

Desde o início da sua obra que os quadros de pessoal se mostravam insuficientes. Era necessário procurar reforços onde quer que fosse. Um leigo pode muito bem explicar o catecismo, preparar para a Comunhão, ensinar, ser vigilante numa aula ou num recreio, vigiar vários trabalhos *in loco*, ocupar-se dos que não têm ocupação, organizar diversões, reconduzir à Igreja os tíbios, ser um verdadeiro salesiano no mundo.

Um leigo... mas qual? Um pobre? Na maioria dos casos está sobrecarregado de trabalhos. Um rico? Não, tem os seus divertimentos. E, além do mais, não recebeu uma educação que o habituasse a tão ingratas missões. Muito pelo contrário!

Mas isso que importa a Dom Bosco? Não hesita, portanto, em dirigir-se aos ricos em primeiro lugar. E diz-lhes: « Concedeu-vos Deus grandes privilégios. Podéis agradecer-lhos, vindo em auxílio da minha obra. Executareis tarefas obscuras, aborrecidas, fatigantes. Mas cada uma das vossas acções será uma oração... ». Este apelo foi escutado por muitos dos católicos ricos de Turim. Mas bem depressa o Santo lhes associou pessoas de condição modesta. E reuniu

toda esta gente sob a égide de S. Francisco de Sales. Ele, que muito bem conhecia o valor de um laço! Em 1850, Dom Bosco elabora uma *União* provisória da qual nasce, em 1876, a *União dos Cooperadores Salesianos*, verdadeiro exército auxiliar em que homens e mulheres combatem lado a lado.

Hoje os Cooperadores são mais de 500 000, de todas as condições sociais e espalhados por todo o mundo.

125 Carta da Madre Maria Mazzarello, primeira superiora-geral das Filhas de Maria Auxiliadora, à irmã Pierina Marassi, em Turim: « Viva Jesus! Querida irmã Pierina e vós todas, minhas irmãs, estais contentes? ».

126 Madre Maria Mazzarello. Sentada no meio do grupo, ela aperta a mão da irmã Josefina Pacotto, por ocasião da partida da segunda leva de irmãs para o Uruguai e para a Argentina (1 de Janeiro de 1879).

127 A primeira casa das Filhas de Maria Auxiliadora em Mornese, uma vila entre Alexandria e Génova (Fotografia antiga).

128 Uma Filha de Maria Auxiliadora em Nizza-Monferrato. Aqui morreu Madre Maria Mazzarello em 1881.

129 Escolas de trabalho. Um dos ramos mais importantes da actividade das Filhas de Maria Auxiliadora.

Na fotografia, vemos a Escola de Costura de Lião (França).

130 A principal missão das Irmãs de Dom Bosco é o ensino. Ei-las na escola feminina de Nizza-Monferrato.

131 A Terceira Família de Dom Bosco é formada pelos « Cooperadores Salesianos ». A fotografia apresenta um grupo de cooperadores de visita ao túmulo de Dom Bosco em Valsálce. Turim, 1890.

132 O *Boletim Salesiano*. Primeiro ano, 1877. Números 1, 2, 3 e 4. Dom Bosco fundou este periódico para manter contacto com os seus cooperadores, dispersos pelos quatro cantos da terra. Então, o *Boletim* teve um extraordinário sucesso e, até aos nossos dias, continuou sempre a desenvolver-se. Com 32 edições diversas, publica-se em 16 línguas e tem uma tiragem global de mais de um milhão de exemplares. É um elo de unidade entre os Salesianos e os amigos das suas obras em todas as nações.

Scritta alla Direttrice di Roma
Vina Gesù !!!

Moia Carissima suor Piera
e sorelle tutte siete allegre?

125



126













ANNO I

- N. 1 -

DICEMBRE 1877

BIBLIOFILO CATTOLICO

BOLLETTINO SALESIANO MENSUALE

Deposito di San Vincenzo in San Pier d'Arona

PARTENZA DEI MISSIONARI SALESIANI
e delle Suore di Maria Ausiliatrice per l'America.

La sera del 7 novembre dell'anno corrente sarà mai sempre gloriosa e memoranda per l'Oratorio di S. Francesco Sales.
Come era stato prima novella schiera di primordiali chierici per alla volta di loro.

fare nei sussogno con tre avvisi al ten...

OTTOBRE 1877

- N. 2 -

ANNO I

BIBLIOFILO CATTOLICO

BOLLETTINO SALESIANO MENSUALE

Deposito di San Vincenzo in San Pier d'Arona

STORIA DEI
ORATORIO FESTI

Gli Oratori
Giardini di
raccolgono
amanti tra
i loro re
il Reg
tro ch
cello
dio
go

in
da
non
tiero

ANNO I

- N. 1 -

SETTEMBRE 1877

BIBLIOFILO CATTOLICO

BOLLETTINO SALESIANO MENSUALE

Via Colalunga, N° 72, - Torino.

Ai Cooperatori Salesiani.

Nel nostro Regolamento, o Dottoimento Cooperatori, è prescritto un Bollettino mensile che a un tempo sacchiosi pubblicato per darvi ragguaglio delle cose fatte o da farsi onde ottenere il fine che ci siamo proposto. Secondario era il comune desiderio, affinché ognuno possa prestare l'opera sua con unità di spirito e rivolgere unanimi le nostre sollecitudini ad un punto solo: La gloria di Dio, il bene della Civile Società.

A quest'uso giudichiamo di servirvi del Bollettino, Bollettino che da qualche anno si stampa nella nostra tipografia di Torino e che per l'avvenire sarà stampato nell'Oratorio di S. Vincenzo in Stampiera. Questo nostro bollettino sarà stampato nell'Oratorio di S. Vincenzo in Stampiera.

Le cose che i soci o i loro direttori giudicano di proporre per bene generale e particolare dei Cooperatori, o Missionari Salesiani, possono essere:

1. Esposizione dei fatti che ai soci riuscirono fruttuosi o che possono servire ad altri di esempio. Quindi gli episodi avventosi, molti, fatti, le lettere dei Missionari che lavorano bene dell'umanità e della religione; le notizie e le lettere dei Salesiani, che sono dispersi per la fede nell'Asia, nell'Australia e specialmente dei selvaggi, a materia per noi opportuna.
2. Comunicazioni, annunzi di cose diverse, opere proposte: libri e massime da propagarsi, sono la terza parte del Bollettino.

Esposti così i nostri pensieri veniamo alla domanda che ci vien fatta da tutte parti di sapere cioè, quale sia lo scopo pratico dei Cooperatori.

Dei Cooperatori.

Il titolo del diploma o del libretto presentato ai Cooperatori spiega quale ne sia lo scopo. Diamo tuttavia breve spiegazione. Dicono Cooperatori Salesiani coloro che desiderano occuparsi di opere caritative non in generale, ma in specie, d'accordo e secondo lo spirito della Congregazione di S. Francesco di Sales.

Un Cooperatore di per sé può fare del bene, ma il frutto resta assai limitato e per lo più di poca durata. Al contrario unito con altri trova appoggio, consiglio, coraggio e spesso con leggera fatica ottiene assai, perché le forze anche deboli diventano forti se vengono riunite. Quindi il gran detto che l'Unione fa la forza, eis unita fortior.

19. AS MISSÕES

A Igreja é essencialmente missionária. Naturalmente, prepara e manda por todo o mundo homens que se votam inteiramente às missões, que são apóstolos. Dom Bosco é, por vocação, um missionário, um apóstolo. Desta vocação tinha ele uma ideia clara, aliás confirmada pelos seus sonhos. Não é pois de admirar que tão cedo tenha pensado nas missões.

Era para ele uma espécie de obsessão a ideia de partir em missão para além dos mares. Pensava na China. Porém, agora, era indispensável na Europa, à frente dos Salesianos. A custo permitiu que os seus filhos o retivessem. Mas de modo algum renunciou à ideia. Pessoalmente, levou a cabo duas missões, uma em França e outra em Espanha. Missões em que não se tratava propriamente de esclarecer a ignorância, mas sim de reacender a fé.

Quanto às grandes missões do ultramar, àquelas em que Dom Bosco não pôde participar pessoalmente, mas para onde enviou os mais corajosos dos seus filhos, é preciso colocá-las sob o signo das visões que lhe revelavam os desígnios de Deus e lhe inspiravam os meios de os realizar. Visões decisivas, essas, que surgiam nos momentos de escolha difícil ou muito importante.

Os dois sonhos que determinaram o envio de missionários salesianos para o ultramar tiveram lugar, o primeiro, em 1854, em Turim, o segundo no ano de 1883, em Hyères. E em ambos os casos são rapazes que se apresentam a Dom Bosco como intermediários entre o Céu e ele. São mensageiros. Da primeira vez é um moribundo; da segunda, é um rapazinho já morto, cuja alma aparece a Dom Bosco e lhe fala. Não é significativo o facto de Dom Bosco, o grande amigo e salvador dos rapazes, ter sido dirigido e guiado por rapazes vindos até ele dos confins dos dois mundos?... Para uma das maiores empresas da sua vida, quem melhor do que uma criança lhe poderia transmitir o pensamento do Senhor? Não era isto falar-lhe ao coração?

Em 1854, durante a tristemente famosa epidemia de cólera em Turim, encontrava-se Dom Bosco à cabeceira do pequeno Cagliero (o futuro cardeal), então moribundo. Súbitamente, vê uma pomba. Segurando no bico um raminho de oliveira, ela esvoaça por cima do doente. Aparecem também umas criaturas estranhas a pedir ao doente que vá com elas.

Passaram-se dezassete anos, e Dom Bosco teve outro sonho. Voltou a ver aqueles homens estranhos. Eles torturavam e assassinavam missionários, num país montanhoso e desconhecido. Depois, chegaram outros missionários. Mas a estes,

em vez de os matar, os selvagens estendiam-lhes os braços com transportes de alegria, e os missionários convertiam-nos.

Observando-os, Dom Bosco reconheceu nestes missionários alguns dos seus Salesianos. Mais tarde, ao narrar o sonho, acrescentava: « Eu poderia até dizer os nomes deles ». Porém, o que ele não conhecia era o nome do país aonde o seu sonho o levara. Por isso, pensava na África, na Ásia, na Austrália... e, afinal, tratava-se da América do Sul. A revelação não tardou muito.

Em 1874, vinte anos após este primeiro sonho, o Arcebispo de Buenos-Aires escreveu a Dom Bosco a oferecer-lhe a evangelização da zona meridional da Argentina, isto é, da Patagónia, da Terra do Fogo e do Estreito de Magalhães, até ao Polo Sul. Regiões ainda mal conhecidas e habitadas por selvagens.

Dom Bosco responde imediatamente a este apelo. Envia cinco sacerdotes e quatro leigos chefiados por Dom Cagliero, o pequeno moribundo de há vinte anos atrás, sobre o qual tinha aparecido a pomba com um ramo de oliveira no bico. E, no dia 11 de Novembro de 1875, este grupo de missionários parte de Génova, rumo à Argentina.

Dezassete dias passados, estabelecem-se em Nice os primeiros Salesianos.

O ano de 1875 ficou pois assinalado pela expansão da obra para além das fronteiras da Itália. Duas iniciativas significativas: uma a dois passos da Casa-Mãe, a outra muito longe, para além do oceano. Mas tão oportuna uma como a outra. Pouco a pouco, as missões salesianas foram-se instalando em todos os continentes. Porém, o grupo missionário que desembarcou na Argentina, em 1875, tem um lugar à parte. O seu trabalho, verdadeiramente extraordinário, deu-lhe o valor de um exemplo.

Esses Salesianos da primeira hora (apenas 10) depararam com uma região selvagem, a Pampa imensa; encontraram-se com populações de um primitivismo assustador, em muitos casos ferozes, brutalmente encurraladas pelos brancos; e viveram num solo ingrato, insalubre, ainda mais hostil do que os homens.

Apesar disso, em vinte anos eles exploraram toda a região, desbravaram grandes superfícies, difundiram a palavra de Deus, fertilizaram o solo e, pela Cruz, humanizaram as tribos selvagens. O caminho que prosseguiram foi um suceder-se de conquistas que, algumas vezes, custaram o preço do próprio sangue.

As missões salesianas iniciaram o seu apostolado na Argentina, mas hoje o seu campo de acção abrange toda a América do Sul. Bem cedo os filhos de Dom Bosco compreenderam que o continente americano era, de uma maneira especial, o seu campo de apostolado. Foi aí que eles experimentaram, pela primeira vez, as suas qualidades e virtudes de missionários. As fundações e conquistas que então fizeram revestiram o carácter de uma aprendizagem. E ainda hoje os Sale-

sianos são considerados os especialistas da cristandade na conversão dos índios da América Latina.

Do seu ponto de partida, no extremo sul (que, em 1884, se tornou no « Vicariato Apostólico de Magalhães »), e das missões da Pampa e da Patagónia, os missionários salesianos avançam em direcção ao Uruguai e ao Equador (1876). Neste país, evangelizam os Jivaros e, em 1892, fundam um vicariato. A seguir, chega a vez do Brasil imenso, onde convertem os Bororós do Mato Grosso, criam uma prelatura e se fixam nas margens do Rio Negro. Em 1893 entram em Porto Velho. Depois estabelecem-se no Grande Chaco do Paraguai; e, a seguir, desembarcam na Venezuela, em 1895. Em breve os vêem chegar ao Chile, à Colúmbia e ao Peru. Eles procuram implantar a Cruz em todos os lugares aonde a caridade os chama.

Também na América do Norte — Canadá, Estados-Unidos e México — os Salesianos estão presentes. Mas nestas nações, já cristianizadas, as suas fundações e actividades são em tudo semelhantes às que eles mantêm na Europa.

E não podemos acabar estas linhas acerca das missões salesianas na América sem falar de um sonho que Dom Bosco teve em Hyères, no dia 30 de Agosto de 1883. Depois daquela visão à cabeceira do pequeno Cagliero, o sonho de Hyères é o mais extraordinário dos avisos celestes relativos à evangelização da América pelos Salesianos. Dois anos mais tarde, o sonho irá repetir-se. Nele aparece a Dom Bosco o jovem Luís Colle, filho do Conde Colle de Toulon, um dos seus grandes benfeitores.

O jovem morrera dois anos antes. Dom Bosco mal tivera tempo de o conhecer. Mas, nesses breves momentos de convívio, nascera entre aquelas duas almas de eleição uma maravilhosa amizade. E muitas vezes Luís Colle voltou à terra para conversar com Dom Bosco.

Nesse dia 30 de Agosto, apareceu para, da parte de Deus, comunicar ao amigo a ordem de evangelizar a América do Sul e, de modo particular, uma região selvagem da qual, usando de estranhas coordenadas, indicou exactamente a posição geográfica. Também disse que nessa região, um dia mais tarde, havia de surgir uma grande cidade. Cumpriu-se a profecia: foi no local indicado por Luís Colle, no coração da floresta, que os brasileiros construíram a sua nova capital, Brasília. Nela se ergue um templo em honra de S. João Bosco, o segundo padroeiro da cidade, de que é principal padroeira a Virgem Santíssima.

Mas o mesmo sonho levou Dom Bosco muito mais longe. Proporcionou-lhe uma viagem à volta do mundo. Pôde assim visitar também a África e a Ásia, onde (e agora já não em sonhos) nós nossos dias se vêem grandes institutos

salesianos no Congo, no Egipto, em Marrocos, na Argélia, na Índia, na Tailândia, no Vietnam, no Japão, nas Filipinas.

Cerca de oitenta anos após a partida do primeiro grupo missionário enviado por Dom Bosco, as missões salesianas estão presentes em 29 nações não europeias. As irmãs salesianas participaram largamente nestas iniciativas, e isto já desde 1877. Onde chegam os padres salesianos, logo elas aparecem a colaborar.

A contribuição das Filhas de Maria Auxiliadora é bem digna de comparar-se à magnífica actividade dos Salesianos. Para elas, como para eles, a ordem do Céu é amar, unir, salvar por meio da Cruz.

133 Mesa de trabalho de Dom Bosco. O globo terrestre que se vê em cima dela muitas vezes sugeriu ao Santo belos sonhos de expansão mundial. Ao contemplá-lo, Dom Bosco via os missionários salesianos iniciarem o seu trabalho na Patagónia e depois, gradualmente, estenderem o seu apostolado a todo o mundo.

134 Dom Bosco entre os seus primeiros missionários, que saíram de Valdocco em 1875. A seu lado, o comendador Gazzolo, cônsul da Argentina.

135 Missionários da 12ª expedição, a última efectuada ainda em vida de Dom Bosco. Teve lugar em 1887.

136 Dom Cagliero. Chefou a primeira leva de missionários sendo depois, sucessivamente, bispo e cardeal. Vêmo-lo aqui na companhia de Zeferino Namuncurá, filho de um poderoso cacique da Patagónia. Zeferino morreu em Roma (1905) em odor de santidade. Por terem favorecido incansavelmente o desenvolvimento espiritual e material da vida dos indígenas, os Salesianos ganharam a confiança das várias tribos e dos chefes, o que assegurou o êxito das suas missões.

137 Em Valdocco. É intenso e contínuo o envio de material para as missões de todo o mundo. O principal centro dessa actividade é Turim.





134



135





20. CONSELHEIRO E AMIGO DO PAPA

A vida de Dom Bosco desenrolou-se sob seis pontificados; mas sòmente dois — o de Pio IX e o de Leão XIII — tiveram uma importância capital para a sua obra.

Quando foi eleito Pio IX, cujo pontificado se prolongou de 1846 a 1878, Dom Bosco tinha 31 anos. Estava na força da vida e na época crucial para a sua obra, a época da instalação no telheiro de Pinardi. À data da morte daquele pontífice, tem ele 63 anos, está na idade do declínio, mas já a sua obra se enraizou forte e definitivamente na Igreja.

Dom Bosco viveu ainda dez anos, sob o pontificado de Leão XIII. Dez anos de actividade intensa, de vitórias, mas também de imensas fadigas às quais acabará por succumbir.

As relações de Dom Bosco — padre de estreita observância como ele era — com a Santa Sé teriam sido muito simples e, por assim dizer, mesmo banais, se as circunstâncias a tal se tivessem prestado. Mas, por um lado os acontecimentos políticos, por outro lado a própria actividade de Dom Bosco tornaram essas relações muito delicadas e até, por vezes, lhe emprestaram uma feição dramática. A um mesmo tempo, tinha Dom Bosco que afirmar a sua fidelidade à Santa Sé e também a sua fidelidade ao Estado. Padre obediente a Roma, cidadão correcto para com a sua pátria, numa altura em que Roma e essa pátria estavam em conflito permanente e cada vez mais grave. Roma mantinha-se na sua posição de fé inalterável na Verdade que recebera em depósito, por definição imutável na sua Sede herdada dos Apóstolos. O Estado contestava aquela Verdade e aquela pretensão de imutabilidade. Um Estado que vivia em mudanças contínuas, animado por um impulso passional de destruição que tanto visava a ordem social estabelecida nas terras de Itália (incluindo Roma) como a religião nelas predominante.

Ora Dom Bosco, homem de Deus, não podia deixar de amar mais o Céu do que a terra, o Pontífice designado por Deus do que qualquer efémero chefe político. A despeito dos acontecimentos, o Papa conservava sempre a sua dignidade de Papa, Chefe da Igreja Universal; enquanto que os chefes políticos apareciam e logo desapareciam, ao sabor dos acontecimentos; e, uma vez caídos, nada mais representavam.

Mas para Dom Bosco havia também um problema afectivo. Ele venerou profundamente Pio IX e Leão XIII. As virtudes de que eles davam provas, a sua

grande inteligência, o muito que tiveram de sofrer pela Igreja, a sua benevolência para com o modesto sacerdote que ele era foram os laços que o prenderam aos dois grandes Papas, em quem Dom Bosco admirava, a um tempo, o homem e o pontífice. E eles, por seu lado, estimavam Dom Bosco porque, nele, o homem e a caridade eram inseparáveis. Daí, incessantes e cruéis dificuldades.

No interesse da sua obra, e portanto também da Igreja, foi Dom Bosco muitas vezes obrigado a chegar a acordo com o Estado, embora manifestando sempre a sua inalterável fidelidade à Santa Sé. Foi-lhe necessária muita habilidade (e tinha-a), a par de muita paciência. Mas também lhe foi precisa muita coragem para nada ceder no essencial, para jamais esconder, embora sem espalhafato, que — acontecesse o que acontecesse — a sua fidelidade à Santa Sé se manteria inatacável. E muito seria para admirar que, nestas condições, o Estado anticlerical não tratasse, por vezes, este humilde padre, amigo do Papa, como um inimigo.

E já era bem pesado este fardo!

Mas, enquanto que Dom Bosco lutava tão corajosamente pelo bem da Igreja, no seio dessa mesma Igreja deparava com uma viva oposição a si e à sua obra. O nosso Santo logo compreendeu que, para remover estes últimos obstáculos, o único processo eficaz era passar por cima deles e ir tratar directamente com o chefe, o Papa, falar-lhe, apresentar-se-lhe com toda a simplicidade. Deus faria o resto.

E Dom Bosco viu-se obrigado a ir a Roma 20 vezes, 15 para ser recebido por Pio IX e 5 por Leão XIII. Isto num período de 29 anos (1858 a 1887).

A primeira viagem fê-la na primavera de 1858. Ora Pio IX ainda não conhecia Dom Bosco e quis pô-lo à prova. Fê-lo pregar nas prisões. Foi um sucesso! Então, o Papa ofereceu-lhe a dignidade de monsenhor e o título de camareiro secreto. O Santo recusou, exclamando: « Que linda figura eu ia fazer no meio dos meus rapazes, com todo aquele roxo na batina! Permitti que eu seja sempre o pobre Dom Bosco! ». Pio IX ficou maravilhado. A partir desse dia, tornou-se o maior amigo de Dom Bosco e da sua obra. E, durante vinte anos, não cessou de dar provas dessa amizade.

Foi uma amizade rica em conselhos, em favores, em generosidades. Assim, foi Pio IX quem convenceu Dom Bosco a juntar aos Cooperadores as Cooperadoras. Deu-lhe a faculdade de confessar em todo o mundo (*in omni loco Ecclesiae*). E não ficou insensível perante a incurável pobreza do seu amigo. Para a edificação da Basílica de Nossa Senhora Auxiliadora, mandou-lhe 500 libras; mais 2 000 para a Igreja de S. João Evangelista; 6 000 para a primeira leva de missionários; e 20 000 para acudir a um momento de grande aflicção... Encarregou

Dom Bosco de servir de medianeiro entre a Santa Sé e o Estado para a nomeação de 108 bispos de outras tantas dioceses vacantes. E, por sua ordem, Dom Bosco trabalhou pelo triunfo das propostas da Santa Sé.

A estes actos de benevolência, respondia Dom Bosco com uma dedicação que nada conseguia arrefecer.

Em homenagem a Pio IX, Dom Bosco construiu, em Turim, a Igreja de S. João Evangelista. Como testemunho monumental de gratidão, à entrada da igreja ergue-se a estátua do Pontífice que tanto amou Dom Bosco e foi por ele amado. Morto Pio IX, sucedeu-lhe Leão XIII. De início, as relações entre o novo Papa e Dom Bosco foram, de certo modo, reservadas. Leão XIII era autoritário e distante. Mas depressa se deixou conquistar por «aquele pobre padre que — dizia ele — consegue dar o pão de cada dia a milhares de rapazes. Ali anda o dedo de Deus. É um milagre!». Ora, que pedir a um «pobre padre» capaz de fazer milagres? O impossível! — pois foi o que o Papa fez.

Em 1880, no decurso de uma audiência, o novo Papa revelou os seus projectos. Era preciso arranjar dinheiro, muito dinheiro, para acabar a Basílica do Sagrado Coração de Jesus, cuja construção tinha ficado apenas nos alicerces. Quem melhor do que o «pobre padre» poderia encontrar as somas necessárias?... E Leão XIII confia-lhe a conclusão do templo. Encargo assustador!

Dom Bosco está envelhecido, cheio de achaques, mas aceita. Para ele, um desejo do Santo Padre é uma ordem.

É então que vai à França, numa viagem extraordinária, em que a sua palavra e a sua presença de tal modo impressionaram os frânceses que eles responderam com ofertas cujo valor ultrapassou todos os cálculos.

Por fim, vencido por tanto zelo — para não dizer por tanto heroísmo — o Papa concedeu à Sociedade de S. Francisco de Sales os legítimos privilégios que Dom Bosco esperava havia 10 anos (1884).

«A Igreja precisa de si — disse-lhe o Papa. — Meu caro Dom Bosco, sou muito seu amigo... Eu quero ser tudo para os Salesianos... É o próprio Deus que o guia e que sustenta a sua congregação. Diga-o, escreva-o, pregue-o!».

Agora, Dom Bosco sentia-se esgotado. Mas ainda pôde aproximar-se do Santo Padre uma outra vez, na consagração da Basílica do Sagrado Coração de Jesus, em Maio de 1887. Sabendo que estava próxima a hora da morte, pediu-lhe a bênção. Morreu oito meses volvidos.

Mas aos seus filhos deixou, por escrito, normas confidenciais em que lhes lembra a dedicação indiscutível que devem ter pela Santa Sé.

É o testamento religioso de Dom Bosco que liga a Roma a sua grande família espiritual.

138 Basílica de S. Pedro, em Roma. Dom Bosco foi a Roma vinte vezes.

139 Pio IX. A fotografia pertenceu a Dom Bosco. Amigo e confidente de Pio IX e Leão XIII, ele recomendou aos seus filhos e filhas, de uma maneira especial, a obediência e fidelidade ao sucessor de Pedro.

140 Dom Bosco em 1887, um ano antes da sua morte. Fotografia de Luzzati, Génova.

141 Primeiro Concílio do Vaticano (18 de Julho de 1870). Os Padres Conciliares reuniram-se na nave lateral de S. Pedro. Proclama-se o dogma da Infalibilidade do Papa. No trono, Pio IX. Desenho de G. Altobelli que, recortando de fotografias o rosto de cada um dos Padres, colou depois esses recortes adaptando-os às personagens desenhadas.

142 Rascunho da carta de felicitações que Dom Bosco escreveu ao novo Papa, Leão XIII, eleito em 22 de Fevereiro de 1878.

143 Medalha de prata de Leão XIII, o Papa do mundo operário tão querido a Dom Bosco.

144 Basílica do Sagrado Coração, em Roma. Foi erigida por Dom Bosco, a pedido de Leão XIII. A inauguração fez-se no dia 14 de Maio de 1887, oito meses antes da morte do Santo.

145 O Papa Pio X, quando era ainda bispo de Mântua (Fotografia Ferretti, Treviso). O Cónego Sarto, futuro Pio X, visitou o Oratório de Valdocco em 1875. Dom Bosco não pôde oferecer-lhe senão um almoço extremamente frugal. Tão frugal que, acabada a visita, Dom José Sarto se viu obrigado a tomar uma segunda refeição num restaurante das vizinhanças...

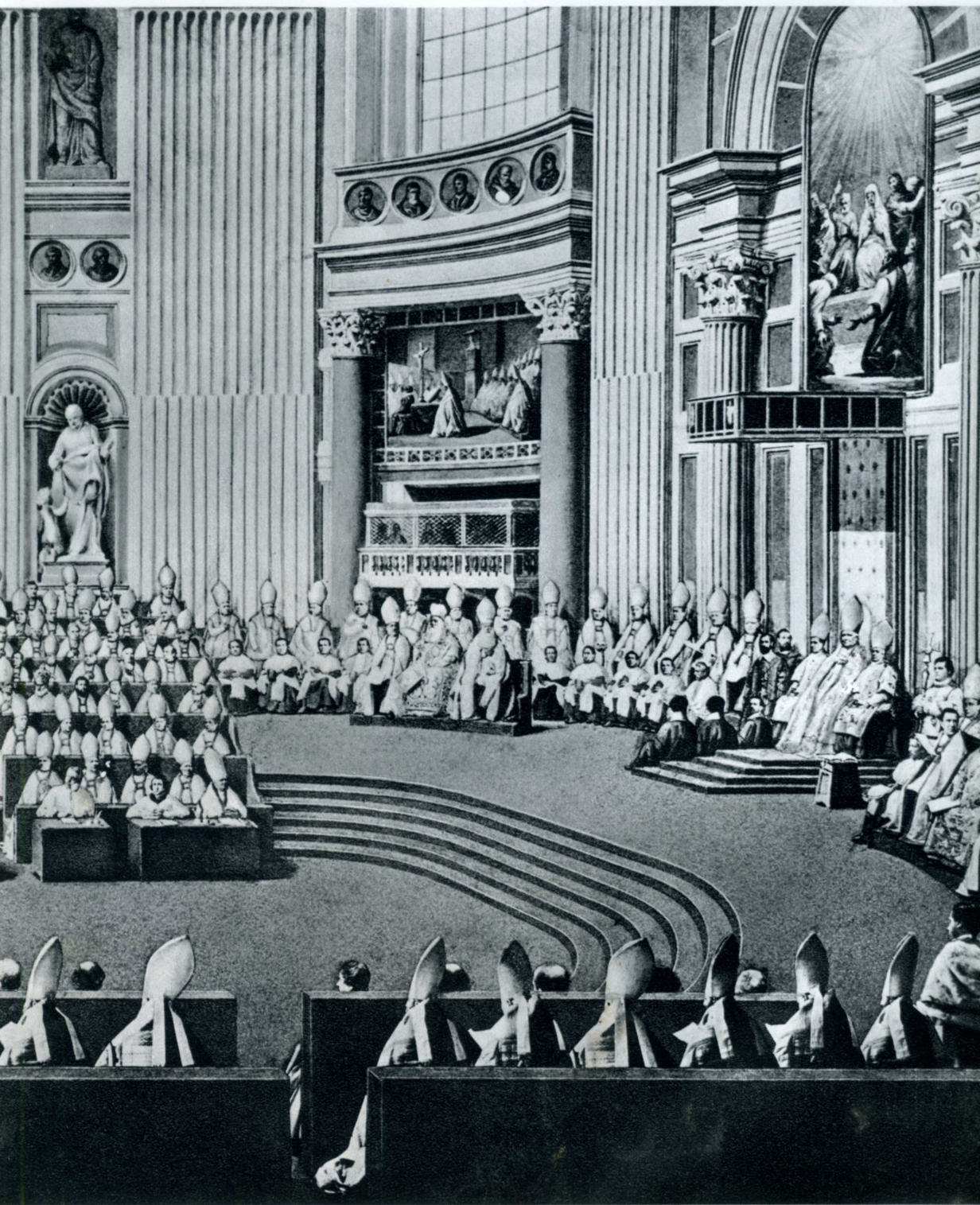
146 O Papa Pio XI. Ainda muito novo, Dom Ratti interessou-se vivamente pelos jovens e, de um modo especial, pela obra fundada por Dom Bosco em Turim, que visitou em 1883, quando era bibliotecário da Ambrosiana de Milão. Eleito Papa, proclamou Dom Bosco beato (1929) e, depois, santo (1934).











Beatissimo padre

La elezione straordinaria della

La elezione di lui
~~occupata per forma di V.S. a~~
~~un'opera di V.S. a~~

~~capo della chiesa cattolica di An~~

capo della chiesa cattolica
ricomprati tutti i ~~beni~~ ^{beni} ecclesiastici

più grande con cordiale

più grande con tante
consolazioni e a questo tanti
baci e baci baci baci baci

consolazione e a qua
 Fra qu^{te} figli adottivi ^{ma nel} ^{modo più} ^{moderato}

Fra queste figlie al suo
affetto se ne è speso il suo cuore, e di voler essere
per sempre la sua sposa, e di non aver mai più
altro amore che quello che ha per lei.

*Se un m'ha inteso, che
se sospetto si affogare
venga, e salviarmi, diti fa*

Terrapubblicana, e gallica, etc.

*fornito offrendo o religiosi
Società per la diffusione della
funzione di polizia contraria*

Quella congregazione contraria
della congregazione diretta.

e' stato consegnato ^{venerabile} diretto, ap-
to della ~~Lettera~~ ^{Lettera} ~~memoria~~

e' stato con ^{la} venerabile
presente dalla Felice memo-
ria di ^{noia} ~~noia~~ interdetto, ma

1. ¹¹ ¹² ¹³ ¹⁴ ¹⁵ ¹⁶ ¹⁷ ¹⁸ ¹⁹ ²⁰ ²¹ ²² ²³ ²⁴ ²⁵ ²⁶ ²⁷ ²⁸ ²⁹ ³⁰ ³¹ ³² ³³ ³⁴ ³⁵ ³⁶ ³⁷ ³⁸ ³⁹ ⁴⁰ ⁴¹ ⁴² ⁴³ ⁴⁴ ⁴⁵ ⁴⁶ ⁴⁷ ⁴⁸ ⁴⁹ ⁵⁰ ⁵¹ ⁵² ⁵³ ⁵⁴ ⁵⁵ ⁵⁶ ⁵⁷ ⁵⁸ ⁵⁹ ⁶⁰ ⁶¹ ⁶² ⁶³ ⁶⁴ ⁶⁵ ⁶⁶ ⁶⁷ ⁶⁸ ⁶⁹ ⁷⁰ ⁷¹ ⁷² ⁷³ ⁷⁴ ⁷⁵ ⁷⁶ ⁷⁷ ⁷⁸ ⁷⁹ ⁸⁰ ⁸¹ ⁸² ⁸³ ⁸⁴ ⁸⁵ ⁸⁶ ⁸⁷ ⁸⁸ ⁸⁹ ⁹⁰ ⁹¹ ⁹² ⁹³ ⁹⁴ ⁹⁵ ⁹⁶ ⁹⁷ ⁹⁸ ⁹⁹ ¹⁰⁰ ¹⁰¹ ¹⁰² ¹⁰³ ¹⁰⁴ ¹⁰⁵ ¹⁰⁶ ¹⁰⁷ ¹⁰⁸ ¹⁰⁹ ¹¹⁰ ¹¹¹ ¹¹² ¹¹³ ¹¹⁴ ¹¹⁵ ¹¹⁶ ¹¹⁷ ¹¹⁸ ¹¹⁹ ¹²⁰ ¹²¹ ¹²² ¹²³ ¹²⁴ ¹²⁵ ¹²⁶ ¹²⁷ ¹²⁸ ¹²⁹ ¹³⁰ ¹³¹ ¹³² ¹³³ ¹³⁴ ¹³⁵ ¹³⁶ ¹³⁷ ¹³⁸ ¹³⁹ ¹⁴⁰ ¹⁴¹ ¹⁴² ¹⁴³ ¹⁴⁴ ¹⁴⁵ ¹⁴⁶ ¹⁴⁷ ¹⁴⁸ ¹⁴⁹ ¹⁵⁰ ¹⁵¹ ¹⁵² ¹⁵³ ¹⁵⁴ ¹⁵⁵ ¹⁵⁶ ¹⁵⁷ ¹⁵⁸ ¹⁵⁹ ¹⁶⁰ ¹⁶¹ ¹⁶² ¹⁶³ ¹⁶⁴ ¹⁶⁵ ¹⁶⁶ ¹⁶⁷ ¹⁶⁸ ¹⁶⁹ ¹⁷⁰ ¹⁷¹ ¹⁷² ¹⁷³ ¹⁷⁴ ¹⁷⁵ ¹⁷⁶ ¹⁷⁷ ¹⁷⁸ ¹⁷⁹ ¹⁸⁰ ¹⁸¹ ¹⁸² ¹⁸³ ¹⁸⁴ ¹⁸⁵ ¹⁸⁶ ¹⁸⁷ ¹⁸⁸ ¹⁸⁹ ¹⁹⁰ ¹⁹¹ ¹⁹² ¹⁹³ ¹⁹⁴ ¹⁹⁵ ¹⁹⁶ ¹⁹⁷ ¹⁹⁸ ¹⁹⁹ ²⁰⁰ ²⁰¹ ²⁰² ²⁰³ ²⁰⁴ ²⁰⁵ ²⁰⁶ ²⁰⁷ ²⁰⁸ ²⁰⁹ ²¹⁰ ²¹¹ ²¹² ²¹³ ²¹⁴ ²¹⁵ ²¹⁶ ²¹⁷ ²¹⁸ ²¹⁹ ²²⁰ ²²¹ ²²² ²²³ ²²⁴ ²²⁵ ²²⁶ ²²⁷ ²²⁸ ²²⁹ ²³⁰ ²³¹ ²³² ²³³ ²³⁴ ²³⁵ ²³⁶ ²³⁷ ²³⁸ ²³⁹ ²⁴⁰ ²⁴¹ ²⁴² ²⁴³ ²⁴⁴ ²⁴⁵ ²⁴⁶ ²⁴⁷ ²⁴⁸ ²⁴⁹ ²⁵⁰ ²⁵¹ ²⁵² ²⁵³ ²⁵⁴ ²⁵⁵ ²⁵⁶ ²⁵⁷ ²⁵⁸ ²⁵⁹ ²⁶⁰ ²⁶¹ ²⁶² ²⁶³ ²⁶⁴ ²⁶⁵ ²⁶⁶ ²⁶⁷ ²⁶⁸ ²⁶⁹ ²⁷⁰ ²⁷¹ ²⁷² ²⁷³ ²⁷⁴ ²⁷⁵ ²⁷⁶ ²⁷⁷ ²⁷⁸ ²⁷⁹ ²⁸⁰ ²⁸¹ ²⁸² ²⁸³ ²⁸⁴ ²⁸⁵ ²⁸⁶ ²⁸⁷ ²⁸⁸ ²⁸⁹ ²⁹⁰ ²⁹¹ ²⁹² ²⁹³ ²⁹⁴ ²⁹⁵ ²⁹⁶ ²⁹⁷ ²⁹⁸ ²⁹⁹ ³⁰⁰ ³⁰¹ ³⁰² ³⁰³ ³⁰⁴ ³⁰⁵ ³⁰⁶ ³⁰⁷ ³⁰⁸ ³⁰⁹ ³¹⁰ ³¹¹ ³¹² ³¹³ ³¹⁴ ³¹⁵ ³¹⁶ ³¹⁷ ³¹⁸ ³¹⁹ ³²⁰ ³²¹ ³²² ³²³ ³²⁴ ³²⁵ ³²⁶ ³²⁷ ³²⁸ ³²⁹ ³³⁰ ³³¹ ³³² ³³³ ³³⁴ ³³⁵ ³³⁶ ³³⁷ ³³⁸ ³³⁹ ³⁴⁰ ³⁴¹ ³⁴² ³⁴³ ³⁴⁴ ³⁴⁵ ³⁴⁶ ³⁴⁷ ³⁴⁸ ³⁴⁹ ³⁵⁰ ³⁵¹ ³⁵² ³⁵³ ³⁵⁴ ³⁵⁵ ³⁵⁶ ³⁵⁷ ³⁵⁸ ³⁵⁹ ³⁶⁰ ³⁶¹ ³⁶² ³⁶³ ³⁶⁴ ³⁶⁵ ³⁶⁶ ³⁶⁷ ³⁶⁸ ³⁶⁹ ³⁷⁰ ³⁷¹ ³⁷² ³⁷³ ³⁷⁴ ³⁷⁵ ³⁷⁶ ³⁷⁷ ³⁷⁸ ³⁷⁹ ³⁸⁰ ³⁸¹ ³⁸² ³⁸³ ³⁸⁴ ³⁸⁵ ³⁸⁶ ³⁸⁷ ³⁸⁸ ³⁸⁹ ³⁹⁰ ³⁹¹ ³⁹² ³⁹³ ³⁹⁴ ³⁹⁵ ³⁹⁶ ³⁹⁷ ³⁹⁸ ³⁹⁹ ⁴⁰⁰ ⁴⁰¹ ⁴⁰² ⁴⁰³ ⁴⁰⁴ ⁴⁰⁵ ⁴⁰⁶ ⁴⁰⁷ ⁴⁰⁸ ⁴⁰⁹ ⁴¹⁰ ⁴¹¹ ⁴¹² ⁴¹³ ⁴¹⁴ ⁴¹⁵ ⁴¹⁶ ⁴¹⁷ ⁴¹⁸ ⁴¹⁹ ⁴²⁰ ⁴²¹ ⁴²² ⁴²³ ⁴²⁴ ⁴²⁵ ⁴²⁶ ⁴²⁷ ⁴²⁸ ⁴²⁹ ⁴³⁰ ⁴³¹ ⁴³² ⁴³³ ⁴³⁴ ⁴³⁵ ⁴³⁶ ⁴³⁷ ⁴³⁸ ⁴³⁹ ⁴⁴⁰ ⁴⁴¹ ⁴⁴² ⁴⁴³ ⁴⁴⁴ ⁴⁴⁵ ⁴⁴⁶ ⁴⁴⁷ ⁴⁴⁸ ⁴⁴⁹ ⁴⁵⁰ ⁴⁵¹ ⁴⁵² ⁴⁵³ ⁴⁵⁴ ⁴⁵⁵ ⁴⁵⁶ ⁴⁵⁷ ⁴⁵⁸ ⁴⁵⁹ ⁴⁶⁰ ⁴⁶¹ ⁴⁶² ⁴⁶³ ⁴⁶⁴ ⁴⁶⁵ ⁴⁶⁶ ⁴⁶⁷ ⁴⁶⁸ ⁴⁶⁹ ⁴⁷⁰ ⁴⁷¹ ⁴⁷² ⁴⁷³ ⁴⁷⁴

*per la tua bontà
ha grandemercito John Affonso
to di V. A. S. di Napoli*

una grande emulazione
e protezione d'v'si aff'ndi
ambrosiani e della repubblica

~~nella~~ ^{conseguire} ~~quindici~~ ~~a quella~~ ~~regolando~~

postquam quidam ex illis quibusdam
stabilitatis affertur magis

la stabilità del tutto
e non gloria di Dio

gibt glanz d. d. d.

nummuli de iustis bonis et
suis nullis dispersi nulli glati,

una molla, di sperti nett' gentile,
con frangia in America

San Francisco in America
on one affidavit of the ventriloquist

sono affidati ad altri venturieri
familiari. Tutti i miei propositi

James Mth Tuttle and others Messrs.
~~of the same name of the same name~~

~~Il primo momento si confonde tutto~~
in un solo e in un armonia sola

T
H
first ch
E
pro
mune

T. H. V. &
 in seller
 Treake

pasta grangere

*polla frangere. Infirmos magis
constabit. Ex affluente magis*

per la gloria di Dio
e per la salute dell'anima e del corpo





144



145



146

21. PARIS E BARCELONA

A sua absoluta dedicação à Santa Sé provou-a Dom Bosco, muitas vezes, com os seus actos. Mas o mais heróico de todos estes (atendendo à sua idade e aos seus achaques) foi o que ele realizou para que se pudesse terminar a Basílica do Sagrado Coração de Jesus, em Roma.

O apelo de Leão XIII foi a causa desta dupla viagem — ou desta dupla missão — que levou Dom Bosco à França, na primavera de 1883 e, mais tarde, à Espanha. Dom Bosco já fora à França duas vezes, mas visitara apenas o sul: Nice, em 1875, e Marselha em 1877. Nunca estivera em Paris. Ora, de há muito que Paris o fascinava, pois lhe parecia um lugar ideal para a sua obra. Desta vez a meta seria então Paris, lugar ideal também para a missão que lhe haviam confiado e que ele desejava levar a bom termo: arranjar dinheiro para a construção da Basílica do Sagrado Coração. A França era rica, sobretudo Paris. Dom Bosco sabia-o. Mas iriam os franceses corresponder ao seu apelo? Ele julgava que sim. E não se enganou.

Partiu de Turim no dia 31 de Janeiro de 1885, e só regressou em 31 de Maio seguinte. No decurso destes quatro meses de viagem, permaneceu cerca de cinco semanas em Paris (de 19 de Abril a 26 de Maio). Tinha então 68 anos. Estava velho, gasto, cansado. Pouco via e as pernas já não o ajudavam. Era-lhe necessário o apoio de um braço amigo para poder caminhar. Mas o espírito, o coração, a vontade continuavam fortes. E a fé transbordava daquela alma que conseguira guardar toda a sua juventude.

Dom Bosco entrou em França pela fronteira de Nice e daí se dirigiu a Paris, passando por Toulon, Marselha, Avinhão, Lião, Moulins. A viagem demorou 2 meses e 17 dias. Chegou a Paris a 19 de Abril. E, salvo duas rápidas viagens a Amiens e a Lille, permaneceu na capital até à data do regresso.

Paris era a meta da sua viagem. O acolhimento que ali lhe dispensaram espantou-o, de tal modo foi caloroso. Mas já pelo caminho Dom Bosco transtornara as cidades onde se detivera. Foi uma caminhada triunfal.

Sem que ele o soubesse, esperavam-no. A sua fama já chegara a Paris e conquistara os corações dos que ainda o não tinham visto. Mas ninguém — e muito menos ele — previra a emoção, a extraordinária ocorrência de fiéis, o entusiasmo das multidões que iria provocar a presença daquele « pobre cura de aldeia », como por vezes lhe chamavam.

Quando desembarcou em Avinhão houve uma autêntica corrida à sua chegada;

a multidão seguia pelas ruas atrás do carro que levava Dom Bosco. Puxavam-no, cortavam-lhe bôcados da batina e anéis do cabelo! Em Lião, o mesmo entusiasmo. Era preciso trancar as portas das igrejas quando ele celebrava...

E Paris? Que faria Paris?

Ele chegou ali precedido de uma popularidade que aumentava dia a dia. Da Provença e de Lião chegara à capital a fama: « É um santo ». Assustadora reputação!... A figura de Dom Bosco, com aquele ar tão humilde, não iria decepcionar os cidadãos da mais refinada das cidades da Europa?... E as suas palavras, o seu estilo, o seu sotaque não iriam provocar os sorrisos de um auditório por natureza irónico?... Para cúmulo, as coisas não corriam lá muito bem entre a Itália e a França. Como sempre, Dom Bosco deparava com dificuldades!

Mas — também como sempre — ele superou admiravelmente essas dificuldades, graças aos seus dotes naturais e aos dons que do Céu desciam sobre a sua cabeça. Dom Bosco amava e era amado. A sua caridade tudo vencia. Em poucas semanas conquistou a França. Hóspede de uma família amiga (a família Combaud) e das Irmãs Oblatas do Sagrado Coração de Jesus, viu correr ao seu encontro multidões cheias de entusiasmo. Alguém observou: « A cidade lançou-se aos pés de um santo ». Desde o tempo de Pio VII que não se via em Paris tal concurso de gente. E fala-se de Dom Bosco. Toda a imprensa se ocupa dele. Suplicam-lhe milagres. Ele realiza alguns, mas sempre atribui os méritos à sua Celeste Protectora. A afluência de pessoas é tal que se torna necessário protegê-lo. Seis secretários tentam responder a uma autêntica avalanche de cartas. E o tempo? Absorvem-lho! Dom Bosco levanta-se às cinco da manhã e deita-se à meia-noite. Extenuado? Que importa? De paróquia em paróquia ele vai celebrar missa. Prega, abençoa, consola. Quando fala, comove. Todos querem vê-lo. Fazem-no parar nas ruas. E aonde não vai ele? Quantos institutos religiosos não visita?... O Cardeal Lavigerie vem visitá-lo, recomenda-lhe a sua obra, chama-lhe « o S. Vicente de Paulo da Itália ». E chovem as ofertas, ofertas de pobres e de ricos. Ouro e jóias. Mesmo na rua lhos entregam. À falta de melhor lugar, não guardou ele os luíses de ouro nas pernas das calças atadas nos tornozelos com uns cordéis? Sobre Dom Bosco cai uma verdadeira chuva de oiro. Mas a cabeça conserva a calma. Ele faz o que pode, o melhor que pode, com a sua bonomia habitual. Mensageiro da esperança, da felicidade e da alegria, continua a ser o mais acessível dos intercessores, porque quer ser o mais humilde. Pregava mal? Mas a sua caridade pregava bem. E era a ela que todos escutavam. O seu prestígio é de tal ordem que atrai alguns visitantes de todo inesperados. Diz-se que até o próprio Vítor Hugo. Esta visita foi posta em dúvida. Mas Dom Bosco confirmou-a, e sabe-se que, após o regresso à Itália, rezava pelo grande poeta.

De Paris, foi a Amiens e a Lille, onde o assaltaram os mesmos entusiasmos e, por vezes, as mesmas violências. Com a sua costumada simplicidade, dizia ele: « Nem todos os loucos estão no manicómio! ». Também nessas duas cidades lhe cortaram muitos bocados à batina...

Em fins de Maio deixou Paris e, a caminho de Turim, visitou Dijon e Dôle. A missão acabara, e bem. A Basílica do Sagrado Coração de Jesus, em Roma, foi consagrada 4 anos depois. Nela, a 16 de Maio de 1887, celebrou Dom Bosco a sua última missa romana. Morreria dali por alguns meses.

Só com um grande esforço conseguiu terminar aquela missa, uma missa como-vedora, que lhe despedaçou o coração. Tinha chegado ao extremo limite das suas forças. Após a extenuante viagem a Paris, e um ano antes da inauguração e desta última missa em Roma, Dom Bosco fora a Barcelona.

E Barcelona foi um segundo Paris.

As autoridades esperavam-no na estação e 40 carruagens foram postas às suas ordens. Toda a população acorreu à casa salesiana de Sarriá: nobreza, clero, grandes industriais, jornalistas, operários, gente humilde do povo. Formavam-se bichas para o ver! Muitos esperavam a sua vez sentados à beira do caminho. E tão numerosas eram as pessoas que foi preciso fazê-las desfilar em grupos de cinquenta. O Santo abençoava-as e distribuía medalhas de Nossa Senhora Auxiliadora. Quando descia à cidade, por toda a parte se via gente à espera de o ver passar: nas árvores, nos candeeiros e até nos telhados das casas!...

Pediam-lhe, e ele curava. Proclamava-se o milagre. Ofereceram-lhe o cume de um monte que domina Barcelona — o Tibidabo — para que lá construísse um santuário dedicado ao Sagrado Coração de Jesus. E assim se fez.

No dia 6 de Maio de 1886, Dom Bosco deixa a Espanha. No regresso a Turim, passa por Montpellier, Tarascon, Valence e Grenoble, sempre saudado por uma multidão imensa.

Após quarenta e cinco anos de um apostolado difícil mas eficaz, Dom Bosco, aclamado por toda a parte, entrava na glória ainda em vida.

147 Igreja da Madalena, em Paris. A viagem de Dom Bosco à capital da França constituiu um verdadeiro triunfo.

148 Dom Bosco na propriedade Marti-Codolar, por ocasião da sua viagem a Barcelona, em 1886. Inclinado para ele, vê-se Dom Rua, o seu primeiro sucessor na chefia da Congregação Salesiana.

149 Medalha oferecida a Dom Bosco, em Barcelona. A inscrição diz: « Al Rev.do Don Juan Bosco, miembro de honor y mérito de la Asociación de Católicos de Barcelona; 15 de abril de 1886 ».

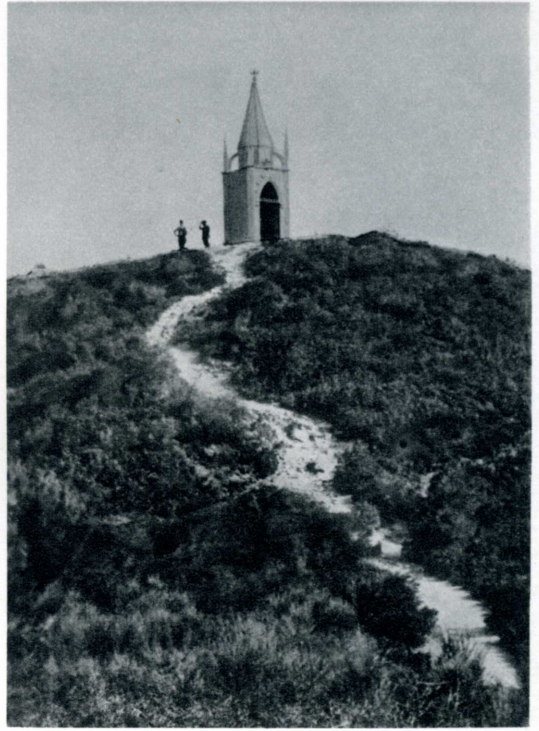
150 O monte « Tibidabo » em Barcelona, nos fins do século passado. No alto, uma modesta capela. A capela e o terreno adjacente foram oferecidos a Dom Bosco.

151 O monte « Tibidabo » na actualidade. Em sonhos, Dom Bosco vira erguer-se no seu cume um magnífico santuário. Esse santuário, cuja inauguração teve lugar em 1961, foi dedicado ao Sagrado Coração de Jesus e está a cargo dos Salesianos.

152 Uma das últimas fotografias de Dom Bosco. Em Barcelona, cansado e enfraquecido pela doença e pela viagem.







150



151



22. A PARTIDA

Mesmo para a melhor das lâmpadas chega o momento de se apagar. E nada desgasta tanto o corpo como os fogos da alma. Dom Bosco nascera robusto e, no decurso da vida, dera muitas vezes prova de grande força física. Mas, o mesmo mal que vitimara os pais lhe prejudicara a ele a saúde. Tanto o pai como a mãe tinham morrido com pneumonias. E ele já tivera duas que o haviam deixado às portas da morte. Escapara. Mas de cada uma destas provas saíra mais fraco, menos resistente; e não era homem para se dar a longas e completas convalescenças. Aos 69 anos a ciência condenara-o. Diagnóstico: excesso de fadiga, desgaste total. Um único remédio podia ser aconselhado: repouso completo. Não para se curar (coisa já impossível) mas, ao menos, para prolongar a vida. Recusa categórica de Dom Bosco: « É o único remédio que eu não posso aceitar ». A seguir vieram as duas grandes viagens à França e à Espanha que lhe acabaram com as últimas forças.

A partir de então, podemos seguir, passo a passo, o seu declínio.

No dia 16 de Maio de 1887, na Basílica do Sagrado Coração, em Roma, só a muito custo consegue celebrar a missa.

Mas a 3 de Dezembro do mesmo ano, em Turim, vê-se obrigado a renunciar por completo.

Porém, o dia 7 trouxe-lhe uma grande alegria: a presença de Monsenhor Cagliero, chegado da América para o ver. É que uma voz lhe segredara: « Vai para junto de Dom Bosco. Ele não tarda a morrer ».

E Dom Bosco declinava a olhos vistos. Foi no dia 8 que tomou a última refeição no refeitório, rodeado pelos seus filhos.

No dia 9 deu o último passeio de carruagem.

Corria o ano jubilar de Leão XIII, e os visitantes afluíam. Dos mais humildes aos mais ilustres, chegavam das cinco partes do mundo. Dom Bosco recebia-os no seu quarto, só renunciando às audiências no dia 23.

Apesar de muito doente, continuara a confessar e, no dia 17, ainda atendeu um grupo de jovens penitentes, os últimos.

As missões não lhe saíam do pensamento, preocupavam-no. E dizia, com a sua voz agora já tão fraca: « Tende confiança! Tende confiança! Propagai a devoção a Nossa Senhora Auxiliadora ». Jamais o abandonava o pensamento da Mãe de Deus. A Ela tudo devia.

Sabiam-no prestes a morrer. E no mundo inteiro rezava-se por ele. Em todas as

casas salesianas havia promessas, votos, sacrifícios, adorações diurnas e nocturnas. Ao Oratório, assediado pela multidão, chegavam numerosos telegramas.

Ele, Dom Bosco, continuava calmo e dizia: « Ficai a saber que eu não tenho medo de nada. Estou tranquilo e pronto... Rezam pela minha cura?... É inútil. Vou para a eternidade... Na terra já nada mais posso fazer pelos meus filhos. Para os poder ainda ajudar é preciso que eu vá para o Céu... ».

A paralisia ia-se propagando a todo o corpo.

No dia 24 de Dezembro, pelas onze horas, Monsenhor Cagliero deu-lhe a Extrema-Unção. E, no dia seguinte, comunicou-lhe a bênção do Santo Padre. Sucedião-se altos e baixos. O doente adormecia durante horas. Depois, ao acordar, muito lúcido, resolvia, com toda a clareza, um ou outro assunto relacionado com a Sociedade Salesiana.

Dom Bosco mantinha o costumado bom-humor e chegava a gracejar a propósito dos seus próprios sofrimentos.

Muitas vezes repetia: « Meus filhos, a única dor que sentirei é a de ter que vos deixar ».

Uma ideia, porém, não o largava: ele queria morrer pobre, mas pobre de uma pobreza absoluta. Entregou ao seu fiel Dom Rua o humilde porta-moedas que usara, declarando: « Quero morrer tão pobre que todos possam dizer que Dom Bosco não deixou nem um vintém ». Infelizmente, ele sabia que assim era; quanto a dinheiro, nada deixava aos seus filhos. No dia em que morreu, o Oratório era tão pobre como ele. Mas um e outro possuíam grandes riquezas espirituais. Por isso, doente como estava, não cessava de pregar aos seus Salesianos a invencível confiança que lhe enchia a alma: « Até aqui temos caminhado com toda a segurança. E não podemos enganar-nos. É Nossa Senhora quem nos guia ». Mal que despertava dos seus longos sonos, aproveitava as poucas forças que lhe restavam para dar aos seus filhos mais alguns conselhos. Às migalhas... Mas essas migalhas eram o testamento do pai que se preocupava com o deixar após si as regras para a vida prática e para a vida espiritual da Sociedade Salesiana. Eis algumas das frases então recolhidas, tesouro simples mas deveras precioso: « ... Os superiores devem ser benévolos para com os inferiores... Sobretudo que se mostrem cheios de caridade para com os serviçais... Fazei de tudo para salvar almas, o maior número de almas possível... Amai-vos uns aos outros, tratai-vos como irmãos... Suportai-vos... O auxílio de Nossa Senhora não vos há-de faltar... Devoção à Virgem Santíssima, Comunhão frequente, não deixeis de aconselhar isto aos rapazes... Dizei-lhes que os espero no Paraíso... ».

No dia 29 de Janeiro recebeu, pela última vez, a Comunhão. Era a festa de S. Francisco de Sales. Disseram-lho. E ele ficou contente.

Ainda nesse dia, fizera uma recomendação ao seu secretário: « Quando eu não puder mais falar, se alguém vier pedir a minha bênção, tu pegas-me na mão, fazes com ela o sinal-da-cruz, e também pronuncias a fórmula. Eu ponho a intenção ». Por vezes a sua mente roçava pelo delírio mas, mesmo nesse estado, as palavras que proferia evocavam sempre Nossa Senhora, Jesus, o Céu...

« ... Mãe! Mãe! Amanhã! Amanhã!... Jesus!... Jesus!... Maria! Maria!... Dou-Vos o meu coração e a minha alma... *In manus tuas, Domine, commendo spiritum meum*... Oh! Mãe!... Mãe!... Abre-me as portas do Paraíso!... ».

Ainda pôde recitar o *Miserere*, e repetiu várias vezes: *Fiat voluntas tua!*

A paralisia continuava a progredir. Dom Bosco emudeceu. Não mais tornaria a falar... Mas levantava continuamente a mão esquerda. E o desenlace fatal aproximava-se...

Minutos dramáticos aqueles!...

Dom Rua, o seu sucessor, convoca em torno daquele leito de agonia todos os filhos do Oratório desfeitos em pranto. Às centenas, desfilam perante o moribundo, ajoelham e beijam-lhe a mão...

No dia 31, à 1 hora e 15 minutos, começa a agonia. Monsenhor Cagliero pega na mão do agonizante para que ele dê a última bênção à sua família tão querida. Cerca das 3 horas, chega a última bênção pontifícia.

Ouve-se o toque do *Angelus*. Cessa o estertor. Dom Bosco expirou...

São 4 horas e 45 minutos.

Ao ter conhecimento desta morte, toda a cidade correu ao Oratório.

Dom Bosco é levado para a Igreja de S. Francisco de Sales.

Revestido dos paramentos sacerdotais, com o crucifixo nas mãos, sentado numa cadeira, ele parece dormir.

Amanhece. A multidão tornou-se compacta e desfila lentamente diante do corpo. Todas as classes da sociedade tomam parte nesse silencioso desfile. Oitocentos rapazes estão ali em prece.

O Padre Francesia diz algumas palavras. E que poderia ele dizer de mais como-vedor do que as próprias palavras do Santo, que agora repete: « Dizei aos meus rapazes que os espero a todos no Paraíso... »?

No dia 2 de Fevereiro, o corpo é transportado para o colégio salesiano de Valsállice. E, no dia 6, sela-se a sepultura. Mais de 100 000 pessoas tinham assistido aos funerais.

Naquela sepultura devia Dom Bosco permanecer durante 41 anos. Sòmente no dia 9 de Junho de 1929, os seus restos foram levados em triunfo, rodeados pelos seus Salesianos, para a Basílica de Nossa Senhora Auxiliadora.

Desde então, é aí que ele repousa.

153 Sofá e cadeira. Neles passou Dom Bosco os últimos meses da sua vida. Aí descansava, rezava, trabalhava. As suas pernas, inchadas, mal lhe permitiam alguns passos. Os olhos, cada vez mais fatigados, já não o deixavam ler. Passava o tempo a ditar aos seus secretários. Nos momentos de descanso, contava-lhes episódios dos primeiros tempos do Oratório...

154 Mesa de cabeceira e diversos outros objectos usados por Dom Bosco. A garrafa de água que, no momento da sua morte, se encontrava em cima desta mesa, foi selada. Ainda se conserva no Museu de Dom Bosco, em Turim.

155 O leito em que Dom Bosco expirou. Lençóis e cobertores guardam-se cuidadosamente no armário das relíquias. O Santo servia-se do escabelo para subir para o leito, quando as pernas lhe doíam muito.

156-157 O corpo de Dom Bosco, revestido das insígnias sacerdotais, foi exposto à veneração dos fiéis na galeria contígua aos seus aposentos. Esta fotografia foi tirada no próprio dia da sua morte, 31 de Janeiro de 1888. O crucifixo e a poltrona ainda lá estão na galeria ao lado do quarto.

158 O crucifixo que Dom Bosco apertava nas mãos durante a agonia.

159 O caixão que guardou os restos mortais de Dom Bosco até à sua beatificação, em 1929.

160 Valsálce. O Instituto Salesiano que o Santo fundou, próximo de Turim, e guardou os seus restos desde 1888 a 1929.



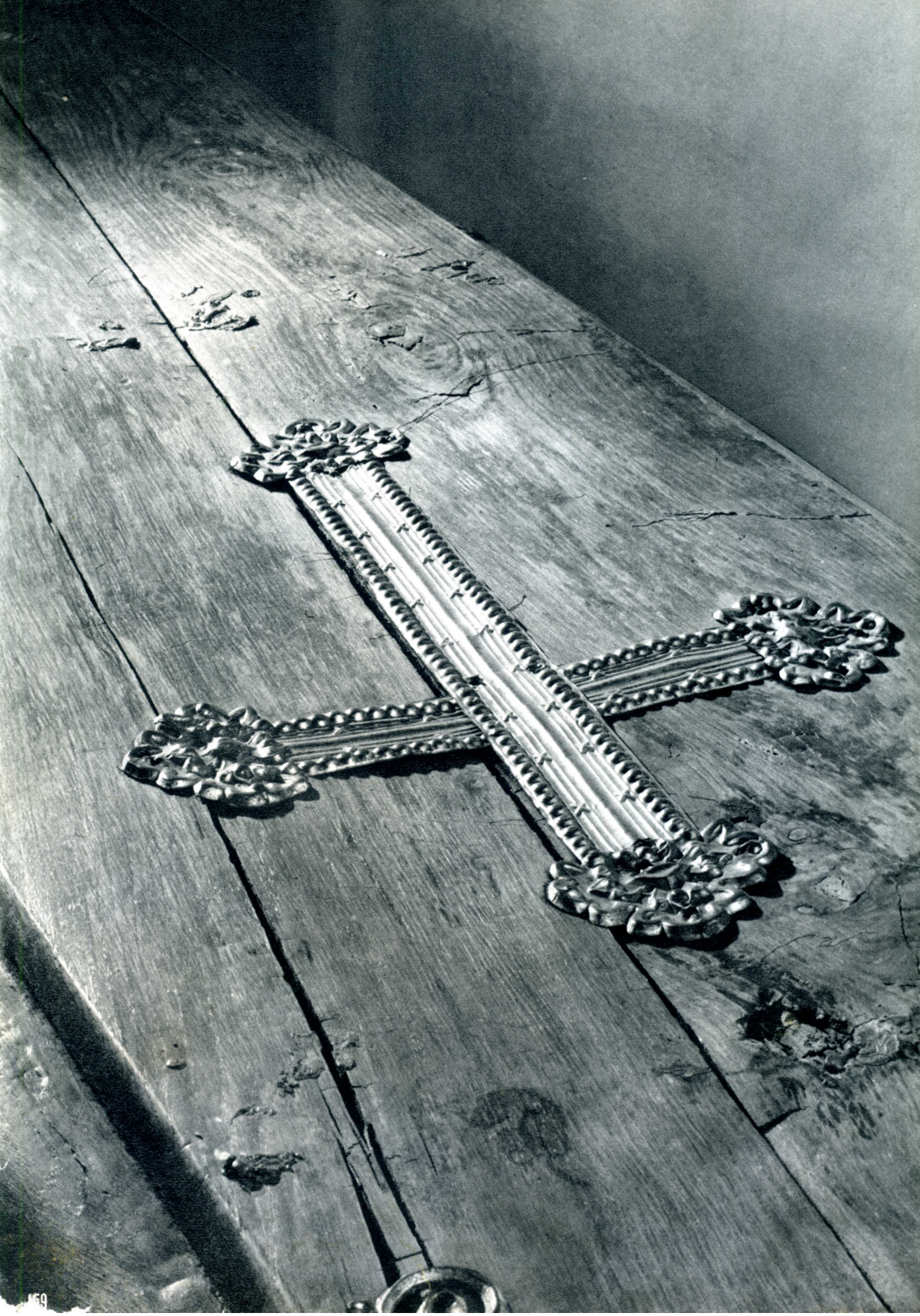














23. OS CAMINHOS DO CÉU

Mas teria realmente morrido esse homem que, apenas exalado o último suspiro, suscita no mundo inteiro um movimento em direcção ao seu sepulcro? E logo começam as peregrinações, procuram-se as relíquias, surgem os milagres.

No dia 4 de Junho de 1890, em Turim, o Tribunal Eclesiástico começa o inquérito. Ele vai demorar 7 anos. Foram necessárias 562 sessões e 34 000 páginas « in-folio ». É o *processo diocesano*, concluído em 1 de Abril de 1897.

Enviado para Roma fica depositado na *Congregação dos Ritos*. Vão ser examinados minuciosamente os escritos, as palavras, as virtudes e os milagres de Dom Bosco. Vai demorar 10 anos este segundo exame! E a conclusão será favorável.

Então, a 28 de Julho de 1907, Pio X declara Dom Bosco *Venerável*.

É apenas o primeiro passo. Vai começar o grande *processo apostólico* que se prolongará por 22 anos!

A 2 de Junho de 1929, perante milhares de fiéis agrupados na Basílica Vaticana, Pio XI declara Dom Bosco *Beato*. Aplausos vibrantes acolheram esta declaração. Cinco anos volvidos, o mesmo Pio XI coloca a última coroa, a auréola da santidade, sobre a cabeça de Dom Bosco.

Foi triunfal a canonização. Teve lugar no dia de Páscoa e coincidiu com o encerramento do Ano Santo. Tão numerosos eram os fiéis que metade deles, por falta de espaço, não puderam entrar na Basílica de S. Pedro.

Um glorioso *Te Deum* enchia as naves. E lá fora, sob o azul do céu, os quatrocentos carrilhões das igrejas de Roma tocavam, em uníssono, à glória do novo Santo.

Esta solenidade realizou-se em 1 de Abril de 1934. Em 25 de Março de 1936, o culto de S. João Bosco tornou-se extensivo à Igreja Universal, e a sua festa foi fixada no dia 31 de Janeiro, dia do seu « nascimento no Céu », *Dies Natalis* como o denomina a liturgia.

Relembremos as palavras que se proferem na celebração da sua missa:

« *Dedit illi Deus sapientiam et prudentiam multam nimis et latitudinem cordis quasi arenam, quae est in litore maris* » (III Reis 4, 29).

(« Deus deu-lhe sabedoria e grande prudência, e um coração tão vasto como as praias do mar... »).

E também aquelas outras que tão claramente nos pintam a sua energia cristã:

« *Contra spem in spem credidit* ».

(« Ele esperou contra toda a esperança »).

24. A MIRACULOSA EXPANSÃO DA OBRA SALESIANA

As manifestações de imensa popularidade, que caracterizaram as últimas duas viagens de Dom Bosco à França e à Espanha, demonstram, com toda a evidência, a extensão e a ressonância da sua obra no mundo.

Mas se ele foi recebido com tantas aclamações e com tão grande entusiasmo, isso deve-se, antes de mais nada, à santidade que irradiava da sua pessoa. Sem esta irradiação, não teria existido a obra. Pode afirmar-se isto sem receio de desmentido. Sem um homem como era Dom Bosco, sem a santidade que ele possuía, os corações que amam somente o que se vê, o que se ouve, o que se toca, não se teriam deixado comover, prender, exaltar, como deixaram. A conquista-los foi o poder de uma ardente vida interior. E esta vida interior do Santo explica tudo. Porque tudo se baseia na sua alma da qual nós conhecemos apenas as aparências externas. Aparências que, sem dúvida, eram índices extraordinários do que, nas profundezas, se passava, muito em segredo, entre ele e Deus. Só os sinais exteriores se podiam notar e, por mais extraordinários que parecessem aos olhos menos penetrantes, a verdade é que eles constituíam somente os actos humanos de uma colaboração sobrehumana entre o Senhor e o seu eleito. Por instinto, por modéstia, por humildade cristã, Dom Bosco escondia a vida profunda da sua alma. E por prudência também, porque essa alma era favorecida com visões e sonhos que teriam surpreendido o comum dos mortais. Somente ele podia e sabia interpretar-lhes o significado para uso dos homens. Porque eram visões e sonhos que exigiam interpretação. Ele sabia-o muito bem (e também sabia que, apesar de tudo, era preciso dá-los a conhecer) e por isso os traduzia por actos. E realizou esses actos. Sobre estas maravilhas inefáveis fundou um imenso edificio de caridade cristã.

Foi desta maneira que ele falou o mais claramente possível do amor de Deus pelos homens. Cada uma das suas fundações — ainda a mais material — foi uma palavra de Deus transmitida pela sua boca. Ele pregou e evangelizou com criações que atraem e prendem os homens: as instituições e os edificios. A sua eloquência foi e continuará a ser convincente graças aos monumentos que edificou. Dom Bosco foi um dos grandes construtores — no sentido técnico da palavra — que têm construído sobre a terra, misturando a pedra com o homem para um maior amor a Cristo.

E ele queria que o edificio sobrevivesse ao construtor. Porque, mesmo quando a sua lembrança permanece em nós muito tempo, os homens passam. Os maiores

como os mais pequenos. Mas, se nos deixaram monumentos, estes se encarregam de os fazer lembrar. Um monumento é um aviso dirigido ao nosso esquecimento, para nos recordar a existência passada do seu construtor. E, se o monumento se fez por nosso amor — como os que foram feitos por Dom Bosco — esta lembrança tem um alcance que pode atingir as mais remotas sociedades humanas. Ora, esse grande monumento, que deu origem a tantos outros no mundo, é a Sociedade de S. Francisco de Sales.

O seu espírito é bem conhecido. É o espírito do Fundador continuado, comentado, aplicado, desenvolvido no impulso que o Santo lhe deu. Longe de afrouxar, acelera. Dom Bosco sobrevive nele. E certamente que, lá do Céu onde a Igreja o glorificou, ele vê com alegria a expansão da sua Sociedade até aos últimos confins da terra.

Desde o tempo do jovem Garelli, catequizado por Dom Bosco (com uma ideia ainda em embrião), até aos dias de hoje, após 124 anos de incessante desenvolvimento, vejamos a grandeza atingida pela Sociedade de S. Francisco de Sales, isto é, até aonde chegou a visão profética de S. João Bosco.

Ele amava a realidade, e tinha razão. A realidade fala claro. Para de tal nos darmos conta, basta penetrarmos na realidade salesiana. Antes de prosseguir, temos que pôr de parte as atribuladas Igrejas do Silêncio. E vamos visitar os cinco continentes.

A Obra Salesiana encontra-se em 67, nações, onde possui 1 368 casas com 22 500 Salesianos.

A família salesiana engloba:

Cooperadores	500 000
Alunos	680 000
Antigos alunos	1 000 000
Paroquianos	5 000 000

A estes é preciso juntar os números referentes às Filhas de Maria Auxiliadora:

Irmãs, noviças e postulantes	18 225
Alunas ou assistidas	600 000
Obras diversas	1 435

Também, entre os seus membros, a Sociedade conta 1 cardeal, 9 arcebispos e 39 bispos.

Para informar, reunir, animar toda a família salesiana espalhada pelo mundo, há o *Boletim Salesiano*. Publicado em 12 línguas, tem 32 edições com uma tiragem mensal que ultrapassa o milhão de exemplares.

Os números aqui apontados valem mais do que as palavras. Têm uma eloquência própria. Provocam a admiração.

Admiração legítima, inspirada pela grandiosa realidade salesiana hoje existente. Mais viva, porém, se torna, se, erguendo os olhos daquilo que é, daquilo que temos diante de nós, os volvermos para o passado, um passado longínquo, para as origens desta construção imponente.

Pois não nos veio isto tudo de um pobre camponês, nascido na casita humilde de uma herdade perdida na distância? Nada denunciava os desígnios do Céu. E também nada fazia prever que aquela pobre criança estivesse destinada a levar a palavra de Cristo a lugares em que a imensa miséria dos homens parecia impossibilitá-los de ouvir essa palavra. Mas já a vimos a construir, a erguer « cidades » seguras e irradiantes de caridade cristã. Esta criança, João Bosco, o pequeno criado de lavoura, é o criador e o artífice de uma vasta obra de amor consagrada à infância pobre. O « Salesianismo » é algo mais do que uma doutrina: é um edifício de amor para uso dos humildes.

Ele, o humilde Dom Bosco, teve uma visão larga, uma amplíssima visão. Inspirava-o Jesus — seu modelo e mestre — para quem nada ultrapassa, em grandeza, as crianças e os humildes.

161 O primeiro monumento a Dom Bosco. Foi erigido pelos seus conterrâneos em 1898, na pequena praça de Castelnuevo d'Asti. A seguir, a localidade passou a chamar-se « Castelnuevo Don Bosco ».

162-163 Em 2 de Junho de 1929, Dom Bosco foi proclamado « Beato ». Corria o pontificado de Pio XI. Aqui, à direita, vemos o Papa ajoelhado diante da imagem do novo Beato. À esquerda, a trasladação do corpo de Dom Bosco de Valsálce para Turim-Valdocco, no dia 9 de Junho de 1929, por entre uma densa multidão de fiéis que rezava e cantava.

164 O dia de Páscoa de 1934 viu a suprema glorificação de Dom Bosco. Nesse dia, 1 de Abril de 1934, ele foi canonizado pelo Papa Pio XI. Na fotografia vê-se a entrada do Papa na Basílica de S. Pedro. Na

praça, uma multidão imensa vinda de todos os continentes.

165 Hoje, o corpo de Dom Bosco repousa num altar monumental, a ele dedicado, na Basílica de Nossa Senhora Auxiliadora, em Turim.

166 O corpo de Dom Bosco, na sua urna de cristal.

167 O pobre e humilde camponês de Becchi é hoje venerado na Basílica de S. Pedro, em Roma, como fundador de uma Congregação religiosa. A sua estátua (da autoria do escultor Canonica) está em lugar de honra, por cima da de S. Pedro e do retrato de Pio IX, o protector e amigo. Um caso curioso e quase inacreditável: num dos seus sonhos, Dom Bosco viu-se na Basílica de S. Pedro, em Roma, no lugar que hoje ocupa a sua estátua.



A
DON
GIOVANNI BOSCO
LA PATRIA

1898





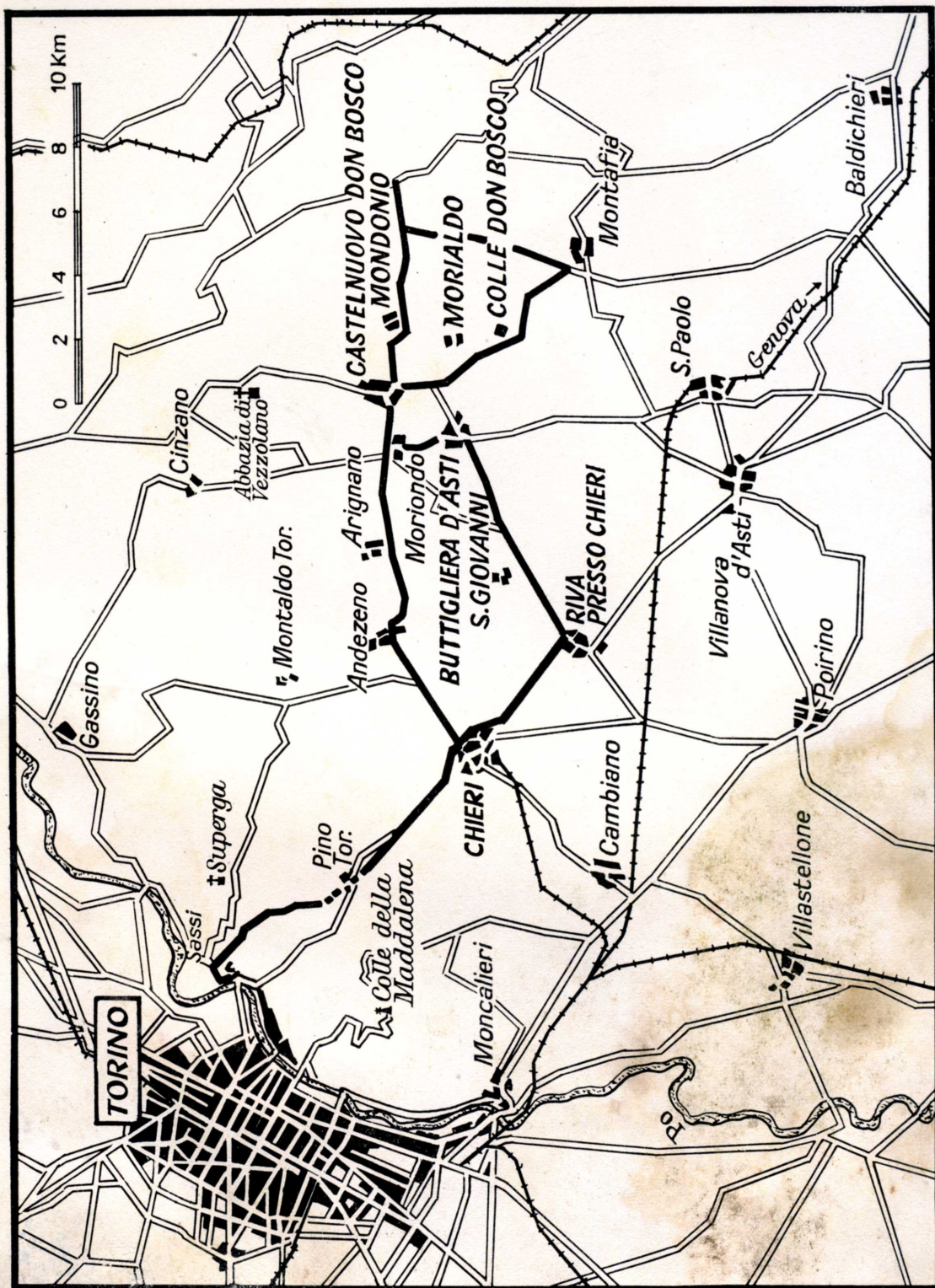












ÍNDICE

1. A laboriosa infância de um santo	5
2. João, criado de lavoura, em Moncucco	17
3. A Divina Pastora	23
4. Dez anos de provas	35
5. Explicador e criado de café	43
6. Férias em Sussambrino	53
7. Os últimos passos em direcção ao altar	59
8. O apóstolo dos deserdados	71
9. Um patronato móvel	77
10. A política do « Pai-Nosso »	93
11. Finalmente, um tecto	105
12. Os Salesianos	113
13. A pedagogia do amor	125
14. Uma vitória difícil	137
15. Encontro com Domingos Sávio	145
16. Um incansável trabalhador da pena	151
17. Anos felizes para o Oratório	157
18. A segunda e terceira famílias salesianas	169
19. As missões	181
20. Conselheiro e amigo do Papa	189
21. Paris e Barcelona	201
22. A partida	209
23. Os caminhos do Céu	221
24. A miraculosa expansão da Obra Salesiana	222

Ilustrações e ordenação da matéria de Leonard von Matt, fotógrafo em Buochs (Suíça)

Todas as fotografias foram por ele tiradas em 1963, propositadamente para esta obra, com excepção das velhas fotografias do tempo de Dom Bosco e das da origem da Obra Salesiana, que provêm do Arquivo Central Salesiano

Texto do escritor Henri Bosco, de Nice (França)

Tradução portuguesa de Zita Givoni Garcia

Aprovação eclesiástica e da Sociedade de S. Francisco de Sales

Nihil obstat

Turim, 11 de Janeiro de 1965

P.º José Zavattaro

Imprimatur

Turim, 12 de Janeiro de 1965

Vicente Rossi, Vigário-Geral

Direcção da edição de Afonso Trottmann, director-geral da Editorial NZN de Zurique, em colaboração com o Gabinete de Imprensa da Direcção-Geral das Obras de Dom Bosco, de Turim

Impressão { *do texto* : Escola Gráfica Salesiana - Turim (Itália)
 { *das ilustrações* : IMAGO - Zurique

Propriedade reservada às Edições Salesianas - Porto (Portugal)

Esta obra foi também publicada nas seguintes edições:

Edição alemã : Echter-Verlag - Würzburg

Edição espanhola : Central Catequística Salesiana - Madrid

Edição francesa : Éditions SPES - Paris

Edição inglesa : Burns & Oates Ltd. - Londres

Henry Regnery Company - Chicago

Edição italiana : Società Editrice Internazionale - Turim

Todos os direitos reservados. Copyright 1965 by Opere Don Bosco, de Turim, e NZN-Verlag, de Zurique